



PADEC EME

A publicação de atualização dos diplomados da
ECEME

Publicação semestral II Nº 02/2023

CAXIAS 220 ANOS

Escola de Comando e Estado-Maior do Exército
(Escola Marechal Castello Branco)
v. 19 n. 31 - 02/2023

PADEC E M E

02/2023
Rio de Janeiro



ISSN 1677-1885

O PADEC EME é uma publicação semestral da Divisão de Doutrina da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), de natureza acadêmica, sem fins lucrativos, baseada na política de acesso livre à informação.

Endereço e Contato

Praça General Tibúrcio, 125, Praia Vermelha, Rio de Janeiro/RJ, Brasil. - CEP: 22290-270.
Tel: (21) 3873-3825 / Fax: (21) 2275-5895
e-mail: padeceme@eceme.eb.mil.br

Os textos publicados não refletem, necessariamente, a opinião da ECEME ou do Exército Brasileiro.

Comandante da ECEME

Gen Bda SERGIO MANOEL MARTINS PEREIRA JUNIOR

Editor

Maj HERMES LEONARDO MORAIS FAIOLO SILVA

Comissão Editorial

Cel RENATO VAZ

Cel R1 NEWTON CLEO BOCHI LUZ

Cel R1 RAPHAEL MOREIRA DO NASCIMENTO

Cel R1 FLÁVIO ROBERTO BEZERRA MORGADO

Ten Cel WAGNER PERES LEITE

Ten Cel OINA GUATEMALA CÉSAR GIOVANNI CHUC SINGÜEZA

Ten Cel OINA CHILE AUGUSTO ALFREDO MÁNUEL ESPINA PAZOS

Ten Cel OINA ECUADOR BYRON FERNANDO FUERTES DIAZ

Maj OINA PARAGUAI WILIAN EDUARDO VALDEZ REOLON

Maj OINA ARGENTINA JORGE EDUARDO GOMEZ POLA

Maj OINA MEXICO JOSÉ DAVID CONTRERAS PASTRANA

Diagramador e Designer Gráfico

Maj HERMES LEONARDO MORAIS FAIOLO SILVA

Propriedade Intelectual

Todo o conteúdo do periódico, exceto onde está identificado, está licenciado sob uma Licença Creative Commons do tipo atribuição BY-NC-SA 4.0.

Editoração

Tikinet.

Impressão

Gráfica Triunfal.

Design gráfico da capa

SEÇÃO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA ECEME

Tiragem

200 exemplares (Distribuição Gratuita)

Disponível também em: <http://www.ebrevistas.eb.mil.br/PADEC EME>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP):

P123 PADEC EME. — N.01 (2002-). Rio de Janeiro:
ECEME, 2002- . v. : il.; 23 cm.

Semestral

Publicada dos n.1-14 com o título PADEC EME entre os anos de 2002 e 2007, volta a ser publicada com o mesmo título em 2015, dando sequência a sua numeração.
ISSN : 1677-1885

1. DOUTRINA MILITAR. 2. DEFESA. I. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (Brasil).

EDITORIAL

Prezados leitores,

Para a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército é motivo de imensa honra poder prestar singela homenagem, por meio da presente edição, aos 220 anos do nascimento do Marechal Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro.

No presente exemplar, apresentamos artigos elaborados no ano 2022, por grupos de trabalho compostos por oficiais alunos do primeiro ano do Curso de Comando e Estado-Maior, fruto de estudos e discussões dentro da disciplina de História Militar.

Grande estadista e exemplar soldado, Caxias dedicou sua vida integralmente ao serviço da Pátria, com nobreza de propósitos e sem ambições pessoais. Pacificou a Nação, tendo a virtude e o exemplo como norteadores de sua conduta. Entendeu e praticou o sacerdócio que verdadeiramente caracteriza a profissão militar, como nenhum outro, servindo sempre com grandeza e humildade. Foi coerente, corajoso, honrado e generoso. E não menos importante, foi um conciliador, artífice da unidade nacional, que tratou com igual respeito os vencedores e vencidos.

Nos três primeiros artigos, é dada especial atenção à atuação de Caxias como líder militar. No primeiro texto, é apresentado o seu papel na pacificação nacional durante as revoltas ocorridas no Império, e na sequência, a atuação do Duque de Ferro na campanha contra Oribe e Rosas é abordada. A seguir, é apresentado seu desempenho como comandante militar durante a importante Guerra da Tríplice Aliança, e nos últimos três artigos, foi destacado o papel do estadista, soldado e cidadão exemplar, que foi escolhido por suas virtudes para ser o patrono do Exército Brasileiro.

Ao rememorar tão importantes episódios da vida do Duque de Caxias, de nosso glorioso Exército e de nosso amado país, que possamos nos inspirar para vencermos os desafios que se apresentam nos dias atuais, bem como aqueles que certamente serão enfrentados em tempos vindouros. Que nos espelhemos no Pacificador ao buscar sempre a unidade e a conciliação, e ao cultuar e praticar os valores que nos são tão caros. Que sejamos exemplo e esteio para o povo brasileiro, sempre prontos a superar antagonismos, respeitando a legalidade e agindo de forma firme, decidida e justa.

Agradeço e parabenizo os nossos oficiais alunos autores dos artigos desta edição do PADECUME. Aproveito a oportunidade para convidar a todos os oficiais que passaram por esta casa a participarem do Programa de Atualização dos Diplomados da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, compartilhando suas experiências, opiniões e conhecimentos nas publicações da nossa Escola Marechal Castello Branco.

Uma boa leitura a todos!

General de Brigada Sergio Manoel Martins Pereira Junior

Comandante da ECEME

SUMÁRIO

A LIDERANÇA DE CAXIAS EM SUA ATUAÇÃO NA PACIFICAÇÃO DAS REBELIÕES DO IMPÉRIO BRASILEIRO

Maj Cav JOÃO CARLOS DEALMEIDA LIMA; Maj Com WASHINGTON RODRIGUES DA SILVA; Maj Inf GABRIEL BELLO VISCONTI; Maj Inf ROBERTO WAGNER MONTEIRO DOS SANTOS; Maj Eng ODILON FERREIRA ALVES JUNIOR; Maj Inf BRUNO GUIMARÃES MELNIK; Maj Inf TIAGO CAVALCANTI VIEIRA GONÇALVES; Maj QMB MAURO LUCIO NUNES DOS SANTOS; Maj Inf JOÃO ALEXANDRE DA CUNHA PAIVA; Maj Art GUSTAVO CAIO NORO FERNANDES BARBOSA; Maj Art THIAGO LOPES BARRETO VELASCO e Maj Inf CAIO GUILHERME DE SOUZA ABREU

7-21

ATUAÇÃO DE CAXIAS NA GUERRA CONTRA ORIBE E ROSAS

TC Inf HUMBERTO ANDRÉ PRAZERES GUAITA; Maj Inf MAURILIO LUCIO DA SILVA JUNIOR; Maj Inf DIOGO FERNANDES FALEIRO VIEIRA; Maj Cav JOSIEL ALMEIDA DE AVILA; Maj QMB VICTOR ARTUR BALDISSERA; Maj Eng HEVERTON MEDEIROS DE FRANÇA; Maj Inf ANDRÉ LUIZ FREIRE DA CRUZ SILVA; Maj Art FILIPE LOURENÇO FRANÇA; Maj Inf ANDRÉ LUIZ MÜLLER ANTUNES; Maj Inf GUSTAVO ROCHA SOUTO; Maj Inf HUGO DAVID ARAUJO; Maj Cav SPENCER DENIS FERREIRA

22-34

A ATUAÇÃO DE CAXIAS COMO COMANDANTE MILITAR NA GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA

TC Art JACAONO BATISTA DE LIMA JUNIOR; TC Inf EDER JOSÉ CADORIN; Maj Cav CARLOS FRIEDRICH KASPER; Maj Inf MOABE DA COSTA LUNA; Maj Inf ARTHUR NUNES E SILVA; Maj Com AUGUSTO DA SILVA GUIMARÃES; Maj Inf FELIPE VIEIRA MONROE; Maj Sv Int TIAGO REBOUÇAS FELIX; Maj Inf SAMUEL SCHILLING DA SILVEIRA; Maj Inf DIEGO MAURÍCIUS PAIVA DOS SANTOS; Maj Eng LEONARDO FREIRE GOMES BEZERRA

35-50

SUMÁRIO

O DUQUE DE CAXIAS COMO POLÍTICO E ESTADISTA

TC Inf PEDRO SANTORO COSTA DA SILVA; TC Com RODRIGO LUIZ VALIM; Maj Inf DANIEL SOUSA LEITE LADEIA; Maj Inf ANTÔNIO OLIVEIRA CARVALHO FILHO; Maj Inf HEINZ STRICKER DO VALLE; Maj Eng MARCELO CAHÚ GONÇALVES; Maj Inf ALEXANDRE MENEZES DA SILVA; Maj Art VITOR MENDONÇA SOARES; Maj Cav LUIZ FERNANDO VALVERDE BASTOS; Maj Int RICARDO DOS SANTOS SALES; Maj Eng RAFAEL BUARQUE DE GUSMÃO GOMES e Maj Inf ALEXANDRE ROSA DE MEDEIROS.

51-66

CAXIAS - A REFERENCIA DE LIDERANCA DO EXERCITO BRASILEIRO

TC Inf JONAS MOLZ; TC Art CHRISTIANO MARINS ANSELMO PINHEIRO; Maj MÁRIO AUGUSTO DE MORAES SILVA; Maj Inf CLODOALDO PIRES FILHO; Maj Art ANTONIO MARCOS MARQUES DOS ANJOS; Maj Com PAULO CORDEIRO AZEREDO; Maj Inf ANDRÉ FELIPE BOTELHO GONDIM; Maj Inf RODRIGO ALMEIDA BRITES; Maj Eng LUIS AUGUSTO LOPES JUNIOR; Maj Cav RAFAEL SILVA ROMANI; Maj Int GUILHERME DANTAS SOUSA; e Maj Inf THYAGO AUGUSTO RABELLO FERMIANO.

67-82

CAXIAS – A ESCOLHA DO EXEMPLO DE SOLDADO E CIDADÃO COMO PATRONO DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Maj Com FRANCISCO RODRIGUES DE SENA ALVAREZ, Maj Art CARLOS EDUARDO OLIVEIRA, Maj Inf RONALDO RAFAEL ROQUE, Maj Art JOEL REIS ALVES NETO, Maj Inf BRIVALDO LUIZ LOPES SILVA, Maj LEANDRO VIEIRA BARBOZA, Maj Com IGOR LEONARDO VENTAPANE FREITAS, Maj Cav WILLIAM HENRIQUE GUIMARÃES, Maj Inf RONALDO DE SOUZA CAMPOS, Maj Cav BRUNO LION GOMES HECK, Maj QMB JOSÉ AUGUSTO DA CRUZ MARIANO e Maj Eng CLEYTON TEIXEIRA HIGINO.

83-95

Para manter-se atualizado sobre os assuntos relativos à Doutrina Militar, acesse os seguintes endereços na internet:

<http://www.cdoutex.eb.mil.br/>



<https://www.doutrina.decex.eb.mil.br/>



A LIDERANÇA DE CAXIAS EM SUA ATUAÇÃO NA PACIFICAÇÃO DAS REBELIÕES DO IMPÉRIO BRASILEIRO

Maj Cav JOÃO CARLOS DE ALMEIDA LIMA; Maj Com WASHINGTON RODRIGUES DA SILVA; Maj Inf GABRIEL BELLO VISCONTI; Maj Inf ROBERTO WAGNER MONTEIRO DOS SANTOS; Maj Eng ODILON FERREIRA ALVES JUNIOR; Maj Inf BRUNO GUIMARÃES MELNIK; Maj Inf TIAGO CAVALCANTI VIEIRA GONÇALVES; Maj QMB MAURO LUCIO NUNES DOS SANTOS; Maj Inf JOÃO ALEXANDRE DA CUNHA PAIVA; Maj Art GUSTAVO CAIO NORO FERNANDES BARBOSA; Maj Art THIAGO LOPES BARRETO VELASCO e Maj Inf CAIO GUILHERME DE SOUZA ABREU¹.

1. INTRODUÇÃO

Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, participou de uma série de eventos e conflitos no período imperial brasileiro. Sua atuação na pacificação de rebeliões mostrou-se destacada em diversas campanhas e cenários políticos, desde o Maranhão ao Rio Grande do Sul, sempre de forma exitosa, contribuindo para manutenção da estabilidade e consolidação do Império.

Nascido no Rio de Janeiro em 1803, ingressou no Exército ainda jovem. Matriculou-se na Academia Real Militar aos 15 anos (BRASIL, [20--a]), destacando-se por sua inteligência estratégica e sua capacidade de liderar tropas.

¹ Os autores são alunos do Curso de Comando e Estado-Maior da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME).

Caxias também foi um destacado líder político, tendo ocupado relevantes cargos como o de presidente da Província do Rio Grande do Sul; comandante-em-chefe do Exército e senador (BRASIL, [20--b]). Ficou conhecido pela defesa dos direitos dos soldados e pelo compromisso com a modernização das Forças Armadas Brasileiras, além de atuar como defensor da educação, da ciência e nos cuidados com a população nacional.

O presente artigo trata da atuação de Caxias na pacificação de cinco rebeliões do Império, a saber: Abrilada (RJ); Balaiada (MA); Sedição de Sorocaba (SP); Rebelião de Barbacena (MG) e Guerra dos Farrapos (RS).

2. DESENVOLVIMENTO

a. ABRILADA (RJ)

No período de 1822 a 1831, o Brasil mergulhou em um processo de afirmação e reconhecimento internacional de sua separação do domínio português, além de ter enfrentado os desafios para manter a unidade territorial. As lutas pela independência, a Guerra da Cisplatina e as instabilidades de ordem interna puseram à prova o Estado brasileiro e a sua liderança, o imperador Dom Pedro I (BRASIL, 1972).

Nesse contexto, as forças político-ideológicas existentes estavam representadas por quatro grupos que disputavam o protagonismo nacional: os “caramurus” ou “corcundas” (conservadores, restauradores e absolutistas, que desejavam o retorno do Brasil à condição de colônia portuguesa), os constitucionais (que lutavam por uma monarquia baseada em uma Constituição, limitando o poder real), o “jurujubas” (liberais e republicanos, que almejavam o fim da monarquia e o estabelecimento de uma república) e os “tatus” ou “caracóis” (cautelosos oportunistas, que evitavam conflitos e alinhavam-se a um dos três anteriores, conforme os seus próprios interesses) (CARVALHO, 1991).

As pressões sobre o imperador, iniciadas pelos grupos supramencionados e ecoadas na imprensa, acompanhadas da instabilidade econômica fruto da dívida externa e dos gastos com os conflitos de afirmação da independência do país, levaram a uma crise que resultou em uma série de desordens e tentativas de sublevação, em especial na capital brasileira, a cidade do Rio de Janeiro.

Como consequência, em 6 de abril de 1831, após Dom Pedro I recusar-se a dissolver o Ministério dos Marqueses, as tropas imperiais marcharam para o Campo de Santana, sob o comando do general Francisco de Lima e Silva (CARVALHO, 1991). Contaminadas pelo espírito revoltoso, encontravam-se prontas para opor-se à postura absolutista do imperador (BRASIL, 1972).

Dentre as tropas comandadas pelo general, estava o Batalhão do Imperador, cujo subcomandante era o então major Luís Alves de Lima e Silva. Tal organização militar também marchou para o Campo de Santana. O futuro duque de Caxias, contudo, fez questão de afirmar que marchava em cumprimento à ordem competente do general Lima e Silva (seu pai) e do comandante da sua unidade, o coronel Manuel Lima e Silva (seu tio), mas sem se colocar como revolucionário. Dessa maneira, manteve-se leal à autoridade de Dom Pedro I e como fiel observador da disciplina, ao atender às determinações de seus superiores hierárquicos e comandantes imediatos (CARVALHO, 1991).

O Imperador Dom Pedro I, porém, abdicou ao trono e regressou a Portugal, em 7 de abril de 1831. Assim, foi estabelecida a Regência Trina Provisória, com a finalidade de apaziguar as divergências dos grupos políticos que almejavam o poder (SEIDL, 1903).

A extinção da figura unificadora do Imperador gerou a eclosão de revoltas, motins e sedições pelo país. Ao longo de 1831, pode-se citar a sublevação do 26º Batalhão de Caçadores e do Corpo de Polícia do Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro, bem como do 14º Batalhão de Infantaria e na cidade de Santo Antônio, em Pernambuco. Já em 1832, a Revolta do Guanais e do 10º Batalhão de Caçadores, na Bahia, e a insurreição de caráter restaurador no Crato, no Ceará (BENTO, 2003). Tais movimentos ilustram a situação política e belicosa em que o Brasil se encontrava após a abdicação de Dom Pedro I.

Diante do referido quadro, da premência de tempo e da criticidade dos eventos, os maiores Luís Alves de Lima e Silva e João Paulo dos Santos Barreto propuseram a formação de uma tropa composta exclusivamente por oficiais (SEIDL, 1903) e, assim, foi formado o Batalhão Sagrado (CARVALHO, 1991). Como comandante, foi designado o general João Manuel de Moraes e, como subcomandante, o futuro duque de Caxias. A nova unidade recebeu o encargo de

manter a ordem na capital do Império, dissolvendo ajuntamentos e combatendo revoltas (SEIDL, 1903).

A criação do Batalhão Sagrado tratou-se de uma situação temporária e improvisada. Posteriormente, Diogo Feijó determinou a criação de um corpo militar denominado de “Municipais Permanentes”, designando o major Luís Alves de Lima e Silva para organizá-lo e comandá-lo. A escolha de Caxias deveu-se ao seu prestígio, seu caráter enérgico e seu espírito disciplinador, impregnando a tropa de forte senso de hierarquia e disciplina, tão necessárias para lidar com a efervescência política e revoltosa da capital (SEIDL, 1903).

Nesse contexto, em setembro de 1831, Miguel de Frias, uma das lideranças entre os jurujubas, havia se envolvido em um conflito no Teatro Constitucional Fluminense, sendo recolhido preso na Ilha de Villegagnon (CARVALHO, 1991).

Já na noite de 2 de abril de 1832, iniciando os episódios daquele mês que caracterizaram a Abrilada, aproveitando-se da falta de disciplina das tropas do Império e da sua popularidade e carisma, conseguiu revoltar a guarnição da prisão na qual se encontrava. Em seguida, deslocou-se até a Fortaleza de Santa Cruz, cooptando o apoio de militares daquela unidade (SEIDL, 1903).

Formando um grupo de insurretos, Miguel de Frias desembarcou sua tropa em Botafogo, juntou outros exaltados da população local e seguiu para o Campo de Santana, onde proclamou a República (SEIDL, 1903).

Assim que tomou ciência da situação, o Corpo de Municipais Permanentes foi empregado, juntamente com a infantaria e cavalaria, para conter os revoltosos (SEIDL, 1903), desarticulando os insurretos já nos primeiros contatos. Em seguida, Luís Alves comandou uma carga de baioneta, enquanto infantes e cavalarianos avançavam pelas ruas dos Ciganos e do Alecrim (CARVALHO, 1991).

Com a dispersão dos revoltosos, o major Miguel de Frias fugiu a cavalo, o que foi observado por Luís Alves, que partiu em seu encalço. Durante a perseguição, um dos revoltosos realizou disparo de arma de fogo, levando Luís Alves a curvar-se de maneira abrupta para se proteger, vindo a cair ao chão. Rapidamente, ergueu a si e ao seu animal e retomou o galope. Perdeu, porém, o rastro do fugitivo (CARVALHO, 1991).

Ao chegar na rua do Areal, Luís Alves deparou-se com um ajuntamento de pessoas na frente da casa do desembargador Nabuco, gritando que Frias havia se escondido ali. Então, o próprio proprietário apareceu na janela e ajudou Caxias a adentrar na sua residência (CARVALHO, 1991).

Após uma revista no domicílio, o comandante do Corpo de Municipais Permanentes encontrou um quarto trancado. Abriu a porta e fitou Miguel de Frias. Sem nada dizer, o major Luís Alves fechou a porta e se retirou do recinto (SEIDL, 1903). Esse ato de generosidade e benevolência marcou a derrota do movimento e poupar o seu líder da morte, da prisão, e, talvez, de tornar-se um mártir republicano, o que poderia inflamar ainda mais as revoltas e rebeliões do período regencial.

Assim sendo, o major Luís Alves manteve-se leal à ordem vigente, tanto no episódio da abdicação do Imperador como nos movimentos revoltosos do início do período regencial. Teve papel fundamental na organização do Batalhão Sagrado e do Corpo de Municipais Permanentes. Ainda, foi capaz de induzir a disciplina e o comprometimento patriótico nos militares, saneando as efervescências políticas nas tropas do Exército.

b. A BALAIADA NO MARANHÃO

No campo político, o Ato Adicional de 1834², além de instituir a regência Una, atribuiu maior autonomia às províncias (BRASIL, [20--c]). Com isso, ocorriam disputas violentas entre o Partido dos Conservadores, integrado por portugueses, chamados “cabanos”, e o Partido Liberal, composto por oposicionistas conhecidos como “bem-te-vis”³ (BENTO, 2003).

A revolução no Maranhão foi chamada Balaia pela associação ao apelido de Francisco dos Anjos Ferreira, “Balaio”, um dos maiores líderes da revolta (BENTO, 2003). Outra importante liderança foi o vaqueiro Raimundo Gomes, o qual realizou um audacioso ataque à cadeia pública do município de Manga, no intuito de libertar um irmão que ali estava detido (CARVALHO, 1991).

2 O Ato Adicional de 21 de agosto de 1834 é como ficou conhecida a Lei nº 16 de 12 de agosto de 1834 (IMPÉRIO DO BRASIL, 1834).

3 O termo bem-te-vi originou-se do jornal da oposição com ideais republicanos que assim era chamado à época (BENTO, 2003).

O cenário maranhense de descaso das autoridades em relação aos atos de banditismo social, com certa semelhança ao que viria a ser o cangaço, associado ao quadro político, permitiu que a organização de Francisco Ferreira e Raimundo Gomes agregasse muitos adeptos (CARVALHO, 1991).

Em 1º de julho de 1839, os balaios conquistaram a cidade de Caxias, a “Princesa do Sertão”, que foi cercada pelos cangaceiros e resistiu ao cerco por 46 dias. Em decorrência da falta de suprimentos, do acometimento da malária nos soldados da resistência caxiense e da fuga dos escravos que se juntaram ao movimento balaio, a cidade foi abandonada pelos defensores (CARVALHO, 1991).

Como reação, o Estado brasileiro designou o tenente-coronel Luís Alves de Lima e Silva para solucionar a crise no Maranhão. Promovido ao posto de coronel em dezembro de 1839, Lima e Silva assumiu o comando da força militar e o cargo de presidente da província em fevereiro de 1840. Seu primeiro ato foi lançar um manifesto para atingir as camadas políticas que se aproveitaram das ações dos revoltosos para conquistar algum tipo de benefício (CARVALHO, 1991).

O coronel Lima e Silva demonstrou habilidades como gestor, adquiriu gêneros para o Exército e inseriu homens de sua confiança para verificar a chegada do gado. Estabeleceu medidas para proteger o comércio, garantiu o pagamento das tropas e limites de gratificação aos comandantes. Instalou pontos de enfermarias nos locais a serem ocupados pelas tropas, além de determinar a construção de estradas, permitindo a penetração no interior da província (CARVALHO, 1991).

Além disso, criou a Divisão Pacificadora, composta por três colunas operacionais. Os balaios não possuíam bases fixas, sua estratégia assemelhava-se a uma guerrilha, empregando ações isoladas, como ataques a pontos fracos das defesas do governo. Ademais, o coronel Lima e Silva escolheu a estratégia de manter as vilas e cidades mais importantes suficientemente garnecidas contra os revoltosos, estabelecendo pontos fortes, o que tornou possível combater o movimento, empregando, com frequência, o cerco de contingentes rebeldes encontrados pelo caminho (BENTO, 2003).

Com essa estratégia, vitórias significativas foram obtidas nos meses de abril e maio de 1840. Raimundo Gomes fugiu para o Piauí, mas as tropas o seguiram. O vaqueiro buscou o perdão, mas suas condições não foram aceitas. Rendeu-se em

15 de janeiro de 1841, sendo anistiado. O Balaio, Francisco Ferreira, foi derrotado e morreu em consequência de ferimentos. Com esses acontecimentos, outros grupos de bandoleiros resolveram se entregar (CARVALHO, 1991).

Em agosto, com a maioridade de Pedro II, o improvável aconteceu: bem-te-vis e cabanos uniram-se em apoio ao jovem monarca. Assim, o coronel Lima e Silva publicou manifestos informando a boa-nova, bem como a anistia garantida pelo imperador, destacando a generosidade e a tolerância, características marcantes daquele que seria o Pacificador (CARVALHO, 1991).

Como nem todos acolheram as novidades da corte sobre a assunção do novo monarca, os combates seguiram-se por mais cinco meses. Em janeiro de 1841, a Balaiada foi encerrada. Foi concedida anistia, como prometera, a cerca de 2000 revoltosos. Dessa forma, Lima e Silva foi promovido a oficial-general como brigadeiro e agraciado com o título de barão de Caxias, a cidade símbolo da resistência (BENTO, 2003).

Por fim, a Balaiada despontou o homem que teria sua capacidade destacada na boa gestão dos recursos humanos e logísticos necessários para o sucesso em campanha. Despontou sua virtude na elaboração de soluções que permitiram aos seus subordinados vencerem as batalhas com melhores informações do ambiente operacional, facilitando a interiorização da tropa no Maranhão. Ademais, assegurou que o abastecimento não fosse cortado, garantindo a manutenção das necessidades básicas dos soldados como comida, remédios e fardamento, elementos importantes para o êxito e pacificação da região.

c. SEDIÇÃO DE SOROCABA (SP)

A Sedição de Sorocaba foi um movimento organizado por integrantes do Partido Liberal Paulista, no âmbito das Revoltas Liberais de 1842, que contestava a elevação do Partido Conservador ao poder, bem como suas deliberações nos campos político e econômico.

O movimento eclodiu no município de Sorocaba (SP), em 17 de maio de 1842, em resposta a uma série de medidas centralizadoras e de cunho autoritário promovidas pelos conservadores, o que levaram os liberais à radicalização. Em face desses acontecimentos, os líderes do Partido Liberal Paulista, o brigadeiro Rafael

Tobias de Aguiar, outrora presidente destituído da província de São Paulo, e o ex-regente Diogo Antônio Feijó foram proclamados unilateralmente como presidente e vice-presidente interinos de São Paulo, respectivamente (CEZAR, 2021).

Após a deflagração do movimento, em 20 de maio de 1842, as comarcas vizinhas a Sorocaba, como Itapetinga, Itu, Porto Feliz e Capivari, aderiram ao movimento e rumaram em direção à capital paulista, formando a chamada Coluna Libertadora. No entanto, o movimento acabou mudando o seu ímpeto inicial e desviou o seu itinerário de marcha para Itu, uma vez que existia a expectativa de reforços advindos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais, localidades que também questionavam o governo central (CEZAR, 2021).

O Barão de Monte Alegre, então presidente legal da província de São Paulo, ao tomar conhecimento do rompimento ocorrido em Sorocaba, comunicou-se com a Corte que, por sua vez, indicou o Barão de Caxias, que acabara de pacificar o Maranhão, para debelar o movimento. Este tratou de organizar barreiras nas regiões de Barreiros e Areias, municípios limítrofes de Resende, possível itinerário para capital do Império, bem como, conseguiu apoio da Comarca de Curitiba, hoje o estado do Paraná, de modo a evitar que os revolucionários farroupilhas enviassem socorro a Sorocaba (CEZAR, 2021).

Após essas medidas preliminares, o Pacificador começou a atuar mais incisivamente no teatro de operações paulista, quando organizou defesas em áreas estratégicas, como Mogi das Cruzes e Pinheiros, localidades que margeavam o perímetro da capital paulista. Além disso, Caxias desembarcou em Santos com dois batalhões de caçadores e um corpo de artilharia, sendo deslocados rapidamente para as cidades de Campinas e Silveiras, a fim de enfrentar os rebeldes que se aproximavam daquelas localidades (CARVALHO, 1976).

Em 1º de junho de 1842, Caxias organizou três colunas de marcha para o ataque decisivo. A primeira em direção a Santo Amaro, visualizando um ataque pelo flanco sul de Sorocaba. A segunda, seguiu na direção de Itu, com objetivo de realizar junção com as forças advindas de Campinas que viriam atacar o flanco norte. Por fim, a terceira coluna, em direção a Sorocaba, executaria um ataque frontal, com o objetivo de fixar os revoltos e viabilizar os ataques de flanco (CEZAR, 2021).

Os rebeldes, liderados por Tobias de Aguiar, cientes dos resultados desastrosos das campanhas do Vale do Paraíba, sem o apoio esperado do sul pelos revolucionários farroupilhas e percebendo o alcance da manobra planejada por Caxias, retiram-se desorientados, em 20 de junho de 1842 (CARVALHO, 1976).

O Pacificador, com o seu senso de planejamento e rapidez nas emissões de ordens, debelou, aproximadamente em um mês, o movimento que iniciou-se com cerca de dois mil homens, transformando-o em uma debanda, inclusive do seu líder, brigadeiro Tobias. Assim, Feijó assumiu a presidência interina da província, vindo a ser preso por Caxias posteriormente. Após pouco tempo de campanha, o barão passou a dirigir a província política e administrativamente (CARVALHO, 1976).

Dessa forma, Caxias demonstrou habilidade militar e política, imprimiu ritmo operativo intenso e cerceou o ímpeto dos revoltosos de combater, ocasionando a fuga da principal liderança e centro de gravidade da sedição, extinguindo-o com êxito.

d. REBELIÃO DE BARBACENA (MG)

A Rebelião de Barbacena, assim como a Sedição de Sorocaba, também está inserida no contexto da Revolução de 1842, conhecida como Revolução Liberal. “Ocorreu como reflexo do cenário político nacional, que se materializou na disputa de poder entre os partidos conservador e liberal” (BRASIL, 1972, p. 493).

Essa revolução, ganhou força com a “[...] alegação [pelos liberais] de que leis criadoras do Conselho de Estado e reformadoras do Código de Processo Penal, e o ato de dissolução da Assembleia Geral correspondiam a indícios de governo autoritário [por parte dos conservadores]” (BRASIL, 1972, p. 493, acréscimo nosso).

Em 10 de junho de 1842, três dias após a vitória de Caxias em Venda Grande (SP), estourou a Revolta de Barbacena, cuja Câmara aclamou presidente interino de Minas Gerais, o coronel José Feliciano, futuro barão de Cocais. Os motivos foram os mesmos que determinaram a Revolta de Sorocaba. O presidente interino tomou diversas medidas administrativas. Várias cidades aderiram à revolução. (BRASIL, [20--d])

Apesar da bravura demonstrada pelos revoltosos nos primeiros embates, após o primeiro revés, em Paraibuna, eles passaram a adotar a tática de guerrilha

para compensar a inferioridade numérica e defenderem a localidade de Barbacena (BRASIL, 1972).

Caxias, nomeado comandante do Exército Pacificador, empregou a mesma estratégia utilizada em São Paulo, tomar a capital o mais rápido possível.

Os revolucionários concentraram-se no arraial de Santa Luzia, que propiciava comandamento de vista e de tiros sobre os seus acessos, além de apoiar um de seus flancos no rio das Velhas, por encontrar-se em uma serra (BRASIL, [20--d]).

Durante o combate para conter a rebelião, algumas ações de Caxias foram fundamentais, conforme registro a seguir:

Merece destaque, também, o emprego de operações psicológicas, quando Caxias, por intermédio de uma requisição de alimentação falsa, fez parecer aos adversários que possuía efetivo maior do que o real. A inteligência de combate foi empregada pelas forças imperiais, que buscavam levantar o dispositivo defensivo dos liberais no arraial de Santa Luzia antes da realização do ataque. A liderança de Caxias foi essencial para conduzir suas tropas em marcha forçada sob condições climáticas desfavoráveis, visto que as ações ocorreram sob rigoroso inverno, possibilitando o rápido deslocamento em grandes distâncias. [...] A mobilidade também foi decisiva em São Paulo, quando as tropas de Caxias alcançaram Campinas antes dos rebeldes, o que permitiu a vitória no combate de Venda Grande. No combate de Santa Luzia, o barão de Caxias dirigiu pessoalmente uma carga de baioneta contra os revoltosos. (DARÓZ, 2014, p. 574)

Em 20 de agosto de 1842, ocorreu o combate de Santa Luzia, no qual 3.300 revolucionários, que souberam aproveitar as excelentes condições defensivas oferecidas pelo terreno, foram vencidos com muita dificuldade pelas forças legais. Com o desfecho vitorioso de Caxias em Santa Luzia, encerrou-se a Revolta de Barbacena, que durou dois meses e dez dias e causou preocupações à corte, devido à maior consistência militar (BRASIL, [20--d]).

Com o desfecho ocorrido em Santa Luzia, Caxias foi graduado no posto de marechal de campo (atualmente general de divisão) em 29 de agosto de 1842, com 39 anos de idade. Ele seguiu para Ouro Preto, aonde chegou em 10 de setembro aclamado e vitorioso (BRASIL, [20--d]).

Dessa forma, o êxito do Exército nessa rebelião foi determinante para a evolução da formação territorial do país. A contenção dos revoltosos em Minas Gerais contribuiu para a busca pela estabilidade política e social no Brasil, favorecendo o ambiente interno no início do Segundo Reinado.

e. GUERRA DOS FARRAPOS (RS)

A Guerra dos Farrapos, também conhecida como Revolução Farroupilha, foi uma das revoltas provinciais que aconteceram no território brasileiro durante o período regencial. Esse conflito teve notoriedade por sua duração de dez anos e por ter apresentado uma das maiores ameaças à unidade política e territorial brasileira (PEREIRA; KOSHIBA, 2003).

Os elevados impostos exigidos pela produção de charque dos estancieiros gaúchos por parte da corte imperial e a discordância dos participantes com o centralismo administrativo e político existente no sistema monárquico vigente figuraram como as principais causas da revolução (PEREIRA; KOSHIBA, 2003).

A revolução teve como objetivo a busca por autonomia provincial e a formação de uma república independente. Para tanto, teve como principais líderes Bento Gonçalves, Canabarro e Garibaldi (CARVALHO, 1991).

Houve sucessivas tentativas de supressão do movimento, todas sem sucesso por parte de comandantes legalistas. Nesse contexto, o barão de Caxias foi nomeado presidente da província e, ao mesmo tempo, Comandante das Armas do Rio Grande do Sul, em 28 de setembro de 1842 (CARVALHO, 1991).

Caxias teve uma atuação relevante em todas as expressões do poder nacional para garantir a vitória das tropas legalistas no conflito. No campo político, de forma semelhante ao que fizera nos outros episódios insurrecionais, procurou agir com método e de maneira enérgica assim que tomou posse dos seus cargos na capital da província gaúcha, tendo sempre no espírito a ideia de conciliação e anistia, a qual era oferecida no momento que julgassem próprio (PEIXOTO, 1973).

No campo militar, uma de suas primeiras determinações foi que qualquer parte do terreno conquistado deveria ser mantida por tropas legalistas, não deixando, portanto, à mercê do inimigo. Para ter sucesso nas suas ações, Caxias inter-

pretou a situação do conflito, verificando que era necessário combater os farrapos dentro do seu próprio sistema, ou seja, compreendendo e utilizando-se das táticas de guerrilha (PEIXOTO, 1973).

Outro aspecto relevante dessa revolta foi o avanço da importância do aspecto logístico nas batalhas. Em todas as fases do conflito houve momentos em que a vitória parcial esteve relacionada à estruturação de uma logística que cumprisse o papel de manutenção da tropa em combate (SANTOS, 2020).

Como presidente da província do Rio Grande do Sul, Caxias teve a perspicácia de realizar medidas econômicas que contribuíram para a pacificação regional. Dentro dessas ações, a revogação do decreto que restringia a liberdade comercial local produziu significativo impacto positivo. “Cerca de 400 homens deixaram as fileiras revolucionárias e entregaram-se a atividades comerciais. [...] E o povo passou a sentir os efeitos enriquecedores da prática intensa do comércio livre” (PEIXOTO, 1973, p. 127). Portanto, Caxias soube aliar medidas econômicas locais à busca pela apaziguamento dos ânimos, inserindo na sociedade gaúcha outras motivações para melhoria de vida que não a oposição ao sistema político vigente.

Além disso, outras iniciativas no campo econômico tiveram efeito direto no resultado da Guerra dos Farrapos. A obtenção de recursos para aquisição de cavalos para a tropa, diretamente de vendedores nacionais e até importados de países vizinhos ao Rio Grande do Sul, foi crucial para a vitória das forças imperiais. “Além de prover o exército de boas montarias, impedia que os revolucionários conseguissem maior quantidade naquelas fontes que, antes, só a eles alimentavam” (PEIXOTO, 1973, p. 128). Com isso, Caxias desequilibrou o poder de combate a seu favor, contribuindo para o efeito dissuasório sobre os farrapos e para importantes vitórias em batalhas decisivas.

Ademais, evidenciou elevada habilidade em agir no plano psicológico da população, inclusive nos farrapos e suas famílias. A enérgica determinação para que sua oficialidade e praças respeitassem e tratassesem com dignidade as famílias locais, os prisioneiros e os revolucionários que abandonassem as armas foi outra ação com grande repercussão no campo psicossocial da região. Somou-se a isso, a distribuição de gêneros à população menos favorecida e a contratação de costureiras locais para a confecção de fardamentos. Tais medidas contribuíram para o bem-estar social e, aliadas à disseminação de que Caxias concederia anistia plena

àqueles que depusessem suas armas, tiveram grande efeito pacificador, gerando uma onda de revoltosos que desistiram da luta e depuseram suas armas.

Aproveitando-se do referido efeito, o marechal não perdeu tempo em inserir no âmago da sociedade local um objetivo comum que reacendesse o espírito patriótico e a lealdade ao Império. Caxias passou a dirigir mensagens à sociedade, chamando-lhes a atenção da ameaça representada por Oribe e Rosas, a quem interessava a fragmentação brasileira. Nesse sentido, como afirma Peixoto (1973), buscou-se resgatar a coesão, o que possibilitou o desmantelamento dos farrapos com o mínimo de sangue.

Organizada como um movimento da elite gaúcha, a Guerra dos Farrapos encerrou-se após a negociação de paz dos estancieiros gaúchos com o governo imperial, tendo Caxias como seu representante. Os termos da rendição ficaram conhecidos como Tratado do Poncho Verde, em março de 1845 (PEREIRA; KOSHIBA, 2003). Após o término do conflito, Lima e Silva foi confirmado no posto de marechal de campo e agraciado com o título de conde de Caxias (BRASIL, [20--e]).

Infere-se que a atuação de Caxias no desmantelamento da Revolução Farroupilha, tomando medidas em todos os campos do poder, levou paz à região e evitou a fragmentação do território nacional. Além disso, por meio de sua liderança, fortaleceu a paz social naquela área, a identidade nacional da população local e a estabilidade econômica e política, criando a necessária coesão para fazer frente aos desafios vindouros.

3. CONCLUSÃO

Pode-se concluir que Caxias contribuiu com a manutenção da ordem e estabilidade do país em um período de grande agitação social e política, demonstrando habilidade, talento e dedicação. Sua liderança, tanto no campo militar quanto no político, permitiu-lhe lograr êxito nas campanhas em que participou, seja na condução de tropas, seja na negociação pela rendição de lideranças dos movimentos insurrecionais.

Conclui-se ainda que, no decorrer das tarefas as quais lhes foram atribuídas, Caxias conseguiu controlar a situação e restaurar a ordem, demonstrando

capacidade de liderança e serenidade em momentos de crise. Assim sendo, contribuiu com o Estado Brasileiro na oposição a atores que tentaram desestabilizá-lo, favorecendo a coesão interna, preservando a integridade do solo pátrio e garantindo a posse das terras que trazem riquezas inestimáveis ao povo brasileiro até os dias atuais.

Caxias é lembrado atualmente como um dos maiores líderes militares e políticos do Brasil, tendo deixado uma marca duradoura na história. Sua atuação na pacificação das rebeliões do Império contribuiu para a estabilidade e o progresso, sendo considerado um herói nacional.

REFERÊNCIAS

BENTO, Cláudio Moreira. **Caxias e a unidade nacional**. Porto Alegre: Gênesis, 2003.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **História do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: IBGE, 1972. 3 v.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Biografia resumida do Duque de Caxias. **Exército Brasileiro**, Brasília, DF, [20--a]. Disponível em: https://www.eb.mil.br/patronos/-/asset_publisher/DJfoSfZcKPxu/content/biografia-resumida-do-duque-de-caxias. Acesso em: 1 maio 2023.

BRASIL. Senado Federal. Senador Duque de Caxias: biografia. **Senado Federal**, Brasília, DF, [20--b]. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/2034>. Acesso em: 9 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. A Balaiada no Maranhão 1838 – 1840. **Exército Brasileiro**, Brasília, DF, [20--c]. Disponível em: https://www.eb.mil.br/patronos/-/asset_publisher/DJfoSfZcKPxu/content/a-balaiada-no-maranhao-1838-1840?inheritRedirect=false. Acesso em: 1 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. A Revolução Liberal de Minas Gerais de 1842. **Exército Brasileiro**, Brasília, DF, [20--d]. Disponível em: https://www.eb.mil.br/patronos/-/asset_publisher/DJfoSfZcKPxu/content/a-revolucao-liberal-de-minas-gerais-de-1842?inheritRedirect=false. Acesso em: 20 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Cronologia da vida de Duque de Caxias. **Exército Brasileiro**, Brasília, DF, [20--e]. Disponível em: <https://bit.ly/3IOMITq>. Acesso em: 1 fev. 2023.

CARVALHO, Afonso de. **Caxias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Militar, 1976.

CARVALHO, Afonso de. **Caxias**. 3. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Militar, 1991.

CEZAR, Adilson. A Revolução Liberal de 1842. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 19, n. 1, p. 103-122, 2021.

DARÓZ, Carlos Roberto Carvalho. As Revoltas Liberais de 1842: o Império consolidado. **Revista Militar**, Lisboa n. 6-7, p. 565-575, 2014. Disponível em: <http://arquivodigital.defesa.pt/Images/winlibimg.aspx?skey=&doc=276915&img=15116>. Acesso em: 11 abr. 2023.

IMPÉRIO DO BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 16 de 12 de agosto de 1834**. Faz algumas alterações e adições á Constituição Política do Imperio, nos termos da Lei de 12 de Outubro de 1832 Rio de Janeiro: Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio, 1834. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim16.htm. Acesso em: 10 fev. 2023.

PEIXOTO, Paulo Matos. **Caxias**: Nume tutelar da nacionalidade. Rio de Janeiro: Edico, 1973.

PEREIRA, Denise Manzi Frayze; KOSHIBA, Luiz. **História do Brasil no contexto da história ocidental**. 8. ed. São Paulo: Atual, 2003.

SANTOS, Yuri Groth dos. **Estudo sobre a revolta dos farrapos**: impactos geopolíticos e essencial atuação de Caxias como pacificador do conflito. 2020. 44 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2020. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/7571/1/7074%20Yuri%20Santos.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2023.

SEIDL, Raymundo Pinto. **O Duque de Caxias**: esboço de sua gloriosa vida. Rio de Janeiro: Luiz Macedo, 1903. *E-book*. Disponível em: https://www.filosofiaesoterica.com/wp-content/uploads/2017/09/Seidl_O-Duque-de-Caxias____.pdf. Acesso em: 10 fev. 2023.

ATUAÇÃO DE CAXIAS NA GUERRA CONTRA ORIBE E ROSAS

TC Inf HUMBERTO ANDRÉ PRAZERES GUAITA; Maj Inf MAURILIO LUCIO DA SILVA JUNIOR; Maj Inf DIOGO FERNANDES FALEIRO VIEIRA; Maj Cav JOSIEL ALMEIDA DE AVILA; Maj QMB VICTOR ARTUR BALDISSERA; Maj Eng HEVERTON MEDEIROS DE FRANÇA; Maj Inf ANDRÉ LUIZ FREIRE DA CRUZ SILVA; Maj Art FILIPE LOURENÇO FRANÇA; Maj Inf ANDRÉ LUIZ MÜLLER ANTUNES; Maj Inf GUSTAVO ROCHA SOUTO; Maj Inf HUGO DAVID ARAUJO; Maj Cav SPENCER DENIS FERREIRA.⁴

1. INTRODUÇÃO

A atuação do Marechal Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, foi notória em grandes episódios da história nacional ao longo do século XIX. Os anos de 1851 e 1852 testemunharam a importante participação do então Conde na Guerra contra Oribe e Rosas.

Nesses tempos, o mundo sofria com os resultados de dois grandes eventos: Revolução Francesa, em 1789; e a Independência dos Estados Unidos da América, em 1776. Para os países sul-americanos, a inspiração europeia e o estímulo dos vizinhos do Norte foram determinantes para o processo emancipatório das colônias ibéricas (FAUSTO, 2010).

Da perspectiva externa, o potencial econômico das nações a sudeste da porção austral americana interessava à França e à Inglaterra, pois as potências europeias desejavam a livre navegação na bacia do Prata, como também apoia-

⁴ Os autores são alunos do Curso de Comando e Estado-Maior da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME).

vam a independência do Paraguai e do Uruguai, já que isso ia ao encontro de seus interesses. Já na ótica endógena, a América do Sul assistia ao embate de dois sistemas: de um lado, o Império Brasileiro, fruto da sólida herança lusitana; do outro lado, as repúblicas oriundas da colonização espanhola e seus caudilhos (CARVALHO, 1976).

Nesse contexto, a situação política da região platina era instável, com fronteiras indefinidas, permeáveis e violentas. Diversos foram os conflitos na região, tais como a Guerra da Independência Argentina, findada em 1816; a Guerra contra Artigas em 1820; a Guerra da Cisplatina, que tornou o Uruguai independente do Império do Brasil, tendo seu desfecho em 1828; a Guerra dos Farrapos, entre 1835 e 1845, que contou com a participação de caudilhos platinos; e a Guerra Civil Uruguaia entre 1864 e 1865 (FAUSTO, 2010).

O Brasil, por outro lado, na segunda metade do século XIX, após debeladas as revoltas regenciais, desfrutou de relativa estabilidade política graças ao governo imperial, fato que abriu caminho para novos empreendimentos econômicos e para sua projeção regional. Dessa forma, os dirigentes políticos do Uruguai, Argentina e Paraguai buscaram se unir, a fim de proporcionar crescimento a seus países e limitar a influência geopolítica e econômica do Império brasileiro no Cone Sul do subcontinente sul-americano (BUENO, 2003).

A guerra contra Oribe e Rosas foi resultado de todo esse cenário geopolítico, uma vez que esse conflito foi uma disputa entre o Brasil e a Confederação Argentina pela hegemonia na região da bacia platina com interferência, também, de atores uruguaios e paraguaios (FAUSTO, 2010).

A eleição de Juan Manuel de Rosas ao cargo de governador de Buenos Aires e a crise pela guerra civil no Uruguai intensificaram a instabilidade regional, ocasionando a busca pelo restabelecimento dos marcos da fronteira do antigo Vice-Reinado do Prata (VAINFAS, 2002).

Inicialmente, o Império brasileiro não tomou parte das campanhas ocorridas na região do Prata. No entanto, a Corte prestou o apoio necessário aos que se insurgiam contra Rosas e Oribe. Ademais, após o início dos conflitos, o Brasil fez questão de que o comandante das forças aliadas não fosse brasileiro nas campanhas ocorridas além das fronteiras nacionais (CARVALHO, 1976).

Em 1851, entretanto, em virtude da escalada das tensões, das indefinições existentes na região platina e da grave ameaça representada pela União de Oribe e Rosas, o Brasil preparou-se para a guerra e convocou o Conde de Caxias. O General brasileiro foi nomeado Comandante das Forças Imperiais e Presidente da Província do Rio Grande (MONJARDIN, 1967).

Caxias foi uma proeminente figura durante o período imperial do Brasil. Nascido em 1803, na então Capitania do Rio de Janeiro da colônia portuguesa do Brasil, foi alistado aos cinco anos como Cadete do 1º Regimento de Infantaria. Em 1818, foi aceito na Real Academia de Artilharia, de Fortificação e de Desenho, sendo, nesse mesmo ano, promovido a Alferes. Seus grandes feitos à frente do Exército Brasileiro, durante as escaramuças nas províncias do Maranhão, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, colocaram-no em posição de respeito e confiança diante do imperador (CARVALHO, 1976).

Diversos são os aspectos e qualidades desse personagem histórico, sendo possível destacar sua liderança. O Exército Brasileiro, no Manual de Liderança Militar, C 20-10, aborda as competências do líder militar. Estas são classificadas em cognitivas, psicomotoras e afetivas, referindo-se aos conhecimentos e habilidades fundamentais à carreira das armas, bem como às características do líder em sua interação interpessoal (BRASIL, 2011).

Partindo do exposto, esse artigo pretende analisar a atuação de Caxias na Guerra contra Oribe e Rosas, concluindo sobre as competências do Líder Militar por ele evidenciadas nesse conflito.

2. A ATUAÇÃO DE CAXIAS NA CAMPANHA CONTRA ORIBE

Em 1851, os brasileiros se organizaram para libertar o povo uruguai do jugo de Manuel Ceferino Oribe y Viana, caudilho platino da Banda Oriental, que visava implantar um governo autocrático em Montevidéu, com o aval do General Juan Manuel José Domingo Ortiz de Rosas, ditador bonaerense. Dessa forma, essa parceria entre Oribe e Rosas ia de encontro às aspirações de José Fructuoso Rivera, presidente legítimo do Uruguai, que se encontrava sitiado na capital de seu país por tropas oribinistas, catalisando as ações de líderes políticos do Brasil no intuito de desmantelar essa coalizão (FAUSTO, 2010).

Nesse contexto, o governo brasileiro declarou apoio ao governo de Rivera, membro do Partido Colorado. Tal posicionamento causou um impasse nas relações com a Confederação Argentina, encabeçada por Rosas, na medida em que este apoiava a ação ilegítima de Oribe (BUENO, 2003).

Em maio de 1851, firmou-se um pacto entre o Brasil, o Uruguai e as províncias de Corrientes e Entre-Rios, com o intuito de expulsar as tropas oribinistas do território uruguai, uma vez que estas estavam executando saques contra estâncias de brasileiros naquele país. Essas ações de pilhagem eram denominadas de “califórniás” e interferiam diretamente nos interesses do Império brasileiro e de seus nacionais dentro dos limites territoriais uruguaios, gerando um antagonismo entre o Império brasileiro e o Partido Blanco uruguai (VIANNA, 1994).

Os principais objetivos da Guerra do Prata para a aliança firmada pelo Brasil eram: a manutenção dos limites com o Uruguai, firmados no Pacto de Montevidéu; a manutenção da independência do Paraguai e do Uruguai; defesa da livre navegação no Prata, fechada por Juan Manuel Rosas, em 1842; proteção da vida e da propriedade de brasileiros na região fronteiriça com o Uruguai; e fazer face à predisposição política rosista contra o Império (BRASIL, [20--a]).

Cabe ressaltar que a presença de dois grandes rios, o Uruguai e o Paraná, gerou a criação de dois teatros de operações: o do Estado Oriental do Uruguai e o das Províncias de Santa Fé e Buenos Aires. Além disso, no teatro de guerra, as populações eram rarefeitas, os recursos exíguos, as vias fluviais eram de extrema importância e as pontes escassas (BRASIL, [20--a]).

Com isso, após ser nomeado Comandante-chefe do Exército Brasileiro, Caxias dirigiu-se para Santana do Livramento, onde realizou a concentração de suas forças e definiu sua ordem de batalha. Destaca-se que nesse período o Império dispunha de 4 (quatro) divisões, 1 (um) agrupamento de artilharia e a armada constituída de 1 (uma) fragata, 7 (sete) corvetas, 3 (três) brigues e 6 (seis) vapores, estabelecidos com certa improvisação (BRASIL, [20--b]). Nesse contexto, Caxias encontrou um exército que não era homogêneo. O armamento era precário e a cavalaria praticamente inexistente. No que tange a artilharia, o alcance máximo era de 1470 (mil quatrocentos e setenta) metros e a precisão precária (MONJARDIN, 1967). Muito dessa situação se deu pela incapacidade de recuperação da recente campanha da Guerra dos Farrapos. Caxias anteviu as dificuldades que encontra-

ria em um terreno alheio ao pátrio e buscou prover meios capazes de abastecer suas tropas com 19 (dezenove) carretilhas, 80 (oitenta) carretas com munição, víveres, artigos bélicos e 400 (quatrocentos) cargueiros (CARVALHO, 1976). Tal providência, entre outras, foi fruto de um planejamento ordenado, regulando ações e meios para maior eficiência, expondo a capacidade de organização desse Chefe Militar.

No que tange a organização das tropas, Caxias dividiu o Exército imperial em 4 (quatro) divisões e 10 (dez) brigadas. Essas divisões eram comandadas pelo Marechal Bento Manuel Ribeiro, João Frederico Caldwell, Brigadeiro José Fernandes dos Santos Pereira e David Canabarro. Além disso, estabeleceu um comando geral a parte para a Artilharia, para o Coronel Francisco Antônio da Silva Bittencourt (MONJARDIN, 1967).

Justo José de Urquiza y García, que estava rebelado contra Rosas, possuía um grupamento principal de forças diante da cidade de Paissandu, outro em frente a Salto e um terceiro, sob o comando de Benjamim Virasoro, diante de Passo del Higo (BRASIL, 2023). Sabendo da utilidade desse aliado, o Conde de Caxias enviou Manuel Luís Osório para estabelecer contato com o argentino após as primeiras movimentações de tropas. Isso se deu em julho de 1851, a fim de padronizar procedimentos em relação à manobra das forças aliadas, que eram compostas por brasileiros; argentinos, chefiados por Urquiza; e uruguaios, capitaneados por Eugenio Garzón (CARVALHO, 1976).

Ademais, Caxias, ciente da necessidade da manutenção da unidade de comando, da coesão e coordenação dos movimentos das forças, ordenou ao então Tenente-Coronel Manuel Luis Osório:

O Sr. Ten. Cel Osório deverá ter em consideração que o plano de operações de campanha deve ser feito de modo que, quando se mover o nosso Exército para invadir o Estado Oriental, não reste dúvida do movimento das forças dos demais aliados, no mesmo sentido, de forma que não possam recuar e deixar as forças imperiais comprometidas. (CARVALHO, 1976, p. 185)

Após isso, ficou acertado que as tropas imperiais fariam junção com os soldados de Urquiza no Rio Negro, estimulando paulatinamente o estreitamento

de laços e o incremento da confiança entre esses atores protagonistas da política na bacia platina, bem como expressando a inteligência interpessoal de Caxias e seu conhecimento e compreensão da natureza humana (CARVALHO, 1976).

Em seguida, em setembro de 1851, o Conde de Caxias liderou aproximadamente 16.000 (dezesseis mil) homens que partiram do Rio Grande do Sul em direção à capital uruguaia. Cerca de 4.000 (quatro mil) soldados permaneceram na fronteira austral brasileira, a fim de evitar alguma manobra inesperada por parte dos oribinistas ou encabeçada por tropas oriundas de Buenos Aires (GOLIN, 2004). Tal organização denotou a utilização dos princípios de guerra da massa e da segurança por parte de Caxias e de seu Estado-Maior. Assim, o planejamento das ações naquele teatro de operações corroborou a distinta proficiência técnico-tática do líder das tropas brasileiras no episódio desse conflito em terras uruguaias.

O Conde de Caxias concordou em ombrear com antigos inimigos durante as operações na Campanha contra Oribe. No seio das tropas imperiais, a participação de David Canabarro, como comandante de uma das divisões; do Tenente-Coronel José Feliciano de Mattos, como Ajudante-General; e do General Bento Manuel, *pari passu* a Caxias, ratificam essa assertiva supracitada. Essas personalidades haviam se digladiado contra Caxias na Guerra dos Farrapos, entre 1835 e 1845, mas serviram lealmente ao Império sob as ordens de Luís Alves de Lima e Silva durante a Campanha contra Oribe, ratificando a forte liderança de Caxias (CARVALHO, 1976). Tal aspecto de sua personalidade realçou a sua flexibilidade de raciocínio e a sua capacidade de relacionar-se com as pessoas, compreendendo a dinâmica das relações interpessoais, dentro dos princípios da hierarquia e da disciplina, conciliando distintos interesses e evidenciando um elevado tato.

Caxias também determinou que os brasileiros, ao se depararem com tropas oribinistas desarmadas ou vencidas, deveriam tratá-las com humanidade, na medida em que estes eram irmãos americanos iludidos pelo General Oribe. Ademais, Caxias ordenou, por escrito, que os soldados imperiais deveriam respeitar as propriedades privadas em território uruguai (CARVALHO, 1976). Tal fato pode ser verificado na publicação de *Ordem do Dia*, onde Caxias determina:

Não tendes no Estado Oriental outros inimigos senão os Soldados do General Dom Manuel Oribe: e esses mesmos enquanto, iludidos, empunharem armas contra os interesses de sua Pátria; desarmados,

ou vencidos, são americanos, são vossos irmãos, e com tal os deveis tratar. (MONJARDIN, 1967, p. 131)

Além disso, Caxias demonstrou preocupação com os mortos no campo de batalha e ordenou que os mesmos fossem enterrados (CARVALHO, 1976). Sendo assim, Caxias expressou nobreza e real percepção dos sentimentos e interesses dos irmãos platinos, enaltecendo sua imagem de líder perante seus soldados ao evidenciar, mais uma vez, sua fidalguia e empatia.

Após os movimentos das tropas imperiais dentro do território uruguai, Oribe viu- se em uma situação extremamente desfavorável, visto que deveria combater em quatro frentes distintas, a saber: no sítio de Montevidéu; contra as tropas lideradas por Urquiza; contra o Exército Imperial; e contra soldados uruguaios de Garzón. Destarte, antes da chegada do grosso dos soldados de Caxias, Oribe rendeu-se brevemente em Montevidéu diante da encruzilhada tática que se encontrava, acelerando o futuro avanço aliado contra as tropas de Rosas em território argentino (CARVALHO, 1976).

Conclui-se, parcialmente, que a atuação de Caxias na Campanha contra Oribe revelou seu perfil agregador, bem como suas virtudes militares, impulsionando as tropas imperiais brasileiras no desmantelamento do levante oribinista em um curto recorte temporal. Por meio de seus feitos, foi possível identificar diversas capacidades e qualidades importantes para a liderança militar.

3. A ATUAÇÃO DE CAXIAS NA CAMPANHA CONTRA ROSAS

Após a campanha contra Oribe, foi assinado o convênio secreto de 21 de novembro de 1851. Tal acordo nomeou Caxias como General em Chefe das Forças Brasileiras, o Almirante John Pascoe Grenfell como comandante da Esquadra brasileira, o General Urquiza como responsável pelas operações em território argentino e responsável por uma eventual requisição dos auxílios ao Brasil. Tal operação visava a avançar até Buenos Aires numa campanha contra Rosas (GANDIA, 2015).

Para fazer frente a Rosas, as forças Aliadas, sob o comando de Urquiza e contando com a divisão brasileira de Marques de Souza e a Esquadra Imperial, concentraram-se em Diamante, na margem direita do rio Paraná (MONJARDIN,

1967). De acordo com plano de operações dos aliados, o grosso do Exército brasileiro deslocar-se-ia para Colônia do Sacramento, enquanto Urquiza realizaria a transposição do rio Paraná em Diamante, e prosseguiria acompanhando o rio até Santos Logares, região onde se encontrava o exército de Rosas. Depois do engajamento entre os dois exércitos, Caxias deveria passar o rio da Prata e realizar um desembarque em Quilmes, ao sul de Buenos Aires, apoderando-se dessa cidade ou atacando os rosistas pela retaguarda (BRASIL, 2023).

Caxias, atendendo ao estabelecido no acordo de 21 novembro 1951, permaneceu com o grosso do Exército Brasileiro na Colônia do Sacramento. Nesse aspecto, o general brasileiro, compreendendo a importância da união de esforços para derrotar Rosas e para evitar uma possível aproximação deste com Urquiza, atendeu aos anseios do império (MONJARDIN, 1967). Dessa maneira, fica evidente que Caxias compreendia perfeitamente a importância de ter Urquiza como aliado, demonstrando sua capacidade de cooperação, coerência e honestidade em relação a seus superiores.

Além disso, o comandante brasileiro demonstrou sua preocupação com o nível político e a segurança do Império, aspectos comprovados pelas palavras do próprio Caxias, que afirmou:

Urquiza é muito despeitado e orgulhoso; qualquer negativa de nossa parte irritá-lo-ia, sendo ele, como V. Ex^a sabe, alguém a quem pouco falta para mudar de opinião da noite à manhã. Achando-se hoje com um exército forte pelos reforços que recebeu das tropas argentinas que se encontravam ao mando de Oribé, não ser-lhe-ia muito difícil arranjar-se com Rosas mediante alguma concessão que este lhe fizesse, e voltar-se contra nós. (GANDIA, 2015, p. 148)

Por outro lado, o Acordo de 21 novembro 1951 garantiu certa autonomia para as tropas brasileiras na região, tendo em vista que os combatentes brasileiros que seguiram junto com Urquiza eram indivisíveis. Além disso, a permanência de Caxias na Colônia de Sacramento foi fundamental por dois motivos: primeiramente permitiu a manutenção da ordem pública e do regime legal no Uruguai; e, em segundo lugar, dava a Caxias as condições para movimentar o seu contingente e agir contra Rosas independente das ordens de Urquiza (GANDIA, 2015).

A grande autonomia do contingente comandado por Caxias, localizado na Colônia do Sacramento, foi um trunfo para as tropas brasileiras na campanha contra Rosas. Caso o general argentino triunfasse em Caseros, teria apenas protelado por horas o desfecho fatal que seria dado pelas tropas imperiais que estavam na margem oposta a Buenos Aires (MONJARDIN, 1967). Nesse sentido, o general brasileiro soube compreender de maneira correta as características do ambiente operacional e posicionar suas tropas de maneira a obter uma vantagem no combate, demonstrando grande proficiência técnica e tática.

Caxias também realizou uma reorganização das tropas para a campanha contra Rosas. Dessa forma, o general brasileiro reajustou o seu planejamento, em virtude da evolução do conflito, e nomeou Marques de Souza para comandar a Divisão Auxiliar que permaneceu com Urquiza, demonstrando sua capacidade de adaptação e flexibilidade (RODRIGUES, 1990).

As mudanças adotadas por Caxias foram consubstanciadas pelo elevado conhecimento que ele possuía de seus subordinados. Tal aspecto pode ser constatado, quando o embaixador Honório Hermeto Carneiro Leão reprovou e impugnou a escolha de Marques de Souza para o Comando da Divisão Auxiliar a Urquiza. Caxias contestou o diplomata afirmando que ele deveria preocupar-se com diplomacia e política, já que não era um homem afeito às lides castrenses. Dessa forma, Caxias soube discernir de maneira correta onde estava o verdadeiro soldado, agindo de maneira corajosa, imparcial e justa, escolhendo o homem adequado para as diversas missões (CARVALHO, 1976).

A imparcialidade da escolha de Caxias mostraria-se acertada principalmente pela atuação decisiva de Manuel Marques de Souza, futuro Conde de Porto Alegre, na batalha de Caseros. Nesse episódio, Marques de Souza resolveu avançar sem ordem do Estado-Maior e sem a presença de Urquiza, salvando a batalha para os aliados, deixando as forças sob o comando de Rosas desorientadas (MONJARDIN, 1967).

No caminho de Buenos Aires, as tropas de Urquiza não encontraram grandes resistências. Mesmo contando com um contingente militar superior, as tropas rosistas não eram capazes de conter o avanço dos Aliados. No entanto, na altura de San Nicolás, já transposta a fronteira entre as províncias de Santa Fé e Buenos Aires, Urquiza deslocou suas tropas pelo interior. Esse movimento, longe da região

costeira com o Rio Paraná, dificultou o contato de Caxias com as tropas Aliadas, principalmente com Marques de Souza, que era realizado pela Esquadra comandada por Grenfell (GANDIA, 2015).

A marcha realizada por Urquiza fez com que Caxias não recebesse notícias da tropa brasileira por semanas. Dessa forma, decidiu realizar, no dia 17 de janeiro de 1852, um reconhecimento na cidade de Buenos Aires, a bordo da fragata D. Afonso, pela parte sul da capital Argentina, em uma ação efetiva contra Rosas (BRASIL, 2023). Essa incursão demonstrou a elevada iniciativa do general brasileiro, agindo de forma rápida frente a uma situação inesperada para atingir o sucesso da missão.

Nessa ocasião, Caxias ingressou no porto de Buenos Aires e ali permaneceu por cerca de cinco horas, à vista da esquadra inimiga (RAPOSO FILHO, 1959). Sua decisão evidenciou sua capacidade de controlar o medo de dano físico, buscando o cumprimento da missão recebida, sendo nítida sua coragem e bravura.

Embora com riscos, a ação de Caxias em Buenos Aires foi realizada sem sofrer qualquer hostilidade ou resistência, mesmo com a presença da esquadra de Rosas e de forças militares no porto. Segundo relatos, Caxias e o seu exército foram recebidos com saudações da população e das tropas estrangeiras ali estacionadas (GANDIA, 2015).

Ainda permanecendo sem notícias das tropas lideradas por Urquiza, e temendo o bloqueio inglês, Caxias reuniu todo o exército em reserva situado em Colônia de Sacramento. Ele realizou sua mobilização e coordenação, preparando-se para embarcar com toda a força, pretendendo levá-lo a Buenos Aires dentro de poucas horas, contando, inclusive, com o fretamento do vapor oriental Rio Uruguay (ROSAS, 2010). Tal atitude do general brasileiro demonstrou sua grande iniciativa e sua capacidade de direção.

Contudo, o transporte da reserva não se fez necessário, tendo em vista o sucesso dos aliados em Caseros. A vitória das tropas comandadas por Urquiza ocasionou a retirada, renúncia e embarque de Rosas no navio de guerra inglês Centaur, para exílio na Europa, na madrugada de 04 de fevereiro de 1852 (GANDIA, 2015).

Mesmo após o término do conflito, Caxias teve um papel relevante para a paz na região, passando a agir como intermediário das negociações entre o general argentino Urquiza e o plenipotenciário brasileiro Honório (GANDIA, 2015). O comandante brasileiro angariou a confiança e logrou relacionar-se com Urquiza sem ferir suscetibilidades (ROSAS, 2010). Dessa forma, evitou um aumento das tensões entre o Império e a Argentina após a deposição de Rosas, demonstrando possuir um elevado tato e uma grande capacidade de compreender a dinâmica das relações interpessoais.

Infere-se parcialmente que Caxias, durante a campanha contra Rosas, atuou de forma previdente e prudente, sem deixar de agir de maneira tempestiva e impositiva nos momentos que a situação assim exigia. Com isso, o Conde de Caxias evidenciou diversas competências de um líder militar, sendo um importante ator do sucesso aliado no conflito.

4. CONCLUSÃO

A atuação de Caxias nas campanhas contra Oribe e Rosas teve grande relevância para o Brasil no século XIX. Tais episódios concorreram para expressar o vulto desse personagem na história política e militar do país.

Em síntese, os feitos de Caxias na Guerra do Prata estão consubstanciados em um planejamento e execução das operações de forma eficiente, com decisões precisas e firmes, considerando os riscos e oportunidades táticos, políticos e diplomáticos envolvidos. Por essa razão, é clara sua identificação como líder dotado de competências cognitivas, psicomotoras e afetivas.

Logo no início da campanha, o Conde de Caxias revelou sua capacidade de organização, competência relacionada às habilidades individuais. O erguimento do Exército, após o desgaste da Guerra dos Farrapos, e as providências tomadas como comandante demonstraram sua eficiência precedida por um planejamento e ações assertivas.

A competência cognitiva acerca da compreensão da natureza humana também não lhe faltou. O “Pacificador” conseguiu estreitar laços com autoridades platinas, de personalidades complexas, como Urquiza, fato que catalisou o avanço das tropas aliadas contra os rebeldes oribinistas. Tal compreensão foi igualmente fundamental na seleção dos cargos a serem ocupados por seus subordinados, como na acertada escolha de Marques de Souza.

Infere-se ainda que Caxias era possuidor de distinta proficiência técnico-tática, uma vez que utilizou corretamente princípios de guerra, tais como o princípio da massa e da segurança. Assim, suas habilidades desestimularam as ações de Oribe, contribuindo para a rendição dos insurretos blancos. Já na campanha contra Rosas, essa competência ficou evidenciada pelo posicionamento do grosso das tropas brasileiras na margem oposta a Buenos Aires, possibilitando que a força que comandava pudesse agir de forma independente.

Ademais, infere-se que Caxias possuía uma grande habilidade de relacionar-se com pessoas de diversos tipos de personalidade e soube interagir com vários ex- adversários do período da Guerra dos Farrapos. Essa inteligência interpessoal fez com que Caxias comandasse antigos oponentes na campanha do Prata, denotando seu incontestável espírito militar, seu alto grau de conhecimento dos subordinados, flexibilidade e tato. Essa última competência foi explicitada notadamente nas relações com Urquiza, evitando o aumento das tensões entre o Império e o argentino após o término do conflito.

Conclui-se também que Caxias expressou bastante respeito aos irmãos uruguaios, já que orientou seus soldados acerca de procedimentos com adversários capturados ou desarmados, como também pregou a não invasão de propriedades alheias para a execução de pilhagens, demonstrando ser dotado de elevada empatia. Além disso, Caxias revelou possuir capacidade de adaptação e flexibilidade.

Nesse sentido, ajustou o planejamento e reorganizou as tropas conforme a evolução do conflito.

Outrossim, em diversos momentos, Caxias exerceu a iniciativa e sua coragem foi notável. Tais aspectos ficam evidenciados pelo reconhecimento realizado no porto de Buenos Aires, mesmo com a presença de navios inimigos. Além disso, o comandante brasileiro demonstrou uma grande capacidade de direção, coordenando a preparação das forças brasileiras para desembarque em território argentino.

Por fim, a análise da atuação do Duque de Caxias na Guerra contra Oribe e Rosas torna-se de grande valia para ressaltar sua importância para o Exército e para o país. A figura do patrono, na cultura institucional, serve como farol e modelo para militares decisores e executores. Seu culto permite o fortalecimento de valores, crenças e tradições que fornecem a identidade e a coesão para a Força Terrestre do Brasil.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Câmara dos deputados. **150º Aniversário do Duque de Caxias**. Rio de Janeiro, 1953.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Campanha de 1951-52 contra Oribe e Rosas. **Exército Brasileiro**, Brasília, DF, [20--a]. Disponível em: <https://bit.ly/3X66sYF>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Patronos. **Exército Brasileiro**, Brasília, DF, [20--b]. Disponível em: https://www.eb.mil.br/patronos/-/asset_publisher/DJfoSfZcKPxu/content/biografia-%20resumida-do-duque-de-caxias. Acesso em: 11 fev. 2023.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. **Manual de Campanha**. Liderança Militar. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2011.
- BUENO, Eduardo. **Brasil: Uma História**. São Paulo: Ática, 2003.
- CARVALHO, Affonso de. **Caxias**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 13. ed. São Paulo: Edusp, 2010.
- GANDIA, Leonardo dos Reis. **A política ao fio da espada: Caxias e a consolidação dos interesses brasileiros no Rio da Prata (1842-1852)**. São Paulo: Edusp, 2015.
- GOLIN, Tau. **A Fronteira**. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- MONJARDIN, Adelpho Poli. **Bolívar e Caxias: Paralelos entre duas vidas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1967.
- RAPOSO FILHO, Américo. **Caxias e nossa doutrina militar**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1959.
- RODRIGUES, Alfredo Ferreira. **Vultos e fatos da Revolução Farroupilha**. Brasília, DF: Imprensa Nacional, 1990.
- ROSA, José María. **La Caída de Rosas**. Buenos Aires: Punto de Encuentro, 2010. VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil Imperial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- VIANNA, Hélio. **História do Brasil: período colonial, monarquia e república**. 15. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1994.

A ATUAÇÃO DE CAXIAS COMO COMANDANTE MILITAR NA GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA

TC Art JACAONO BATISTA DE LIMA JUNIOR; TC Inf EDER JOSÉ CADORIN; MAJ Cav CARLOS FRIEDRICH KASPER; MAJ Inf MOABE DA COSTA LUNA; MAJ Inf ARTHUR NUNES E SILVA; MAJ Com AUGUSTO DA SILVA GUIMARÃES MAJ Inf FELIPE VIEIRA MONROE; MAJ Sv Int TIAGO REBOUÇAS FELIX; MAJ Inf SAMUEL SCHILLING DA SILVEIRA; MAJ Inf DIEGO MAURÍCIUS PAIVA DOS SANTOS; MAJ Eng LEONARDO FREIRE GOMES BEZERRA.⁵

1. INTRODUÇÃO

A Guerra da Tríplice Aliança (GTA) foi o conflito com maior duração e proporção em toda a história da América do Sul. Também conhecida como a Guerra do Paraguai, causou impactos relevantes nos campos político, econômico, social e militar das nações envolvidas, como, por exemplo, contribuiu para o declínio do Império no Brasil, bem como para a ascensão da influência dos militares no campo político brasileiro.

A GTA ocorreu entre os anos 1864 e 1870, no subcontinente sul-americano. Os contendores foram, de um lado, o Paraguai, sob a chefia de Solano López, e, do outro, a Tríplice Aliança, composta por Brasil, Argentina e Uruguai. A principal causa desse embate foi a disputa pelo controle da Bacia do Prata, cujos principais rios, Paraná e Paraguai, constituíam importantes hidrovias para os países da região, além de assegurarem ao Paraguai uma saída para o oceano Atlântico.

⁵ Os autores são alunos do Curso de Comando e Estado-Maior da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME).

Nesse conflito, destacou-se como comandante e líder militar a figura do brasileiro Luís Alves de Lima e Silva. O Duque de Caxias assumiu o comando geral das tropas da Tríplice Aliança a partir de 1866, momento em que a guerra contra o Paraguai se encontrava estagnada, e, sob seu comando, os aliados obtiveram relevantes vitórias no conflito, culminando com a conquista da capital paraguaia (Assunção) e com o respectivo fim da guerra. (LIMA, 2016)

Caxias nasceu na atual cidade de Duque de Caxias-RJ, no sul fluminense, em 25 de agosto de 1803, e, assim como seu pai e tios, escolheu como profissão a carreira militar. Foi ator relevante no período da monarquia brasileira por ter participado de vários conflitos que desafiaram o Império, como a Guerra da Cisplatina, a Revolta da Balaiada e a Revolução Farroupilha.

Segundo James Hunter, a liderança “é a habilidade de influenciar pessoas para trabalharem entusiasticamente visando atingir os objetivos identificados como sendo para o bem comum” (2004, p. 28). A liderança militar, como fenômeno presente em todas as Forças Armadas, é um conceito estudado na formação e no aprimoramento de comandantes do Exército Brasileiro (EB) em todos os níveis. Os líderes militares devem ser capazes de levar a tropa, mesmo sob a pressão do risco de morte, a seguir as ordens emanadas (BRASIL, 2011).

Diversas características e valores de Caxias, dentre os quais se destacam o exemplo, a abnegação e a disciplina, contribuíram para seu sucesso no comando das tropas aliadas na Guerra do Paraguai, comprovando o seu elevado descontino de chefe militar.

Durante a GTA, Caxias levou as tropas do 3º Corpo de Exército (C. Ex.) brasileiro para reforçar os aliados, destacando-se por adotar soluções inovadoras para mitigar óbices administrativos, para melhorar a disciplina, o suprimento, as condições de mobilidade e a obtenção de informações, como o emprego de balões nos campos de batalha. Ademais, encontrou boas soluções para os problemas logísticos que as tropas aliadas enfrentavam, que variavam desde o deficitário suprimento de água até o próprio armamento, que deixava de funcionar pelos motivos mais banais.

Graças ao seu desempenho exemplar durante a GTA, Caxias teve seu título nobiliárquico elevado a Duque e, em 13 de março de 1962, foi reconhecido como modelo de soldado a ser seguido, sendo declarado o Patrono do EB.

Diante do exposto, o presente trabalho abordará a atuação de Caxias na campanha da Guerra do Paraguai combatendo Solano López, destacando o seu papel como fator decisivo ao desfecho da guerra, bem como sua atuação como líder perante os demais comandantes aliados.

2. DESENVOLVIMENTO

a. AS CAMPANHAS DA GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA COMANDADAS POR CAXIAS

As campanhas militares comandadas por Caxias na GTA podem ser divididas em duas grandes expedições: a campanha de Humaitá e a do Piquissiri. A primeira marca o início do comando de Caxias no teatro de operações (TO), onde este chefe militar reorganizou as tropas e conquistou a principal posição defensiva paraguaia, a fortaleza de Humaitá. Já a segunda campanha foi delineada pela perseguição das tropas paraguaias e destruição da posição defensiva no rio Tebicuary.

1) A Campanha de Humaitá

a) As batalhas de Tuiuti

Após assumir e reorganizar as Forças aliadas que se encontravam estacionadas em Tuiuti, em meados de 1867, Caxias decidiu manobrar seu efetivo de cerca de 38.000 homens e 160 bocas de fogo para conquistar a posição fortificada de Humaitá. Os paraguaios contavam com cerca de 30.000 homens entrincheirados e mais de 200 canhões, e Caxias optou por realizar uma manobra desbordante e procurar uma brecha no dispositivo inimigo (VERDE OLIVA, 2017).

Sua manobra pretendia realizar um ataque desbordante às posições defensivas de Humaitá e atacá-lo pelo flanco esquerdo, na direção geral tática de ataque San Solano – Humaitá (Figura 1). Entretanto, Solano López percebeu a movimentação das tropas aliadas e, tomando a iniciativa, atacou de surpresa, com aproximadamente 8.000 homens, o núcleo de forças aliadas estacionadas em Tuiuti. Após o êxito inicial das tropas guaranis, Caxias ordenou que as tropas aliadas se reorganizassem e realizassem um rápido contra-ataque. Essa manobra logrou êxito e surpreendeu as tropas paraguaias, resultando na fuga desordenada do inimigo, com um saldo de mais de 2.000 mortos, além de cerca de 3.000 carabinas apreensas.

didas. Em que pese que o lado aliado sofreu com mais de 1.800 baixas, a posição de Tuiuti foi restabelecida (VERDE OLIVA, 2017).

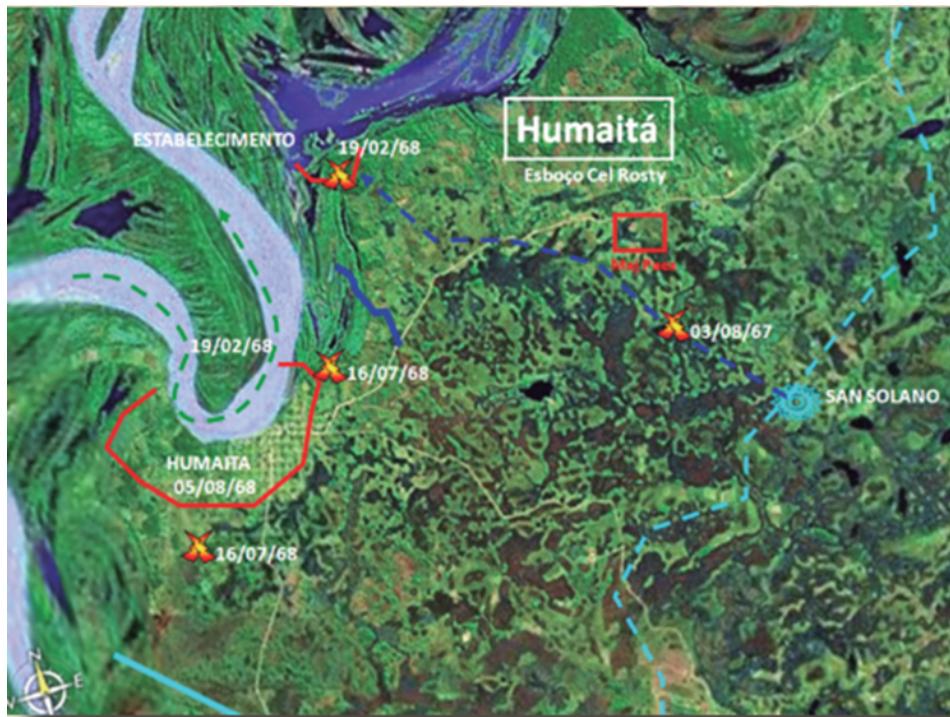


Figura 1 – Batalha de Humaitá

Fonte: VERDE OLIVA, 2017.

b) A batalha de Humaitá

Em 12 de janeiro de 1868, Caxias assume o comando das tropas aliadas definitivamente, pois Mitre retornou à Argentina em decorrência da morte de seu vice-presidente. Tal fato permitiu que Caxias tivesse maior liberdade para agir. Com isso, ordenou que fossem desencadeadas operações ofensivas, por terra e pelo rio, para encravar os paraguaios em Humaitá.

De acordo com Lima (2016), a manobra de Caxias reduzia a liberdade de ação dos guaranis, e o ataque à fortaleza de Humaitá, conhecida como a Sebastopol⁶ paraguaia, tornava-se iminente. Solano López visualizou que poderia

⁶ Sebastopol era uma importante base militar da Marinha czarista que resistiu aos ataques aliados durante a Guerra da Crimeia (1853-56).

sofrer uma derrota nessa posição e retraiu a maior parte de suas forças, deixando ali apenas uma guarnição de cerca de 4.000 homens que resistiram bravamente às investidas aliadas.

Em 16 de julho de 1868, Caxias determinou que Osório realizasse um reconhecimento em força sobre a fortaleza que deixou o saldo aproximado de 1.300 baixas do lado aliado, mas que obteve notável êxito. Após cerca de oito dias de operação, Humaitá foi abandonada pelos paraguaios. A partir desse momento, como escreveu Carvalho (1976), a porta para o interior paraguai estavam aberta. Em 5 de agosto daquele ano, o exército aliado ocupou Humaitá, posição estratégica de extrema relevância que passou a ser base de apoio para as futuras operações em direção ao norte do TO.

2) A Campanha de Piquissiri

Após a conquista de Humaitá, o exército aliado, dotado de bons equipamentos, instruído e com moral elevada, demonstrava convicção da vitória sobre as forças de Solano López e que sua captura era somente uma questão de tempo. Entretanto, ao perceber a possibilidade da queda da linha defensiva de Humaitá, ordenou o retraimento de grande parte de sua tropa para o norte, objetivando a preparação de uma nova posição no corte do rio Tebicuary, em sua margem esquerda.

No dia 19 de agosto de 1868, Caxias retomou a ofensiva na direção geral norte, com o 3º C. Ex. na vanguarda, sob o comando do Marechal Osório. De acordo com Soares (1986), dos diversos embates travados durante a perseguição inimiga merecem destaque pelo estrondoso sucesso os ocorridos em 26 de agosto, no arroio Jacaré e no Passo Real do Tebicuary, e em 23 de setembro, na ponte do arroio Surubi-Hi. Devido à velocidade das forças de Caxias, principalmente após o combate no arroio Jacaré, Solano López decide novamente reorganizar sua linha defensiva no rio Piquissiri, por acreditar que essa faixa do terreno apresentava melhores condições defensivas do que a linha anterior.

Segundo Galante (2018), em 24 de setembro de 1868, as Forças da Tríplice Aliança se concentraram na região de Palmas, posição próxima ao rio Piquissiri, atingindo a nova linha defensiva das tropas de López. Nesse momento, Caxias ordenou o bloqueio de reforços pela força naval, além de instalar sua base de ope-

rações avançada em Palmas e deslocar de Humaitá o 2º C. Ex., comandado pelo General Argolo, com a missão de construir uma estrada pelo terreno pantanoso do Chaco, possibilitando a passagem de todo o exército pela margem direita do rio Paraguai, para atacar pela retaguarda o exército paraguaio e desbordar a posição de Angostura. Essa decisão foi fundamental para surpreender as tropas paraguaias e corroborou para o êxito das tropas aliadas nessa batalha, demonstrando a capacidade de Caxias como comandante visionário, ousado e criativo.

Em 5 dezembro de 1868, 3º C. Ex. encontrava-se na região de Santo Antônio em condições de ser empregado e com a Cavalaria na margem direita do Paraguai pronta para transpor o rio e juntar-se às demais tropas aliadas. Dessa forma, estava concluída a manobra de aproximação das tropas lideradas por Caxias e começaria um dos períodos mais marcantes da GTA, conhecida como “Dezembrada” (VERDE OLIVA, 2017).

a) A Batalha de Itororó

Em 6 de dezembro de 1868, as tropas aliadas atacaram com o 1º e 2º C. Ex. a região de Itororó, como ataque principal, e com o 3º C. Ex. desbordando a região de mata, para um ataque no flanco direito das posições defensivas paraguaias.

De acordo com o dossiê da revista *Verde Oliva* (2017), a tomada da ponte sobre o arroio Itororó foi considerada de vital importância, pois em que pese o arroio não se constituir um curso de água de grande profundidade, suas margens eram compostas por terreno rochoso, íngreme e elevado, o que colocava os aliados em uma situação extremamente desvantajosa para a realização de manobras ofensivas. Ciente da relevância dessa estrutura para as operações, as duas tropas se digladiaram com extremo afinco para manter o controle da posição, de modo que, após sucessivas cargas, por mais de seis vezes a ponte fora tomada e perdida pelas tropas aliadas.

Segundo Lima, cabe ressaltar que, nesse momento de profundo abatimento dos aliados, Caxias desembainhou sua espada e avançou sob o brado: “Sigam-me os que forem brasileiros” (2016, p. 323). Esse episódio fez recrudescer o ânimo dos soldados que assistiam o incontestável ato de bravura de seu comandante, promovendo um avassalador ataque sobre a estreita ponte e sua reconquista definitiva. O resultado desse embate foi catastrófico para ambos os contendores. O número

de mortos foi de cerca de 3.000 homens, entre aliados e guaranis, corroborando para que essa guerra viesse a se tornar o embate mais sangrento do subcontinente sul-americano.

b) A Batalha de Avaí

Em 7 de dezembro de 1868, após a vitória em Itororó, o exército de Caxias estabeleceu acampamento no Monte Ipané para uma pausa tática, a fim de reorganizar as tropas ao mesmo tempo que aguardava a transposição das Divisões de Cavalaria (DC) que ainda estavam na margem oposta do rio Paraguai.

Conforme o dossiê da revista Verde Oliva (2017), em 9 de dezembro, Caxias retomou a ofensiva e atacou as tropas guaranis no corte do arroio Avaí. O ataque principal foi desferido com o 3º C. Ex., comandado pelo Marechal Osório no centro da posição, de maneira simultânea com o 2º C. Ex., sobre o flanco esquerdo, a 1ª DC, em um desbordamento, também pelo flanco esquerdo, e as 2ª e 3ª DC, pelo flanco direito. Após o início dos combates, Caxias lança o 1º C. Ex. sobre o flanco direito do inimigo, promovendo um grande desequilíbrio do combate a favor de suas tropas, demonstrando ser um exímio planejador e conhecedor das capacidades de seus subordinados, características fundamentais de um líder militar. Diante desse ataque, o exército inimigo não conseguiu executar manobras evasivas, com exceção de seu comandante, o general Caballero, que se retirou da batalha com cerca de 150 homens. A batalha chega ao seu fim com um desfecho de quase 5.000 baixas guaranis, entre mortos, feridos e prisioneiros, e elevada perda de material bélico.

c) As Batalhas de Lomas Valentina

Frente às sucessivas derrotas que vinham sofrendo nos últimos meses da contenda, as tropas paraguaiaias decidiram recuar para reforçar as posições defensivas dispostas na região do Piquissiri, visando conter o avanço dos aliados. Cabe destacar que as manobras envolventes de Caxias, na porção norte das tropas guaranis, passaram a conferir grande vantagem tática aos aliados.

A Batalha de Lomas Valentina foi dividida em três fases distintas, sendo realizado, na 1ª fase, um ataque frontal por parte das Forças Aliadas, rompendo a 1ª linha defensiva inimiga. A 2ª fase foi caracterizada pelo ataque à linha de

Piquissiri e pela junção das tropas aliadas, que se encontravam na região de Palma. Nesse momento, Caxias oferece rendição a Solano López, que termina por negá-la. A 3^a e derradeira fase culminou com o assalto final à linha defensiva de Piquissiri (SOARES, 1986).

As tropas aliadas contaram com absoluta superioridade bélica, com mais de 23.000 homens, ao mesmo tempo que as posições defensivas paraguaias estavam bem aquém do habitual padrão de fortificação adotado anteriormente. Importante destacar também o péssimo estado das forças paraguaias, estando estas desnutridas, mal uniformizadas e com equipamentos em péssimas condições, evidenciando, assim, a decadência do exército de Solano.

Mesmo diante da difícil situação de suas tropas, Solano López insiste em manter a posição, o que acaba condenando seu exército à destruição completa. Porém, López consegue evadir-se para a cordilheira, local onde resistiu aos ataques das forças aliadas até a sua morte.

Ao final da Batalha de Lomas Valentina, o comandante das Forças Aliadas dava por encerrada a Campanha de Piquissiri e o período conhecido como “Desembrada”, de acordo com o dossiê da revista Verde Oliva (2017) atingido pela destruição das forças inimigas com aproximadamente 18.000 homens, 400 peças de artilharia e quase a totalidade de material bélico. Tendo destruído as forças paraguaias, Caxias não identificava mais inimigos e, apesar da fuga de Solano López, a evidente destruição do exército paraguaio não justificava para ele a perseguição do ditador paraguaio, motivo que o levou a solicitar, dias mais tarde, o abandono da campanha militar da GTA.

3) A ocupação de Assunção

Em 5 de janeiro de 1869, Caxias entra vitorioso em Assunção (LIMA, 2016). Nesse momento, priorizou reorganizar sua logística, descansar a tropa e planejar os passos seguintes no combate. Determinou que a esquadra destruísse as embarcações inimigas remanescentes e restabeleceu as comunicações com o Mato Grosso pelo rio Paraguai.

Após essas providências, por pedido do cirurgião-mor que o acompanhava, Caxias se retira do Paraguai, no dia 22 de janeiro de 1869. Segundo Carvalho

(1976), no segundo mês de 1868, Caxias iniciou seu retorno para o Brasil por encontrar-se gravemente enfermo, em que pese o conflito ainda não ter encerrado, o que o deixou extremamente descontente por separar-se de seus comandados.

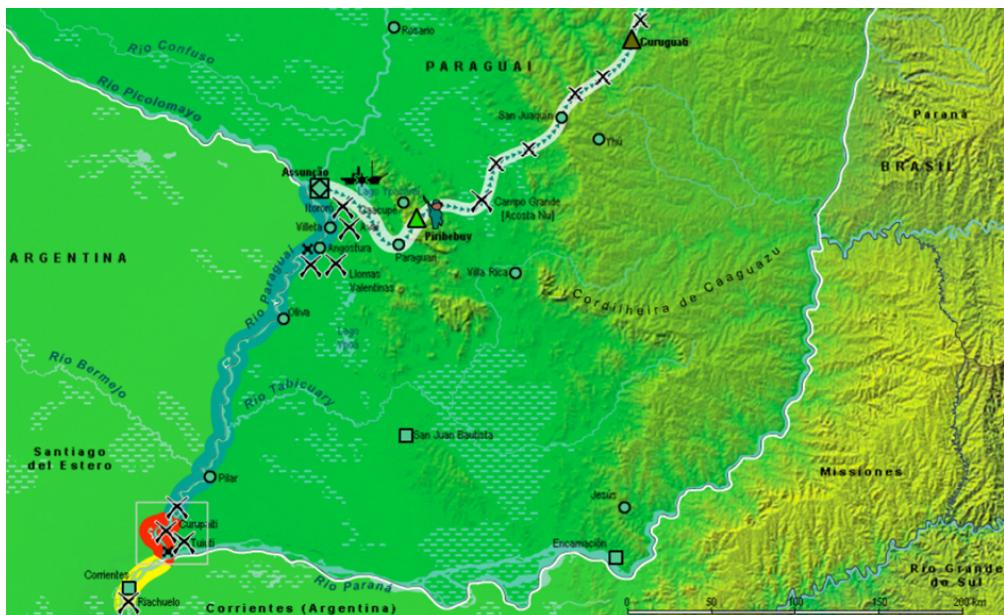


Figura 2 – mapa com a representação das batalhas que contaram com a participação de Caxias.

Fonte: <https://atlas.fgv.br/marcos/guerra-do-paraguai/mapas/guerra-do-paraguai-grandes-batalhas>

b. A ATUAÇÃO DE CAXIAS COMO LÍDER MILITAR NA GTA

Para Hecksher (1998), a liderança em uma situação de combate sofre diversas influências que impactam decisivamente na motivação da tropa e afeta a capacidade dos militares em combate. Dessa forma, é de suma importância a atuação dos comandantes e o seu meticoloso conhecimento sobre seus subordinados para manter a impulsão no combate.

A escolha de Caxias para o comando das tropas brasileiras, durante a Guerra do Paraguai, se deu por diversas razões políticas e militares, dentre as quais cabe salientar o notório respeito desse soldado perante as tropas aliadas. Assim, o Marquês de Caxias assumiu a frente das forças terrestres do Brasil em 18 de novembro de 1866, substituindo o general argentino Mitre (LIMA, 2016).

Segundo Silva (2020), Caxias era considerado um herói do Brasil, haja visto sua notável e vitoriosa atuação em campanhas internas, como a Balaiada (1837), as Liberais (1842) e a Farroupilha (1835-45), sendo também o oficial mais graduado do País. Seu histórico gerava grande admiração e respeito em seus subordinados, o que também era compartilhado por autoridades externas, como o próprio presidente argentino que aprovava e almejava sua escolha para o comando das Forças. Diante disso, o Marquês possuía grande prestígio político-militar, o que fez com que as trocas de comandos intermediários por ele implementadas implicassem maior coesão da Aliança na preparação e nos combates que seguiram.

Entretanto, ao aceitar o cargo, o futuro Duque já possuía sessenta e três anos, idade bastante avançada. Esse óbice foi superado pelo espírito de cumprimento do dever desse soldado exemplar, que não apenas assumiu o comando das tropas aliadas, como foi comandar seus subordinados de perto no campo de batalha, fortalecendo a coesão das tropas.

De acordo com Santos (2019), ao chegar no *front* o Marquês pôde comprovar as péssimas condições sanitárias em que os soldados se encontravam. Assim, uma das primeiras ações de Caxias ao assumir o comando foi a criação do corpo de saúde, visando mitigar os danos causados pela epidemia de cólera que atormentava as tropas e aumentando o efetivo de soldados em condições de combater.

Caxias percebeu ainda que o adestramento e o efetivo eram deficientes, bem como a logística e a disciplina da tropa. Tal situação era agravada devido ao grande número de novos soldados, muitos destes recém-incorporados, além de ter sido necessária a recomposição de parte do oficialato. Nesse cenário, mandou de imediato realizar uma pausa nos embates, com objetivo de melhor preparar as Forças para uma nova ofensiva. Porém, ele não deixou de realizar algumas ações no inimigo, como o bombardeamento de suas posições e o patrulhamento do rio Paraná, para inibir avanços das tropas guaranis. Para aumentar as capacidades de sua tropa, o Marquês procurou repor e fortalecer a cavalaria, em parte atuando a pé por falta de cavalos. Adquiriu, então, mulas e cavalos, gerando mais poder de combate aliado. Cabe destacar que essa preocupação em melhorar as capacidades e meios da tropa elevou o respeito e a admiração de seus subordinados para com esse líder militar, recrudescendo a coesão entre os soldados.

Ademais, para Lima (2016), as medidas logísticas implementadas por Caxias atingiram também outros setores das forças combatentes. Foram melhorados os alojamentos e uniformes dos soldados, além de ter sido dada maior atenção às condições sanitárias existentes. O médico Francisco Pinheiro Guimarães foi nomeado para supervisionar e melhorar as unidades de saúde, que eram precárias e ocasionaram a propagação de uma epidemia de cólera. Dessa maneira, foram reconfigurados os hospitais de campanha existentes, e adequados os acampamentos para possuírem melhores condições de higiene, o que culminou com o fim da epidemia. Além disso, militares que se encontravam já curados em hospitais, mas que não desejavam voltar ao *front*, foram despachados para os acampamentos, ensejando o acréscimo de 2.000 falsos doentes às fileiras militares, aumentando o efetivo de soldados em condições de combate.

Ainda segundo Lima (2016), outro aspecto importante que possui atuação direta do Marquês de Caxias foi a manutenção da disciplina. Antes da sua chegada, havia uma leniência de parte dos comandantes com comportamentos que não condizem com o padrão militar. O consumo de bebida alcoólica ocorria de forma desenfreada nos acampamentos, além da circulação de prostitutas, o que afetava diretamente os padrões morais dos soldados. Os longos períodos de inatividade, as deserções e a promiscuidade entre o oficialato e as praças contribuíram para o agravamento dessa situação. Dessa maneira, com intuito de melhorar o bem-estar dos subordinados, foram instalados teatros, casas de diversões e uma igreja, além de ser instituída uma chefia de polícia, melhorando a disciplina das tropas em campanha.

Depois de reagrupar, recompor e reorganizar suas forças, Caxias, juntamente com Marechal Osório, soldado que gozava de sua extrema confiança, seguiram para Humaitá, local no qual lograram êxito e derrotaram as forças de Solano López que, por sua vez, retirou seu exército de San Fernando e recuou para a região de Piquissiri. Nesse episódio, Caxias ordenou a construção de uma estrada do Chaco que permitiu uma manobra de desbordamento sobre as tropas guaranis. Como essa manobra, conhecida como manobra do Piquissiri, seu plano foi exitoso, demonstrando sua elevada capacidade intelectual, técnico-profissional e de conhecimentos militares, fatores que corroboram para sua liderança militar frente a seus pares e subordinados.

Na continuação do embate, após o ataque a Piquissiri, Solano López ordenou a seu general que capturasse a ponte existente sobre o rio Itororó. Em 6 de

dezembro de 1868, o EB rumou para o sul e chegou a Itororó por uma pequena ponte de madeira. Nesse factível episódio, ressalta-se a atuação de Caxias, que, no momento de desvantagem das tropas aliadas, marchou à frente de seu exército com sua espada em punho até a conquista do objetivo militar imposto, demonstrando determinação e liderando seus homens pelo exemplo.

As forças brasileiras continuaram sua marcha e cruzaram a foz do rio Avaí no dia 11 de dezembro. Ao enfrentar o inimigo, Caxias conseguiu derrotar as forças de Caballero, manobrando para atacar pelo flanco e penetrar no dispositivo inimigo (VERDE OLIVA, 2017). Segundo Doratioto (2002), para essa marcha só havia sido distribuída ração e munição para três dias. Entretanto, devido às dificuldades logísticas, a tropa enfrentou severas restrições de víveres. Caxias não se abalou, muito menos se colocou em posição de privilégio e enfrentou as dificuldades juntamente com seus homens, comendo o que havia disponível para todos, demonstrando empatia, humildade e abnegação.

A batalha final da campanha, em dezembro de 1868, foi a Batalha de Lomas Valentinas e Ita-Ivaté. De acordo com o dossiê da revista Verde Oliva (2017), quando as forças guaranis foram cercadas pelas forças brasileiras, estas lhe ofereceram a oportunidade de rendição e deposição das armas, mas Solano López não o fez. Em janeiro de 1869, Caxias chega a Assunção, capital do Paraguai, e, mesmo sem capturar Solano López, retira-se da campanha, devido a sérios problemas de saúde.

Quando retornou à Pátria, foi premiado por D. Pedro II com o Grão-Colar da Ordem de Pedro I, honra a que ninguém poderia igualar. Recebeu, ainda, o título da mais alta nobreza do Império: o título de Duque. Destaca-se que a presente honraria era concedida apenas a membros de sangue real, sendo uma exceção a Caxias pelos seus grandiosos feitos.

3. CONCLUSÃO

A atuação de Caxias na GTA contribuiu decisivamente para o resultado dessa contenda. Sua maestria foi capaz de romper um quadro de marasmo paralisante que consumia os recursos materiais das nações envolvidas, bem como a vida de milhares de soldados que ali eram desperdiçadas em um conflito estagnado e sem solução aparente.

Nesse conflito de maior duração e proporção da história sul-americana, Caxias evidiou mudanças pragmáticas ao assumir o comando das tropas. Ele trouxe uma abordagem transversal ao não apenas olhar para a vanguarda e meios de combate, mas também para a retaguarda, cuidando da logística e da administração ao implementar medidas para higienizar as enfermarias e para disciplinar a rotina do campo de batalha. Suas condutas foram disruptivas e fruto de uma compreensão ímpar dos meandros da guerra e da lide do TO, algo que só a experiência ensina. Seu legado é superior ao seu tempo e o coloca na vanguarda de sua época. Muito do que ele fez pela dimensão humana do combate é modelar até mesmo para os dias atuais.

Dotado de larga experiência em combate, esse velho soldado foi testado desde os conflitos da Independência passando por todas as ebullições da Cisplatina, do Prata e das revoltas separatistas do período regencial – as que mais propriamente o entronizam como Pacificador. Essa extensa bagagem conferia a Caxias grande respaldo junto à tropa. Sua vida plasmou o que se entende hoje por liderança militar.

Para aqueles que se dedicam ao ofício das armas, reconhecer em seu Comandante “um dos seus” gera uma empatia imediata que resulta em liderança. A ação de comando de Caxias foi capaz de arremessar mesmo os moribundos contra as cargas e barragens paraguaias e é hoje o que sintetiza a máxima “o exemplo arrasta” – vê-se a liderança em seu apogeu!

Seus feitos em Itororó são de um heroísmo sem igual, tanto que, simbolicamente, o sol daquela manhã encontra-se retratado na barretina do uniforme histórico dos cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) para que ilumine a juventude militar brasileira nos seus desafios do porvir.

Sem dúvida, ao par da capacidade tática e visão holística que Caxias já de início imprimiu, sua liderança como soldado tarimbado também contribuiu sobremaneira para o resultado da GTA. Em suma, Caxias personifica o que Clausewitz (1979) chamou de gênio militar: aquele que raramente surge e que detém a habilidade de compreender a guerra como um fenômeno total que ultrapassa os campos de batalha.

No campo da política, convém rememorar o episódio da nomeação de Caxias como Comandante das tropas da GTA. Ao ser convidado pelo Imperador,

o então Marquês, senador pelo partido conservador, numa demonstração inequívoca de patriotismo, separou o soldado do político e, mesmo tendo sido preterido pelo governo de maioria liberal, aceitou de pronto e declarou: “minha espada não tem partido”. O Imperador, diante de um homem de sessenta e três anos pelo qual nutria particular e especial apreço, avança na conversa e pergunta se haveria alguma condição para que esse pleito se levasse a cabo. Categoricamente, Caxias pontua: “Nem uma, se não a de ter a inteira confiança do Governo”.

A alcunha de Pacificador que eterniza Caxias, muito vinculada às campanhas de estabilização que impediram a fragmentação do território nacional, também foi vista na GTA ao limitar a campanha até Assunção, vendo ali a consecução do objetivo político da campanha alcançado.

Para Caxias, não se justificava a perseguição do ditador paraguaio Solano López, a quem o Pacificador ofereceu oportunidade de rendição, demonstrando humildade e humanidade. Essa aura e agudeza de espírito fez dele essa “flor de estadista e soldado”⁷ a ser saudada por gerações porque sempre lhe foi clarividente que toda guerra é uma forma de construção de uma nova paz e não uma oportunidade para aniquilar os contrários.

Dessa passagem, pode-se aprender que os interesses do Estado são maiores que quaisquer ambições políticas de governos. Um estadista não pode ser míope a ponto de sucumbir às conveniências de curto prazo, e assim se pôs como Comandante: um soldado a serviço dos mais caros interesses do Estado e não dos homens que o representavam.

Todas as honras a Caxias são deveras merecidas. Sua atuação na GTA retrata valores morais indeléveis aos homens da caserna, portanto seu legado é atemporal e reverbera no EB nos dias atuais e o fará por todo o sempre. Sua vida militar foi assim, por isso seu gládio invicto desfila em todas as formaturas para que sirva de exemplo de que a vitória no campo de batalha não se trata apenas de reduzir o inimigo, mas de pacificar a situação para construir futuramente um ambiente seguro e próspero.

⁷ Trecho do *Hino a Caxias*. Letra de D. Aquino Correia e música de Francisco de Paula Gomes.

Por fim, justa homenagem o Estado brasileiro legou ao Marechal de Ferro ao perfilá-lo como herói nacional, escrevendo seu nome no *Livro dos Heróis da Pátria* por meio da Lei nº 10.641, de 28 de janeiro de 2003, para que seus feitos sirvam de exemplo não somente para os militares, mas também para todos os brasileiros, porque patriotismo é um valor moral acendrado que deve inspirar a todos – independente de idade, cor, credo ou posicionamento político.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. **Manual de Campanha**. Liderança Militar. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2011.
- CARVALHO, Afonso de. **Caxias**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976.
- CAMPOS, Joaquim Pinto de. **Vida do Duque de Caxias**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1939.
- CLAUZEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. Tradução de Teresa Barros Pinto Barroso. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FAGUNDES, Gabriel Carlos. **“Dezembrada”**: sesquicentenário da série de combates que deslocou o centro de gravidade da guerra da Tríplice Aliança, sua importância para o desfecho do conflito e influências para a doutrina do Exército Brasileiro. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência Militares) – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/4515>. Acesso em: 30 jan. 2023.
- GALANTE, Alexandre. 150 anos da Travessia do Chaco. **Forças Terrestres**, [s. l.], 17 out. 2018. Disponível em: <https://www. forte.jor.br/2018/10/17/150-anos-da-travessia-do-chaco/>. Acesso em: 30 jan. 2023.
- HECKSHER NETO, Mario. **Precisamos de Líderes**. Resende: Acadêmica, 1998.
- HUNTER, James C. **O Monge e o Executivo**: uma história sobre a essência da liderança. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- LIMA, Luiz Octavio de. **A Guerra do Paraguai**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2016.

SANTOS, Wagner de Oliveira. **Bicentenário da Independência do Brasil:** o papel do Exército Brasileiro na manutenção da unidade nacional durante a Revolução Farroupilha e a Guerra do Paraguai. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Militares) – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2019.

SILVA, Tiago Magalhães França. **A liderança de Caxias na Guerra do Paraguai, sob o enfoque dos fatores de liderança militar, e a influência da mesma na sequência deste conflito.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/8712/1/MO%206336%20-%20TIAGO%20FRAN%C3%87A.pdf>. Acesso em: 6 maio 2023.

SOARES, Evandro Rodrigues. **A Ação de Comando de Caxias na Guerra da Tríplice Aliança.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 1986.

VERDE OLIVA. A. A Guerra da Tríplice Aliança. **Verde Oliva**, Brasília, DF, v. 44, n. 236, p. 1-74, 2017. Disponível em: <https://www.calameo.com/exercito-brasileiro/read/0012382062931ee-056eac>. Acesso em: 15 jan. 2023.

O DUQUE DE CAXIAS COMO POLÍTICO E ESTADISTA

Ten Cel Inf PEDRO SANTORO COSTA DA SILVA; Ten Cel Com RODRIGO LUIZ VALIM; Maj Inf DANIEL SOUSA LEITE LADEIA; Maj Inf ANTÔNIO OLIVEIRA CARVALHO FILHO; Maj Inf HEINZ STRICKER DO VALLE; Maj Eng MARCELO CAHÚ GONÇALVES; Maj Inf ALEXANDRE MENEZES DA SILVA; Maj Art VITOR MENDONÇA SOARES; Maj Cav LUIZ FERNANDO VALVERDE BASTOS; Maj Int RICARDO DOS SANTOS SALES; Maj Eng RAFAEL BUARQUE DE GUSMÃO GOMES e Maj Inf ALEXANDRE ROSA DE MEDEIROS.⁸

1. INTRODUÇÃO

Luís Alves de Lima e Silva – o Duque de Caxias – nascido em 25 de agosto de 1803 e tendo falecido aos 76 anos, viveu a maior parte de sua vida no contexto do Império do Brasil. Sua participação no Império como político e estadista foi de extrema importância para o nascente regime e, por conseguinte, para a história do Brasil, conforme mencionado por Oliveira e Castilho (2022).

O Império do Brasil teve o regime definido como monarquia constitucional parlamentar representativa. Esse Estado surgiu após a independência do Reino de Portugal, em 1822, e se encerrou em 1889, com a Proclamação da República. Englobou, de maneira geral, o atual território da República Federativa do Brasil, com a principal ressalva sendo a incorporação do território do Acre, dentre outras alterações fronteiriças. Segundo Carvalho, a política no Império era, na prática, dualista: “Nos partidos Conservador e Liberal polariza-se toda a história do Império. A vida política da nação, desde a Independência, é um duelo sem tréguas entre as duas poderosas organizações [...]” (CARVALHO, 1976, p. 158).

⁸ Os autores são alunos do Curso de Comando e Estado-Maior da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME).

A despeito de sua natural relutância à atividade política, pois considerava que sua “prática viciada tem ocasionado rigorosas incompatibilidades com o Exército” (CARVALHO, 1976, p. 155), o Duque de Caxias candidatou-se ao cargo de senador pela Província do Rio Grande do Sul, no ano de 1845. Nesse ínterim, Caxias optou por filiar-se ao Partido Conservador, pelo qual nutriu maior aproximação ideológica. Ao ser escolhido senador por D. Pedro II, passou a representar figura de expressão nas fileiras partidárias conservadoras, compensando a proeminência de Osório, que era filiado ao Partido Liberal. A relação entre ambos, contudo, sempre foi de estima mútua, em que pesem tentativas de abalar a amizade com finalidades políticas.

Caxias retirou-se da vida política em 1878, já com sua saúde bastante debilitada. De acordo com Carvalho (1976), no decurso dos 38 anos de atuação nessa expressão do poder nacional, ocupou posições de destaque nos poderes executivo e legislativo do Império, tendo deixado um legado de inúmeras benfeitorias e tendo zelado irrepreensivelmente pelos interesses nacionais.

No presente artigo, será descrita parte importante da vida do “Duque de Ferro” – também alcunhado de “O Pacificador” – como político e estadista do Império do Brasil, abordando a sua atuação nas províncias do Maranhão e Rio Grande do Sul, bem como no Ministério da Guerra e no Conselho de Ministros.

2. DESENVOLVIMENTO

a. A ATUAÇÃO POLÍTICA DE CAXIAS

Caxias teve destacada atuação política no Brasil Império. Além dos seus feitos incontestes nas campanhas militares em que participou e liderou, no meio político, Caxias ocupou funções chave no Império em função da confiança que gozava junto ao Imperador. Segundo Bento (2003), o patrono do Exército Brasileiro foi presidente das províncias do Maranhão e do Rio Grande do Sul, senador do Império, Ministro da Guerra e Presidente do Conselho de Ministros.

1) Caxias na presidência das províncias do Maranhão e do Rio Grande do Sul

a) Presidência do Maranhão (1840-1841)

A governança imperial no Segundo Reinado foi um fator contribuinte para a unidade nacional. Embora precoce, a assunção do Imperador D. Pedro II ao po-

der retardou o surgimento da República no início do século XIX e colaborou para a manutenção da soberania do vasto território brasileiro conturbado por rebeliões e guerras civis de norte a sul do Brasil Império.

Nesse período da História Militar Brasileira, dentre os ilustres e memoráveis protagonistas das batalhas e guerras travadas na *Terra Brasilis*, destaca-se Luís Alves de Lima e Silva pelos seus feitos na expressão política e militar nacional. No entanto, grande parcela da atual sociedade desconhece a grande atuação do patrono do Exército Brasileiro como um líder político. O Cel Luís Alves, Presidente do Maranhão no período de abril de 1840 a janeiro de 1841, recebeu a missão de pacificar aquela província, ficando a ele subordinadas todas as tropas em operações do Maranhão, do Piauí e do Ceará. O Império concedeu-lhe a liberdade de ação apropriada para conduzir operações militares e realizar tratativas políticas julgadas necessárias, concentrando o poder político-militar a fim de debelar a Revolta dos Balaios, movimento popular que aconteceu no Maranhão, entre 1838 e 1841, em prol dos menos favorecidos.

As lideranças balaias não possuíam unidade de comando, haja vista as vaidades e ambições de cada líder do movimento. Depois que os seus bando esgotaram e saquearam os recursos de subsistência da cidade de Caxias, partiram à procura de outras vilas e cidades mais rentáveis para realizar saques e pilhagens, espalhando a desordem e a instabilidade pública por toda a Província do Maranhão, inclusive em sua capital São Luiz (BENTO, 2003, p. 261).

Cabe lembrar que o Presidente da Província possuía considerável experiência militar em atuações contra revoltas sociais e campanhas militares, como a Guerra da Independência da Bahia, a Guerra da Cisplatina (1825-1828), no subcomando do Batalhão Sagrado e na organização e comando da Polícia Militar do Rio de Janeiro, com a qual superou ameaças ao poder central e à população carioca.

O político Caxias, ao assumir a Presidência do Maranhão, proclamou aos cidadãos maranhenses:

[...] Maranhenses: venho partilhar de vossas fadigas e concorrer quanto em mim couber para a inteira e completa pacificação desta bela parte do Império. Um punhado de facciosos, ávidos de pilhagem, conseguiu encher de consternação, de luto e de sangue, vossas

cidades e vilas! O terror que necessariamente deviam infundir-vos esses bandidos concorreu para que eles tivessem engrossadas suas hordas. Contudo, graças à Providência, as vitórias até hoje por eles alcançadas começam a diminuir diante de vossas armas. Mais um esforço e a desejada paz virá curar os males da guerra civil... Maranhenses, mais militar do que político, quero até ignorar os nomes dos partidos que por desgraça entre vós existam. Deveis conhecer a necessidade e as vantagens da riqueza e da prosperidade dos povos (BENTO, 2003, p. 261).

Caxias tratou rapidamente de inspecionar suas tropas subordinadas e constatou a grande carência de preparação do pessoal e a precária logística de material com o fornecimento insuficiente de calças, espadas, botas e armas de fogo para os contingentes imperiais. Destinou grande atenção e esforço para a melhoria dos uniformes militares e dos armamentos oriundos da capital do Império (MENDES, 2010).

O Presidente do Maranhão foi grande formador de lideranças políticas e militares, como o Major Feliciano Antônio Falcão. Tais personalidades “superaram suas perspectivas e venceram importantes batalhas” (BENTO, 2003, p. 262).

Como governante, não se contentou em permanecer longe dos fatos, e, por diversas vezes, deixou a capital São Luiz no intuito de acompanhar as operações militares. Dessa forma, influenciava positivamente no combate por meio da sua presença política, e, principalmente, militar.

Os revoltosos da Balaiaada não possuíam bases fixas e empregavam a estratégia de guerrilha rural. Atacavam só pontos fracos das defesas do governo. A resposta a esta estratégia foi manter suficientemente guarnecidas as vilas e cidades mais importantes para os rebeldes (BENTO, 2003).

Na ocasião, o futuro patrono do Exército priorizou ações diplomáticas ou de relações públicas em nome do Imperador e da Igreja, e acenou aos rebeldes com concessões. Mas nem todos se sensibilizaram e continuaram as operações de rescaldo por quase cinco meses até 19 de janeiro de 1841, quando conseguiu a pacificação do Maranhão, concedendo anistia a cerca de 2.000 revoltosos balaios com base em ato de D. Pedro II, de 22 de agosto de 1840 (BENTO, 2001).

Demitido, por pedido próprio, do governo do Maranhão, em 2 de abril de 1841, o Cel Luís Alves de Lima e Silva transferiu o governo da província recém-pacificada para seu substituto civil em maio daquele ano. Nesse período, retornou ao Rio de Janeiro, recebendo homenagens populares e do governo imperial.

O Cel Luís Alves foi titulado Barão de Caxias, em 18 de julho de 1841, por comandar a pacificação da Balaiada, em Caxias, cidade que se transformou em símbolo da vitória na Região Nordeste do Brasil Império. Segundo o padre Joaquim Pinto de Campos, por tudo, o título imperial Caxias simbolizava “disciplina, justiça, igualdade, vitória” (BENTO, 2001, p. 51).

Dessa maneira, os méritos alcançados por Caxias nos vieses político e militar na província maranhense levaram-no, por dever de justiça, à promoção de General Brigadeiro, equivalente ao atual posto de General de Brigada do Exército Brasileiro, em julho de 1841.

b) Presidência do Rio Grande do Sul (1842–1846)

Posteriormente, após debelar as revoltas nas províncias de São Paulo e Minas Gerais, fora promovido a Marechal de Campo Graduado (General de Divisão), e foi nomeado Comandante-em-Chefe do Exército em Operações contra os Farrapos na província do Rio Grande do Sul, em setembro de 1842.

Assumiu, cumulativamente com as suas atribuições de chefe militar, a presidência da província do Rio Grande do Sul, tornando-se o décimo oitavo presidente do período farroupilha, tomando posse em 9 de novembro de 1842 (MENDES, 2010).

De forma similar à Revolta da Balaiada, Caxias assumiu todos os encargos da liderança militar e política de uma província em ambiente instável e de desordem pública, imerso em conflitos há cerca de 7 anos.

Primeiramente, Caxias buscou o reconhecimento dos pontos ocupados pelos imperiais. Em 10 dias, Caxias visitou o hospital militar, o depósito de guerra, percorreu todo o entrincheiramento, passando em revista aos batalhões imperiais instalados em São José do Norte, Pelotas e aos que estavam estacionados em São Gonçalo. Caxias contava com 11.549 praças, sendo que 4.549 guarneciam as ci-

dades ocupadas. O principal núcleo era São Lourenço. Os outros 7.000 homens foram divididos, primeiramente, em três grandes divisões (MENDES, 2010).

Todas as administrações anteriores haviam fracassado ao tentar qualquer tipo de contato com os rebeldes rio-grandenses. Estes possuíam um exército de 3.500 homens, cerca de quatro vezes menor que do Império. Apesar disso, se movimentavam com mais facilidade por conhecer os principais desvios da província e, a qualquer tentativa de ataque imperial, seguiam para o Estado Oriental onde recebiam proteção de Rivera, Presidente do então Estado Oriental do Uruguai. Esse apoio ao movimento separatista rio-grandense era o grande perigo para o Império do Brasil (MENDES, 2010).

Caxias procurou fechar os espaços dos revoltosos articulando de todas as maneiras uma política de conciliação com os governos platinos, mesmo havendo a dificuldade de contar com esses governos pelo fato de eles possuírem contatos diretos com os farroupilhas. Caxias nada conseguia fazer se não tivesse muitos homens e farta cavalhada.

Durante o ano de 1843, o barão de Caxias empreendeu constantes embates e perseguições contra as forças farroupilhas. Disso resultou o fim físico do conflito, pois em 1843, Caxias fechou os espaços de movimentação dos farroupilhas fazendo com que, no final do ano, se internassem no Estado Oriental e não retornassem efetivamente à província do Rio Grande do Sul.

Sobre a atuação política e militar de Caxias na Revolução Farroupilha, Pedro Calmon fez a seguinte abordagem:

O Barão de Caxias venceu sobretudo por convencer, pois a verdadeira vitória não consiste em sufocar ou subjugar o adversário, pois é antes uma tarefa de persuasão, de conquista de corações para que se atinja o ideal vencedor. E Caxias sobrepujou, a olhos frácticos, a dignidade da paz justa, cobrindo as forças em luta com o véu iluminado da concórdia e da pacificação. Pois ali reuniu ao gênio de guerreiro consumado a generosidade clemente e aliciadora (BENTO, 2001).

A personalidade amalgamada de político empreendedor e militar pacificador de Caxias favoreceu a estabilização da ordem pública na província do Rio Grande do Sul, bem como propiciou várias benesses administrativas.

A cidade de Porto Alegre foi alvo de obras que alavancaram expressivo desenvolvimento e crescimento da região metropolitana da capital gaúcha. Em 1845, Caxias ordenou a confecção do projeto do Cadeião da Volta do Gasômetro, cujas obras tiveram início ainda em seu governo, o qual prestou serviços por cento e cinquenta anos, tendo sido desativado somente em 1997 (BENTO, 2001).

Além disso, durante a sua administração política foi realizada a obra da Ponte de Pedra sobre o Riacho (Ponte dos Açorianos) além de mandar reconstituir a ponte da Azenha. As casas de Porto Alegre receberam números, iniciando-se o processo pelas ruas da Praia, Riachuelo e da Igreja (atual Duque de Caxias), na época, a segunda em importância depois da rua da Praia (BENTO, 2001).

Visando facilitar o tráfego em Porto Alegre nos dias de chuva, Caxias ordenou o calçamento da praça Argentina e das ruas General Câmara e João Manoel, Uruguai e Demétrio Ribeiro. Mandou construir, ainda, na Cidade Baixa, as atuais ruas Venâncio Aires (antiga do Imperador) e da República (antiga da Imperatriz). Promoveu a ampliação da iluminação pública. Ordenou projetar a Câmara de Vereadores e o edifício para a Justiça, ao lado do Teatro São Pedro, cujas obras também auxiliou (BENTO, 2001). Caxias também teve preocupações estratégicas ao defender a construção da ponte do Jacuí, a montante de Cachoeira do Sul, que tão relevantes serviços prestaria até ser destruída na Guerra Civil de 1893-1895. Era destinada a articular o norte do Rio Grande do Sul com o sul, a serviço da economia e da segurança, possibilitando rocar, com rapidez, meios militares da fronteira com a Argentina, no Alto Uruguai, para a fronteira com o Uruguai e vice-versa (BENTO, 2001).

Conclui-se, parcialmente, que o período da presidência de Caxias no Rio Grande do Sul e no Maranhão foi fundamental para a estabilização de ambas províncias. Ao congregar os esforços militares com uma desenvolta administração pública, Luís Alves logrou pacificar as revoltas da Balaiada e da Farroupilha, contribuindo decisivamente para que essas importantes porções do território brasileiro se mantivessem integradas ao governo central.

2) Caxias no Senado do Império do Brasil

O Duque de Caxias foi eleito senador vitalício pela província do Rio Grande do Sul e exerceu a função por 33 anos, de 1847 até 1880. Integrante do Partido

Conservador, sua atuação no Senado foi exemplar, sempre baseada nos princípios e valores castrenses. Foi considerado um político de atuação racional e serena, atuando de maneira defensiva, evitando ataques diretos a outros senadores, principalmente em seus discursos (BENTO, 2022).

Com sua postura cortês, se engajava com afinco nos assuntos relativos aos interesses públicos, principalmente aqueles afetos às questões militares e da província a qual representava. A situação como parlamentar de Caxias foi fundamental para a Força Terrestre, haja vista que, em tal posição, o então senador poderia defender e influenciar as decisões favoráveis ao Exército.

Caxias não foi nunca um político no aspecto faccioso. Mas foi um político esforçado e diligente no sentido da promoção e da defesa do bem público. Não entrou para o Senado com expressão política da província do Rio Grande do Sul que pacificara. Suas raízes ali nunca foram partidárias, mas militares, administrativas e morais... (PEIXOTO, 1973).

Caxias, com sua atitude pacifista no modo de resolver as rebeliões no período do Império, como a Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul, despertou a admiração do povo gaúcho que lhe deu votos para sua eleição devido à confiança que depositava nele.

De maneira geral, Caxias figurou como parlamentar sóbrio e respeitador, de postura usualmente defensiva e pautado pelo patriotismo, seguramente acima de questões político-partidárias. A respeito de sua postura cortês e leal, Bento relata que, com a presença do Marechal Francisco de Lima e Silva – pai do Duque de Caxias – como senador pela bancada fluminense, concorria conjuntamente com o antigo Marechal para a harmonia: “Quando um tinha de votar contra outro em assuntos conflitantes das províncias do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, um deles não comparecia ao Senado” (BENTO, 2003, p. 86). Não significou, entretanto, que Caxias não tenha defendido vigorosamente suas posições e convicções. Por vezes, utilizava-se de retórica irônica, particularmente contra o senador Ângelo Moniz da Silva Ferraz, seu crítico contumaz (BENTO, 2003).

Infere-se, de modo parcial, que Luís Alves de Lima e Silva cumpriu um importante papel no Senado do Império do Brasil. Eleito de forma vitalícia pelo

Rio Grande do Sul, Caxias foi um parlamentar exemplar pela sua firme e serena postura, defendendo os interesses do Exército e de sua província na câmara alta da Assembleia Geral.

3) Caxias no Ministério da Guerra

Enquanto homem público, Caxias pautou as suas ações para defender os destinos do Exército. Desempenhou a função de Ministro da Guerra imperial em três momentos distintos: de 14 de junho de 1855 a 4 de maio de 1857; de 2 de maio de 1861 a 24 de maio de 1862; e de 22 de março de 1875 a 5 de janeiro de 1878. Nesses períodos, Caxias promoveu uma gama de realizações em prol do Exército, desde reformas administrativas, mudanças na formação de oficiais, desenvolvimento da doutrina militar, dentre outras (BENTO, 2022).

Segundo Bento (2003), dentre as principais realizações dos períodos da investidura de Caxias como Ministro da Guerra, destacam-se:

a) 1^a gestão (1855-57)

1. Reforma administrativa profunda no Exército com a criação da Repartição do Ajudante General (criada por lei em 30 Jun 1856 e com entrada em vigor em 31 Jan 1857). Essa reforma foi vista, à época, como uma grande revolução no Exército. A função administrativa passou a ter continuidade, pois, os ministros, na sua grande maioria, eram parlamentares civis que se sucediam na função, sem conhecimento ou interesse pelos problemas da Instituição. A eles se subordinavam diretamente os Comandos das Armas, até então descoordenado. Na prática, o Ajudante General funcionava como o Comandante do Exército.

2. Criação do Quartel Mestre General que ficou responsável por toda a logística do Exército.

3. Também ocorreram mudanças na legislação das promoções (passaram a ser feitas na mesma data) e na formação de oficiais, com a transferência da instrução profissional do Largo de São Francisco para a Fortaleza São João, enquanto era construída a Escola Militar da Praia Vermelha.

4. Ainda, Caxias foi o precursor da criação de uma lei do serviço militar, visto que, como Ministro da Guerra, se mostrou muito descontente com o recrutamento forçado:

O recrutamento forçado admitido entre nós é sistema tortuoso, irregular e improíscuo. Enquanto não tivermos uma Lei de Recrutamento, uma lei fundada nos sadios princípios de justiça e de equidade. Lei que obrigue todos os cidadãos, de qualquer condição, a prestar tempo de serviço militar na força armada regular, em determinadas circunstâncias. Lei que encoraje a voluntariedade, por isenções e favores, para a prestação do serviço militar, bem como os engajamentos dos que já serviram o tempo previsto em lei, é questão fechada para mim, que nunca teremos um Exército composto de elementos de moralidade e ordem, como convém ao bom desempenho de sua nobre missão. Mais uma vez invoco o patriotismo (do Parlamento), para que doteis o Exército com lei sobre tal matéria, com base no princípio das nossas instituições e em nossos costumes. (BENTO, 2003, p. 132).

b) 2^a gestão (1861-62)

Caxias, no segundo momento como Ministro da Guerra, deu continuidade à implantação de mudanças para a modernização do Exército. De acordo com Bento (2022), dentre as principais realizações, ressaltam-se:

1. Reformulação da doutrina de instrução, de emprego operacional e de justiça e disciplina do Exército, que se encontrava bastante desatualizada. Preocupado com a doutrina, ora em uso, basicamente de influências portuguesa, inglesa e francesa e adaptada à nossa realidade, Caxias talvez tenha sido o precursor do desenvolvimento de uma doutrina militar brasileira. Criação de Colônias Militares, haja vista a dimensão continental do território nacional. Caxias defendeu a ideia do que se constituiu um grande avanço e de expressiva projeção geopolítica, ao criarem-se núcleos políticos nacionalizadores, em vazios demográficos junto às nossas fronteiras, em especial:

Num país vastíssimo como o nosso, em muitos pontos baldo (carente) de população civilizada e em outros apenas habitados por selvagens, limítrofe, além disso, com Estados (nações), em idênticas senão

menos lisonjeiras condições, o estabelecimento (criação) de colônias militares não é só uma conveniência administrativa, como também medida política (dir-se-ia geopolítica) de reconhecida necessidade (BENTO, 2022, p. 119).

c) 3^a gestão (1875-78)

Caxias, logo no início de sua gestão, conseguiu a aprovação do Regulamento para a Disciplina (com o sentido de organização) e o Serviço Interno dos Corpos Arregimentados em Quartéis Fixos. Além disso, promoveu a ampliação da Escola Militar da Praia Vermelha, a qual havia construído na sua 1^a vez como Ministro da Guerra (BENTO, 2022).

Ainda de acordo com Bento (2002, p. 121), em sua terceira gestão como Ministro da Guerra, destacam-se os seguintes feitos como a construção dos fortões de Uruguaiana, Corumbá e Tabatinga, a criação do Corpo de Transportes no Rio Grande do Sul, de Companhias de Telegrafistas (pioneiras da Arma de Comunicações), do Curso de Infantaria e Cavalaria no Rio Grande do Sul e do Corpo Eclesiástico do Exército, entre outros.

É possível concluir, de modo parcial, que a gestão feita pelo Duque de Caxias no Ministério da Guerra promoveu inúmeras transformações no âmbito do Exército Imperial. A reformulação doutrinária e a modificação dos cursos de formação de oficiais foram exemplos dos aperfeiçoamentos levados a efeito pelo Marechal Luís Alves, colaborando com o fortalecimento da Instituição.

4) Na presidência do Conselho de Ministros

Caxias, a altura da década de 1850, já era reconhecido não apenas como exímio comandante militar, mas também como um estadista. Assim, não causa surpresa que, nos três períodos em que esteve no Ministério da Guerra, foi, cumulativamente, também presidente do Conselho de Ministros. Essa função não era apenas de coordenação política, como pode ser mal interpretada, à primeira vista. O cargo, criado em 1847, a fim de permitir “uma organização mais adaptada às condições do sistema representativo” (BRASIL, 1847), concedia ao presidente do Conselho exercer a chefia de governo do Brasil, uma vez que tomava decisões de forma autônoma, particularmente na nomeação de ministros. Caxias, como

membro do Partido Conservador, exerceu essa função em três gabinetes, conforme resultado das eleições para Câmara de Deputados e a aprovação do Imperador.

O primeiro gabinete de Caxias foi instituído em 3 de setembro de 1856 e dissolvido em 4 de maio de 1857. O então Marquês de Caxias foi nomeado pelo Imperador Dom Pedro II, após a morte do Marquês de Paraná, acumulando o cargo de presidente do Conselho com o que já exercia, de Ministro da Guerra. Essa nomeação imperial, conforme analisa Bento (2022), não ocorreu sem resistência de Caxias, que almejava se manter apenas nas funções junto aos assuntos de Defesa. Todavia, a posição resoluta do Imperador de mantê-lo à frente do Conselho permitiu a continuidade de trabalhos do gabinete que já estava em vigor.

Após deixar o primeiro gabinete em 1857, Caxias assumiu novamente a presidência do Conselho de Ministros em 3 de março de 1861. Essa distinta personalidade foi escolhida pelo Imperador, que procurava um nome unânime e conciliador para aquele momento político de instabilidade pelo qual passava o país. Em sua diretriz de gabinete, Caxias reforçou que o Brasil deveria seguir a sua Constituição e as suas leis com rigor, além de buscar uma severa economia do dinheiro público. Essa postura serviu de exemplo para os senadores, enfatizando que as ações e os atos políticos devem valer mais do que as palavras ditas em discursos (BENTO, 2022).

Em seu segundo mandato, Caxias não descuidou dos anseios e interesses do Exército. A adoção do serviço militar obrigatório, a proposta de um novo regulamento disciplinar, a reformulação da doutrina do Exército e a idealização de um Colégio Militar foram fatos que marcaram a sua trajetória. Em meados 1863, passou a sofrer uma grande oposição, vindo a receber um voto de desconfiança. Nesse sentido, foi substituído por uma equipe chefiada por Zacharias de Góes, que durou apenas seis dias. Na sequência, assumiu o gabinete do Marquês de Olinda (BENTO, 2022).

No dia 22 de janeiro de 1875, Caxias retornou para a presidência do Conselho de Ministros pela terceira e última vez. O seu programa de Governo era baseado na manutenção da paz externa, sem ferir a dignidade e os direitos do Império (BENTO, 2022).

Nesse período, Caxias buscou desenvolver a educação e o ensino popular, legitimou a liberdade de voto e, principalmente, finalizou os conflitos entre maçons e católicos devido à Questão Religiosa. Entretanto, essa distinta personalidade manifestava que não apreciava a função, graças ao seu desapego pelo poder, mas sentia-se motivado com os benefícios que conseguiu levar ao Exército. Dessa maneira, após três anos na presidência do Conselho de Ministros, Caxias pediu demissão de suas funções no dia 5 de janeiro de 1878, enaltecendo o seu patriotismo e a sua dedicação ao Exército (BENTO, 2022).

Infere-se, parcialmente, que a ascensão ao cargo de Presidente do Conselho de Ministros evidencia a elevada importância de Caxias no cenário político do Império. O alto nível de confiança do Imperador, aliado ao prestígio que gozava junto aos demais parlamentares, fizeram com que o Marechal Luís Alves fosse alcançado ao mais alto posto do poder executivo nacional, consolidando-o como uma das mais relevantes lideranças políticas do País.

b. CAXIAS: O ESTADISTA

O dicionário Houaiss define um estadista como sendo uma pessoa ativamente envolvida em conduzir os negócios de um governo e em moldar a sua política, exercendo liderança política com sabedoria e sem limitações partidárias. O padre Joaquim Pinto de Campos evidencia esse traço característico de Caxias na introdução da biografia do “Pacificador”:

O cidadão de cuja biografia passo a ocupar-me tem-se distinguido por muitos títulos, mas aquele por que prima é o de militar. Sua espada, sempre e só desembainhada em defesa das instituições e da pátria, tem prestado ao país os mais úteis e brilhantes serviços. (CAMPOS, 1878, p. 13)

O Estado, em sua tríade mais comum, é a reunião dos elementos povo ou população, o território e o governo. Caxias soube analisar e interpretar estes elementos, pautando suas ações como estadista, nos interesses e aspirações da nação, consubstanciados nos objetivos nacionais permanentes do Brasil.

Desta forma, verifica-se a atuação destacada de Caxias na manutenção da unidade nacional, por ocasião da pacificação das revoltas ocorridas no Período

Regencial. Neste sentido, manteve a comunidade nacional íntegra social, política e economicamente.

Além disso, sua atitude pacifista para com os vencidos conduziu as regiões conflituosas ao estado de paz social. Após as intervenções de Caxias, os revoltosos foram anistiados e alguns foram integrados ao Exército, como na Guerra da Farroupilha.

Ao assumir o comando das tropas brasileiras na Guerra da Tríplice Aliança, o então Marquês de Caxias pronunciou-se: “Aceito o convite, a minha espada não tem partido”. Neste conflito, garantiu a integridade do território nacional, impedindo o projeto expansionista do governo de Solano Lopes, no Paraguai.

O mesmo valoroso estadista demonstrou sua liderança em campo, mais uma vez, durante a tomada de Itororó. Aos 65 anos, percebendo que a perda da posição era iminente face a reação da tropa às duras baixas impostas pelo atroz inimigo, montou em seu cavalo, estendeu sua espada e proclamou: “Sigam-me os que forem brasileiros!”. A tropa contaminada pela vibração do já idoso, no entanto, invicto comandante, lançou-se bravamente para a vitória naquela batalha.

Seja como militar ou político, Luís Alves de Lima e Silva dedicou 55 anos ao serviço da pátria. O longo período supera, em muito, grandes nomes da história mundial como Alexandre, César, Carlos Magno e Napoleão Bonaparte. Esse feito avulta a devoção de Caxias ao Brasil, o qual conduziu, simultaneamente à sua carreira militar, uma brilhante e duradoura atividade política, desprovendo-se de si em prol do país.

O nome de Caxias avulta-se também na história do Estado Brasileiro como sendo o único nacional a receber o título de Duque.

Conclui-se, de forma parcial, que Caxias foi um dos mais importantes estadistas brasileiros. Seus feitos nos campos político e militar contribuíram decisivamente para a consolidação da nação, sendo uma referência de homem público para todos os brasileiros, desde então.

3. CONCLUSÃO

O Duque de Caxias teve destacada atuação na política do Império do Brasil. Integrante do Partido Conservador, ocupou inúmeros cargos no poder execu-

tivo e no poder legislativo, extrapolando a excelência evidenciada em suas ações no campo militar para a administração do País.

Em síntese, Caxias constituiu uma das mais importantes personalidades políticas do Império. Ao longo dos seus mais de 40 anos de vida pública, Caxias exerceu relevantes funções na administração e no parlamento do Brasil, em especial no Senado Imperial e no Conselho de Ministros, influenciando de forma profunda e duradoura os rumos tomados pelo país em sua época.

Conclui-se que a ação política de Luís Alves de Lima e Silva foi fundamental para a pacificação nacional no início do Segundo Reinado. Com seu espírito conciliador e sua brilhante gestão administrativa das províncias do Maranhão e do Rio Grande do Sul, Caxias logrou debelar de modo consistente as revoltas da Balaiada e da Farroupilha, conjugando os esforços no campo político e militar no sentido de neutralizar as intenções separatistas que marcaram esses movimentos e, dessa maneira, evitar a fragmentação do território do País.

Infere-se, ainda, que a participação de Caxias na política imperial impactou de forma significativa o Exército Brasileiro. Suas três passagens como Ministro da Guerra trouxeram reflexos positivos para a Instituição, tais como a criação do Quartel-Mestre General e a ampliação da Escola Militar da Praia Vermelha, contribuindo para o engrandecimento da Força Terrestre.

Outrossim, é possível concluir que o “Pacificador” figura entre os maiores estadistas da História do Brasil. Sua enorme contribuição para a manutenção da integridade do território nacional, bem como o desprendimento e a dedicação ao Brasil evidenciados no desempenho das funções de cunho político que teve a oportunidade de exercer serviram, e ainda nos dias de hoje servem, de exemplo de homem público, sendo figura fundamental na construção e na consolidação do Estado Brasileiro.

Por fim, a observa-se que o brilhantismo do Duque de Caxias transcende o seu gênio militar. O insigne patrono do Exército Brasileiro, para além de seus feitos nos campos de batalha, participou de forma ativa da política de seu tempo. Dessa maneira, dedicou-se de forma integral ao serviço da Pátria, contribuindo decisivamente, com suas destacadas virtudes e valores, na formulação e na busca dos mais elevados objetivos nacionais do Império do Brasil.

REFERÊNCIAS

BENTO, Cláudio Moreira. **Caxias e a Unidade Nacional**. Porto Alegre: Gênesis, 2003.

BENTO, Cláudio Moreira. **Duque de Caxias**. O Patrono do Exército Brasileiro. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2022.

BRASIL. Decreto nº 523 de 20 de Julho de 1847. **Crea hum Presidente do Conselho dos Ministros**. Coleção das Leis do Império de 1847. Rio de Janeiro: Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-523-20-julho-1847-560333-publicacaooriginal-83096-pe.html>. Acesso em: 31 jan. 2023.

CAMPOS, Joaquim Pinto de. **A vida do grande cidadão Luís Alves Lima e Silva**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1878.

CARVALHO, Affonso de. **Caxias**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976.

MENDES, Jeferson dos Santos. O Barão de Caxias e a Guerra contra os Farrapos: Suas operações militares e organização do Exército na Província do Rio Grande Do Sul. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 10., 2010, Santa Maria. **Congresso** [...]. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2010. Disponível em: http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1278285325_ARQUIVO_trabalhocaxias.pdf. Acesso em: 29 jan. 2023.

OLIVEIRA, Luiz Jeha Pecci de; CASTILHO, Maria Augusta de. **O Duque de Caxias na Guerra do Paraguai**: uma análise sobre a aplicabilidade da Teoria do Grande Homem para a compreensão histórica. *Revista Augustus*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 57, p. 171-189, 2022. Disponível em: <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/920>. Acesso em: 7 jun. 2023.

PEIXOTO, Paulo Matos. **Caxias, Nume Tutelar da Nacionalidade**. Rio de Janeiro: Edico, 1973.

SOUZA, Adriana Barreto de. Biografando o Duque de Caxias. Nota de uma pesquisa. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. **Simpósio** [...]. Londrina: Associação Nacional de História, 2005. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206373_6e0d4072fb4686d836369eea3d04fed4.pdf. Acesso em: 7 jun. 2023.

CAXIAS – A REFERÊNCIA DE LIDERANÇA DO EXÉRCITO BRASILEIRO

TC Inf JONAS MOLZ; TC Art CHRISTIANO MARINS ANSELMO PINHEIRO; Maj MÁRIO AUGUSTO DE MORAES SILVA; Maj Inf CLODOALDO PIRES FILHO; Maj Art ANTONIO MARCOS MARQUES DOS ANJOS; Maj Com PAULO CORDEIRO AZEREDO; Maj Inf ANDRÉ FELIPE BOTELHO GONDIM; Maj Inf RODRIGO ALMEIDA BRITES; Maj Eng LUIS AUGUSTO LOPES JUNIOR; Maj Cav RAFAEL SILVA ROMANI; Maj Int GUILHERME DANTAS SOUSA; e Maj Inf THYAGO AUGUSTO RABELLO FERMIANO.⁹

1. INTRODUÇÃO

O Patrono do Exército Brasileiro, Luís Alves de Lima e Silva, conhecido como Duque de Caxias, é um dos maiores exemplos de liderança¹⁰¹ da Instituição. Esta distinção é fruto de sua atuação em inúmeros eventos marcantes da história nacional, do outrora Império do Brasil. Sempre com a sua forte presença, angariou o respeito daqueles que estiveram sob o seu comando e estimulou a confiança daqueles que delegaram as mais difíceis missões a este nobre militar.

O Duque de Caxias nasceu em 25 de agosto de 1803, na Vila de Porto da Estrela, na Capitania do Rio de Janeiro, atual município de Duque de Caxias, no estado do Rio de Janeiro. Nascido em uma tradicional família militar, é filho do Marechal de Campo Francisco de Lima e Silva e de D. Mariana Cândida de

⁹ Os autores são alunos do Curso de Comando e Estado-Maior da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME).

¹⁰ Segundo o Dicionário Aurélio da língua portuguesa, liderança é uma forma de dominação baseada no prestígio pessoal, a qual é aceita pelos dirigidos; é a capacidade de liderar, espírito de chefia; é a função de líder (BRASIL, 2011).

Oliveira Belo. Foi titulado Cadete de 1^a Classe, aos 5 anos de idade, em 1808, ano que marcou a vinda da Família Real portuguesa para o Brasil. Em 1818, aos 15 anos de idade, ingressou na Academia Real Militar e foi promovido ao posto de 1º Tenente em 1821, sendo classificado no 1º Batalhão de Fuzileiros, Unidade de elite do Exército do Rei (BRASIL, [20--a]).

Neste período, o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves vivenciava a efervescência e antagonismos, que culminariam com o “Grito do Ipiranga” e a independência do Império do Brasil. Nesse processo natural de afirmação de uma nova nação ocorreram conturbados momentos políticos, gerando uma série de conflitos internos e externos. Assim, em um período conflituoso, em que um dos principais objetivos do Imperador era a manutenção da unidade territorial brasileira. Caxias esteve presente nos principais eventos deste ciclo, o que fez com que ele demonstrasse a sua liderança desde o seu batismo de fogo, em 1823, nos movimentos contra a independência brasileira na Bahia até o comando das tropas aliadas na Guerra da Tríplice Aliança (1866-1869) (BRASIL, [20--a]).

Assim, para dimensionar a relevância da liderança de Caxias, este artigo utilizará conceitos e teorias definidos no C 20-10, Manual de Campanha de Liderança Militar, que prevê em suas definições básicas os seguintes fatores presentes no fenômeno da liderança:

1. A situação é criada pelo somatório de elementos de origens interna e externa que venham a exercer influência sobre o grupo (líder e liderados), a sociedade ou a instituição. Tais elementos surgirão de ações ou reações ocorridas nos diversos campos do poder (político, econômico, psicossocial, militar e científico-tecnológico), afetando a capacidade e a motivação do grupo para o cumprimento de suas tarefas.

2. O líder atua como um elemento que influencia o comportamento dos liderados, independentemente de suas vontades. (BRASIL, 2011)

Os liderados são o grupo sobre o qual o líder irá exercer a sua influência e com o qual irá interagir. O conhecimento dos liderados, por parte do líder, é fator primordial para o exercício da liderança e depende do entendimento claro da natureza humana, de suas necessidades, emoções e motivações.

3. A interação é vital para que ocorra a liderança de um indivíduo em relação a um grupo. É o processo pelo qual informações, ideias, pensamentos, sentimentos e emoções tramitam entre os membros do grupo, permitindo a inter-relação entre eles. (BRASIL, 2011)

A seguir serão analisadas algumas das manifestações do fenômeno da liderança representadas nas competências cognitivas, psicomotoras e afetivas do Duque Caxias, que o transformaram na principal referência do Exército Brasileiro até os dias atuais.

2. DESENVOLVIMENTO

a. MANIFESTAÇÕES DE COMPETÊNCIAS COGNITIVAS E PSICOMOTORAS DO DUQUE DE CAXIAS

Segundo o Manual de Campanha de Liderança Militar, as competências cognitivas e psicomotoras são formadas pelo conjunto de conhecimentos e habilidades fundamentais relativos à profissão militar obtidos com o estudo, com a experimentação, com a informação, com a autoavaliação e com a vivência na caserna, sendo divididas em proficiência técnica e tática, aptidão física e conhecimento sobre o ser humano (BRASIL, 2011).

O aspecto proficiência técnica e tática significa que o líder deve conhecer em detalhes a sua profissão de forma a potencializar o esforço de um grupo em prol de um resultado efetivo. Neste sentido, Caxias se sobressaiu ao longo de sua carreira, pois demonstrou uma capacidade tática muito eficiente que pode ser exemplificada durante sua ação na Balaia, no Maranhão a partir de 1839.

Neste momento histórico, a Regência decidiu enviar ao Maranhão como Presidente e Comandante das Armas, o Coronel Luís Alves de Lima e Silva. Coube ao Comandante da Província a missão de pacificar a região, empregando tropas do Maranhão, Piauí e do Ceará. A partir do estudo do terreno e das operações militares futuras, o Coronel Luís Alves de Lima e Silva criou a Divisão Pacificadora constituída por 3 (três) colunas operacionais, sendo a 1^a coluna comandada pelo Tenente Coronel Sergio de Oliveira, a 2^a coluna Tenente Coronel João Thomaz Henrique e a 3^a coluna Coronel Souza Pinto Magalhães, que se estendeu pelos Vales do Itapécuru

e Parnaíba, e teve o município de Caxias como foco mais importante das batalhas entre os balaios e as forças legalistas do Norte (BENTO, 2003).

O tipo de liderança externada por Caxias foi a liderança indireta¹¹ na qual o líder exerce a sua influência atuando por intermédio de outros líderes, ou seja, os comandantes das 03 (três) colunas da Divisão Pacificadora. Nesse momento inicial das operações no Maranhão, o Cel Luís Alves de Lima e Silva estabeleceu sua rede de comando com transmissão de suas ordens de maneira clara e objetiva, de forma que atingisse todos os envolvidos na missão. Em outras palavras, “é preciso que os líderes nos níveis intermediários aceitem as ideias daquele que se encontra no topo da pirâmide e as transmitam aos respectivos liderados como se fossem suas, evitando quaisquer distorções de entendimento da mensagem (BRASIL, 2011).

Neste episódio, o estudo e análise do terreno, observados por Caxias e sua equipe, configuraram importantes indícios da forma como os revoltosos agiam. Os insurgentes não possuíam bases fixas e utilizavam-se da estratégia de guerrilha rural com ataques aos pontos fracos da defesa do governo como modus operandi. Nesse sentido, Caxias ordenou que as vilas e cidades fossem guarnecididas e suas instalações reforçadas, tornando-as pontos fortes e/ou bases de combate para rebelar os movimentos insurgentes no Maranhão, empregando o cerco aos contingentes rebeldes localizados e dissipando a Balaiada até seu fim (BENTO, 2003).

Observou-se que, nessa passagem sobre o desenvolvimento das operações no Maranhão, Caxias utilizou-se de sua competência cognitiva direcionada ao objetivo principal da missão, a de pacificação. Por meio da proficiência técnica e tática, soube processar as informações colhidas sobre os revoltosos da Balaiada, adotando formas coerentes de emprego, como a ocupação de pontos fortes e o cerco ao oponente, o que enalteceu sua capacidade como estrategista e seu intelecto. Assim, Caxias apoiou-se em seus conhecimentos teóricos e práticos, empregando suas forças militares com visão e aplicando seus conhecimentos com oportunidade no ambiente hostil do combate, demonstrando sua habilidade na arte de liderança militar.

11 Liderança Indireta – O líder exerce influência atuando por intermédio de outros líderes e seus subordinados, estabelecendo uma cadeia de lideranças que atinge todos os indivíduos do grupo (BRASIL, 2011).



Figura 1 – Cel Luiz Alves de Lima e Silva em 1841 na Balaiada. Foto: François-René Moreau

Fonte: Estado de Minas, 2015

Outro exemplo de proficiência técnica e tática foi a sua atuação no Movimento Liberal em São Paulo. Os liberais constituíram uma coluna com efetivo de aproximadamente 1.500 (mil e quinhentos) homens, para marchar contra a capital paulista, com o propósito de depor o barão de Monte Alegre, presidente da província. Tão logo recebeu a tarefa de comandar as tropas do Exército Imperial, Caxias rumou para o litoral paulista, a bordo do navio *Todos os Santos*, conduzindo apenas 400 (quatrocentos) homens pouco experientes, contando também com reforço vindo de Curitiba. Ainda assim, com efetivo inferior aos revoltosos, expediu requisições para serem preparadas rações para 2.000 (dois mil) soldados, ludibriando os rebeldes e expelindo-os em direção a Sorocaba. Após tal feito, Caxias debelou a revolta em 07 de junho de 1842, próximo à região de Campinas, aprisionando os seus líderes (DARÓZ, 2020).

Desta feita, Caxias demonstrou suas qualidades de exímio líder militar, destacando- se sua iniciativa, ao agir face à inesperada desvantagem de efetivo para combater, independente de ordem ou decisão superior, quando, rapidamente, mobilizou a si e ao grupo, no sentido de surpreender e derrotar os rebeldes liberais (BRASIL, 2011).

Tal reconhecimento e confiança na figura de Caxias era originada, principalmente, na sua proficiência técnica e tática até então demonstrada. Cabe salientar que, conforme prescreve o Manual de Campanha de Liderança Militar, os líderes, em todos os escalões, devem estar bem capacitados, pois os desafios que incidem sobre suas personalidades e habilidades profissionais aumentam consideravelmente ao longo da carreira (BRASIL, 2011). Outra competência cognitiva e psicomotora apresentada por Duque de Caxias é o conhecimento sobre o ser humano. Esta percepção de humanidade e suas necessidades é fundamental para o líder e pode ser subdividida em autoconhecimento, conhecimento dos subordinados e o conhecimento e compreensão da natureza humana (BRASIL, 2011).

Neste aspecto em questão, Caxias nos traz um exemplo que pode ser observado na Guerra dos Farrapos, quando o Duque, ao assumir a Presidência e o Comando das Armas, em 9 de novembro de 1842, empreendeu seu plano estratégico que entre outras ordens tinha em seu escopo não levar a guerra contra a população civil, estimulando-a a sobreviver economicamente e não requisitando dela recursos, como havia feito o General João Paulo, antigo comandante das tropas imperiais (BRASIL, [20--c]).

Outro exemplo da competência de conhecimentos sobre o ser humano pôde ser visualizado na Guerra da “Tríplice Aliança”, em dezembro de 1868. Caxias ordenou que o general Argolo ocupasse a ponte de Itororó, que era uma passagem obrigatória na direção sul, entretanto, não foi possível cumprir tal ordem de imediato, pois não havia cavalaria na quantidade necessária. Posteriormente, o Exército Paraguaio guarneceu a ponte com 5.000 (cinco mil) soldados e 12 (doze) bocas de fogo, estabelecendo uma importante posição de suas forças (FRAGOSO, 2012).

Então no dia 6 de dezembro do mesmo ano, Caxias ordenou que Osório desbordasse a posição paraguaia pelo flanco oeste, com a finalidade de surpreender a tropa de López por uma picada, dando início a Batalha do Itororó. Os combates evoluíram e exigiram de Caxias a ação de um líder para evitar o caos. A tropa aliada começou a recuar, e Caxias, no intuito de infundir coragem às suas tropas, decidiu comandá-las de forma direta. Sendo assim, ele desembainhou a sua espada e lançou a histórica exclamação: “sigam-me os que forem brasileiros” (FRAGOSO, 2012).

Esse feito do General Comandante veio a galvanizar a sua tropa, no qual, os seus subordinados puderam contemplar aquele Soldado, já com seus 64 (ses-

senta e quatro) anos de idade, lançar-se ao perigo com destemor, expondo-se aos mesmos perigos que vivenciavam naquele momento, mostrando-lhes o caminho e dando um exemplo do que é ser um líder, intervindo com oportunidade e expondo-se aos mesmos perigos.

Sobre a mesma passagem, o autor Thomas Whingham, ressalta em seu livro *La Guerra de la Triple Alianza*:

Mas o gesto de Caxias não havia sido nem impetuoso nem romântico, mas calculado, com independência de que, apesar de seus sessenta e quatro anos, sentia em suas veias a paixão e a firmeza de um jovem oficial [...] “Todos vocês que são brasileiros”, gritou, “sigam-me!” e se dirigiu a todo galope para a ponte com as unidades restantes a sua retaguarda. (WHINGHAM, 2012, p. 252)

Ainda segundo o Manual de Campanha de Liderança Militar a ação de Caxias se enquadra perfeitamente na tarefa do líder militar, descrita desta forma:

A tarefa mais difícil com que qualquer líder militar se defronta é a de inspirar os subordinados e gerar neles a coragem necessária para superar a incerteza e o medo. Para isso, o líder precisa compreender a natureza humana e os motivos que levam as pessoas a se portar de determinada maneira, para agir no grupo com a necessária inteligência emocional. (WHINGHAM, 2012, p. 5)

Conclui-se, parcialmente, que as competências cognitivas e psicomotoras do Duque de Caxias demonstradas em diversas ocasiões de sua carreira foram essenciais para eternização dos seus exemplos de liderança, configurando-o como exemplo de líder militar.

b. MANIFESTAÇÕES DE COMPETÊNCIAS AFETIVAS DO DUQUE DE CAXIAS

De acordo com o Manual de Liderança as competências afetivas, como o próprio nome sugere, estão diretamente ligadas ao domínio afetivo. Podem ser pessoais, quando estão relacionadas com características do líder no âmbito individual, e interpessoais, quando, para serem externadas, necessitam interação com outras pessoas (BRASIL, 2011).

Em 1822, foi criado o Batalhão do Imperador. Nele, apenas soldados escolhidos por D. Pedro I podiam ocupar cargos em sua guarda. Desse modo, Caxias foi escolhido e assumiu a função de Ajudante do Batalhão, tendo, já em 1823, o seu “batismo de fogo” nas lutas contra a independência na Bahia. Na ocasião, Caxias revelou qualidades de comando, inteligência e bravura, aspectos estes que estão diretamente relacionados com as competências vinculadas às habilidades individuais como iniciativa e dinamismo, além das alusivas à valores, como a coragem, conforme o exemplo a seguir:

A testa de uma companhia – espada desembainhada, peito descoberto – lança-se impetuosamente ao assalto de uma casa-forte. Toda a força o segue, magnetizada, vivendo um lance de epopeia, num relâmpago de bravura. (CARVALHO, 1938)

Por ocasião da Guerra da Cisplatina, Caxias foi lotado no 1º Batalhão de Granadeiros da 1ª Linha do Exército, desembarcou em Montevideo, em 7 de setembro de 1825, onde combateu até fim da guerra, em 1828, que resultou na perda da província da Cisplatina, a tornando independente do Brasil. Sua atuação é retratada a seguir:

A testa de um punhado de homens decididos atravessa, à galope, e sem ser pressentido, as linhas uruguaias; cai de surpresa sobre cinqüenta homens da guarnição de um navio corsário que, todos os dias, canhões à proa, zombava acintosamente das armas imperiais; apoderando-se da embarcação regressa incolume ao acampamento. (CARVALHO, 1938)

Em outra ação de Caxias na Guerra Cisplatina¹², pela sombra da noite e com rapidez, surpreende violentamente uma linha de postos avançados, fazendo pouco mais de 30 (trinta) prisioneiros, numa guerra caracterizada pela surpresa, sendo reconhecido por sua intrepidez nesta campanha (CARVALHO, 1938).

A herança familiar e a adiantada inserção de Caxias na vida militar, constituíram condições que contribuíram para a predestinação de Luís Alves como o

12 Guerra da Cisplatina – Conflito no Sul do Brasil ocasionado por questões territoriais entre 1825 e 1828. O conflito cessou somente quando a Grã-Bretanha interferiu no processo, ao propor uma Convenção de Paz. Com o fim dos embates, a então Província Cisplatina tornou-se o Estado do Uruguai (PEREIRA, 2005).

grande líder na carreira das armas no período do Império. Caxias atuou exercendo a liderança direta¹³, estando na linha de frente das ações de combate, além de evidenciar competências diretamente relacionadas aos valores, como a coragem.

O Duque de Caxias também teve atuação marcante na Revolução Liberal de 1842, quando segmentos organizados pelo Partido Liberal com desejos emancipacionistas contestaram o poder exercido pelo Partido Conservador durante o período regencial. Os revoltosos estavam no pequeno arraial de Santa Luzia, o qual foi dissipada pelas tropas comandados por Caxias em 20 de agosto de 1842, de acordo com o trecho abaixo (DARÓZ, 2014):

O combate travou-se em torno da ponte, começando às primeiras horas da manhã; o desfecho era ainda duvidoso às três da tarde, quando o 8º Batalhão das Forças Regulares ocupou o ponto mais alto da aldeia e levou o inimigo à debandada. Os chefes, Srs. [Teófilo Benedito] Ottoni, José Pedro, Padre Brito e outros foram feitos prisioneiros do estado, e, desde aquele dia desastroso, os ultraliberais foram chamados ‘luzias’. (DARÓZ, 2014)

A decisão de Caxias de aguardar a concentração de meios e pessoal foi determinante para o sucesso de sua empreitada bélica. O Duque ampliou o efetivo de combatentes para 2.000 (dois mil) homens. A partir do acréscimo de efetivo, rumou de Ouro Preto para Sabará, onde no arraial de Santa Luzia, estavam 3.300 (três mil e trezentos) rebeldes liberais com uma peça de artilharia realizando oposição às tropas do império. A posição do arraial, às margens do Rio das Velhas, tendo o principal ponto de passagem, a Ponte Grande, representava um desafio à investida no local. Nesta posição, a criatividade do Duque de Caxias fez com que ele colocasse em prática uma estratégia de atacar por 3 (três) frentes, obrigando os revoltosos, ainda que mais numerosos, batessem em retirada. Destaca-se o ínfimo número de baixas das tropas do Império, apenas seis. Este fato foi um reflexo direto das competências relacionadas às habilidades individuais de Caxias, principalmente a criatividade e a decisão (DÁROZ, 2014).

Em outro evento marcante do Império, por ocasião da lavratura do acordo de paz que pôs fim a Guerra dos Farrapos, Paz de Ponche Verde, dentre vários

13 Liderança direta – o líder influencia diretamente os liderados, falando a eles com frequência e fornecendo exemplos pessoais daquilo que prega (BRASIL, 2011).

aspectos e feitos de Caxias, destacou-se, perante os demais atos, o fato de após a lavratura do citado acordo, ser referenciado pelos oponentes da seguinte forma:

Sabes que mesmo o barão de Caxias havia acordado o meio de uma paz que só conseguimos algumas vantagens pela generosidade dele (Caxias). Deste homem verdadeiramente amigo dos rio-grandenses, que não podendo fazer-nos publicamente a Paz, por causa da pés-sima escolha dos negociadores e da estupidez sem igual dos que a dirigiram, nos fez o barão o que já não podíamos esperar, salvando assim, em grande parte, nossa dignidade. (BENTO, 2003)

Neste episódio narrado pelo próprio Bento Gonçalves, em carta de 6 de março de 1845 a Dionízio Amaro da Silva, fica latente a empatia de Caxias pelos revoltosos, pois, de acordo o Manual de Liderança Militar, tal competência afetiva interpessoal se caracteriza por dar às pessoas aquilo que elas necessitam, não o que querem fazendo com que o líder perceba sentimentos, valores, interesses e o bem-estar daqueles que estão a sua volta (BRASIL, 2011). Ao agir com empatia, Caxias evitou provável futuro ressentimento, o que poderia gerar uma nova guerra civil no Brasil, o que contribuiu para a unidade e a paz nacional.

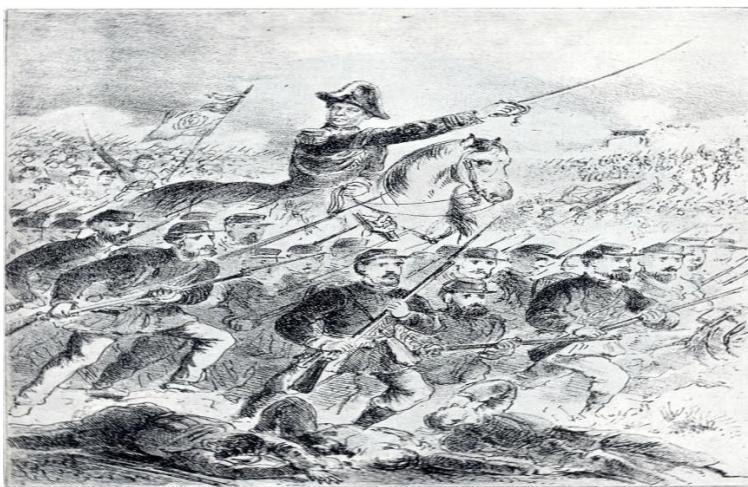


Figura 2 – Caxias liderando as tropas

Pintura – Heinrich Fleiuss

Fonte: Revista Militar Brasileira, 1936

Ainda durante a celebração da paz de Ponche Verde, o “Marechal de Ferro”, agiu com destacada coerência em suas atitudes, por ocasião da construção daquele

acordo. Segundo o Manual de Liderança Militar, coerência é a “competência para agir de acordo com as próprias ideias e pontos de vista em qualquer situação. É a expressão da integridade e da autenticidade. Significa firmeza, franqueza, sinceridade e honestidade em relação a si próprio e a superiores, pares e subordinados” (BRASIL. 2011).

Tal fato, narrado por Cláudio Moreira Bento (2003), reza que neste momento, Caxias já havia se apalavrado com os revoltosos que, por ocasião do acordo de paz, os escravos que haviam lutado na guerra seriam libertos. Os escravocratas brasileiros pressionaram contra tal medida, solicitando que tais escravos fossem enviados à Corte, onde se tornariam “escravos estatais”. Caxias, no entanto, em sua firmeza de propósito manteve a sua palavra e fez valer a cláusula IV da Paz de Ponche Verde, que dizia: “são livres e como tais reconhecidos todos os cativos que serviram a República Rio-Grandense”. Assim é relatado:

Mas o Barão resistiu à pressão. Concedeu-lhes a alforria antes prometida. Aplicou então, o Aviso Ministerial de 19 de novembro de 1838, que assegurou liberdade a todos os soldados republicanos ex-escravos que desertassem de suas fileiras e se apresentassem às fileiras imperiais. Assim, entre cumprir a instrução reservada que implicava manter escravos fora do Rio Grande, os negros que lutaram pela República, e o libertá-los totalmente, conforme a Convenção de Ponche Verde, o Barão conciliou a divergência, libertando os soldados negros da República e os incorporando como soldados livres ao Exército nas Unidades de Cavalaria Ligeira do Rio Grande onde prestaram assinalados serviços, inclusive em Monte Caseiros. Com isso, Caxias tornou- se pioneiro abolicionista. (BENTO, 2003)

Competências relacionadas à liderança do Duque de Caxias também podem ser observadas analisando-se a atuação de Caxias na Guerra da Tríplice Aliança. Quando assumiu o comando das tropas aliadas, Caxias deparou-se com um efetivo desmotivado, que enfrentava diversos problemas de disciplina, de higiene e de saúde, com escassez, inclusive, de cavalos para a Cavalaria (SILVA, 2004; SOARES, 1986).

Caxias, então, realizou uma pausa operacional para reorganizar as tropas da Tríplice Aliança e obter melhores condições para atacar. Dessa forma, ele pôde

receber e treinar novos soldados e recompor o quadro de oficiais (DORATIOTO, 2002). Realizou uma grande reestruturação que, além de recompletar os efetivos, implementou medidas administrativas para melhorar a remuneração dos soldados, a disciplina da tropa, a logística de suprimento

e transporte (CARVALHO, 1991). Nesse tempo, Caxias ainda recompôs a Cavalaria, que, até aquele momento, estava a pé na maior parte do tempo, adequando, inclusive, a alimentação dos animais (CERQUEIRA, 1980; DORATIOTO, 2002). Mesmo diante da grande pressão pública desejosa pelo fim da guerra, Caxias sabia que não poderia desencadear uma ação militar decisiva sem os meios adequados, o que poderia levar a um novo revés aos aliados (DORATIOTO, 2002).

Durante a pausa realizada pelas tropas aliadas, Caxias aproveitou o tempo para planejar a operação, projetando os próximos passos necessários para sair do impasse em que as tropas aliadas se encontravam em Tuiuti. Dessa forma, pôde analisar as possíveis respostas paraguaias aos seus movimentos (DORATIOTO, 2002).

Caxias acreditava que era hora não só de pôr ordem na tropa, mas também de aplicar recursos mais avançados para resolver o conflito. Não se tratava de uma questão de pressa, mas de método e eficiência. Conseguir resultados melhores, com menos baixas e maior organização. (LIMA, 2016)

Verifica-se, portanto, a preocupação de Caxias em reorganizar as tropas sob o seu comando na Guerra Tríplice Aliança, planejando e implementando as ações necessárias para o prosseguimento na Guerra de forma ordenada, o que exemplifica com clareza a organização, que consiste na competência do líder militar para desenvolver atividades, sistematizando tarefas (BRASIL, 2011).

Durante a Guerra do Paraguai, a capacidade de inovação de Caxias destacou-se ante os inúmeros desafios da campanha. Um exemplo disto e de que havia precariedade de informações acerca do terreno e do inimigo paraguaio. Os postos de observação utilizados eram estruturas rudimentares de madeira, de dez a quinze metros de altura, o que limitava o seu campo de observação da área de operações (DORATIOTO, 2002; LAVENÈRE-WANDERLEY, 1976). Tal limitação foi diminuída com o inovador emprego de balões a ar para reconhecimentos aéreos, fato considerado como o primeiro emprego desse equipamento na América do Sul

(LAVENÈRE-WANDERLEY, 1976). Os balões de observação de Caxias, antes só empregados com essa finalidade na Guerra Civil Norte-americana, começaram a ser utilizados no Teatro de Operações em 31 de março de 1867, sendo realizadas 20 (vinte) ascensões, muitas delas para preparar a marcha aliada para contornar Humaitá (DORATIOTO, 2002).

Essa iniciativa pioneira de Caxias demonstra a sua criatividade, que é a competência para produzir novas ideias e/ou realizar combinações originais, na busca de uma solução eficiente e eficaz, principalmente diante de circunstâncias desafiadoras. como líder, ao buscar soluções originais, diante de circunstâncias desafiadoras (BRASIL, 2011).

Conclui-se, parcialmente, que as competências afetivas do Duque de Caxias advindas de seus valores pessoais e profissionais destacaram este insigne militar em seu tempo, perpetuando os seus exemplos ao longo da história, gerando referência para as futuras gerações.

3. CONCLUSÃO

A liderança de Caxias é um exemplo e referência atemporal para as gerações de militares do Exército Brasileiro. O fato de ser o Patrono desta Força Armada enaltece seus feitos militares e a sua conduta diante dos superiores, dos pares e dos subordinados ao longo de sua carreira.

Em síntese, a liderança de Caxias continua a ser uma fonte de inspiração para aqueles que seguem a carreira das armas, as suas características inatas e de sua rudimentar formação constituem ensinamentos, que atualmente compõe as competências necessárias aos líderes militares, descritas em inúmeros livros e manuais de liderança do Exército Brasileiro.

Conclui-se que o período histórico em que o Luiz Alves de Lima e Silva vivenciou a sua vida adulta forjou a sua liderança nas diferentes fases da sua vida militar e política. A sua história confunde-se com os primeiros anos do Brasil independente, no qual as suas ações foram fundamentais para a estabilização do Império do Brasil e a manutenção de sua integridade territorial, garantindo a sua alcunha de “Pacificador” para a eternidade.

Infere-se, ainda, que os valores e as competências de liderança do Duque de Caxias eram extremamente desenvolvidos. Em uma época em que o estudo da liderança era um ato um tanto quanto incipiente, Caxias demonstrou qualidades que o fizeram ser admirado e respeitado até por seus oponentes, como no exemplo da Paz do Ponche Verde ao fim da Revolução Farroupilha.

Depreende-se, também, que a liderança do Marechal de Ferro extrapolou o ambiente militar. A defesa da pátria não depende somente da arte da guerra e do seu emprego bélico, ela depende da visão estratégica de Estado. Neste aspecto Caxias era um estadista¹⁴ e tinha a capacidade de liderar segmentos políticos da sociedade civil com desenvoltura, sendo reconhecido em âmbito nacional como um atuante senador durante o Império.

Por fim, a figura do Duque de Caxias transpassou o seu tempo e se tornou uma referência de liderança para o Exército Brasileiro e para todo o povo brasileiro, seu nome é exemplo de correção, caráter e dignidade, garantindo o seu nome no panteão dos heróis da nação.

REFERÊNCIAS

BENTO, Cláudio Moreira. **Caxias e a Unidade Nacional**. Porto Alegre: Genesis, 2003.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Estado-Maior do Exército. **Manual de Campanha**. Liderança Militar. 2. ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2011.

BRASIL. Patrono do Exército Brasileiro – Biografia Resumida do Duque de Caxias. **Exército Brasileiro**, Brasília, DF, [20--a]. Disponível em: https://www.eb.mil.br/patronos/-/asset_publisher/DJfoSfZcKPxu/content/biografia-resumida-do-duque-de-caxias. Acesso em: 7 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. A Revolução Farroupilha 1835 – 1845. **Exército Brasileiro**, Brasília, DF, [20--b]. Disponível em: https://www.eb.mil.br/patronos/-/asset_publisher/DJfoSfZcKPxu/content/a-revolucao-farroupilha-1835-1845?inheritRedirect=false. Acesso em: 29 jan. 2023.

14 Estadista - Pessoa que revela grande domínio na arte de governar, grande habilidade e discernimento no que diz respeito às questões políticas, à administração do Estado. Líder político que exerce seu mandato e sem influência de partidos ou limitações partidárias (ESTADISTA, 2023).

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. A Revolução Liberal de São Paulo – 1842. **Exército Brasileiro**, Brasília, DF, [20--c]. Disponível em: https://www.eb.mil.br/patrons/-/asset_publisher/DJfoSfZcKPxu/content/a-revolucao-liberal-de-sao-paulo-1842. Acesso em: 30 jan. 2023.

CARVALHO, Affonso de. **Caxias**. Rio de Janeiro: Graphicos Bloch, 1938.

CARVALHO, Affonso de. **Caxias**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1991.

CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Campanha do Paraguai**: 1865-1870. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

DARÓZ, Carlos Roberto Carvalho. As Revoltas Liberais de 1842: o Império consolidado. **Revista Militar**, Lisboa n. 6-7, p. 565-575, 2014. Disponível em: <http://arquivodigital.defesa.pt/Images/winlibimg.aspx?skey=&doc=276915&img=15116>. Acesso em: 11 abr. 2023.

DARÓZ, Carlos Roberto Carvalho. Pacificação e liderança: a ação de Caxias nas Revoltas Liberais de 1842. **Defesanet**, Porto Alegre, 27 ago. 2020. Disponível em: <https://www.defesanet.com.br/doutrina/noticia/37874/pacificacao-e-lideranca-a-acao-de-caxias-nas-revoltas-liberais-de-1842/>. Acesso em: 30 jan. 2023

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita Guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ESTADISTA. *In*: Dicio, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/estadista/>. Acesso em: 7 jun. 2023.

ESTADO DE MINAS. **Balaíada, a rebelião do Maranhão**. Estado de Minas, Belo Horizonte, 31 ago. 2015. Percurso Pré-vestibular. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/enem/2015/08/31/noticia-especial-enem,683826/a-balaizada-e.shtml>. Acesso em: 13 fev. 2023.

FRAGOSO, Augusto Tasso. **História da guerra entre a tríplice aliança e o Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2009.

LAVENÈRE-WANDERLEY, Nelson Freire. **Os Balões de Observação na Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica, 1976.

LIMA, Luiz Octávio de. **A Guerra do Paraguai**. 4. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.

PEREIRA, Aline Pinto. Relações de Poder: a disputa pela Província Cisplatina (1825- 1828) em face da construção do Estado no Brasil. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. **Simpósio** [...]. Londrina: Associação Nacional de História, 2005.

REVISTA MILITAR BRASILEIRA. **Caxias liderando as tropas.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1936.

SILVA, Adilson dos Santos. **Caxias, sua ação como estrategista:** contribuição para a integração nacional e para a consolidação da identidade do Exército Brasileiro. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares) – Escola de Comando do Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2004.

SOARES, Evandro Rodrigues. **A Ação de Comando de Caxias na Guerra da Tríplice Aliança.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Militares) – Escola de Comando do Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 1986.

WHIGHAM, Thomas. **La Guerra de La Triple Alianza.** Asunción: Prisa, 2012.

CAXIAS – A ESCOLHA DO EXEMPLO DE SOLDADO E CIDADÃO COMO PATRONO DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Maj Com FRANCISCO RODRIGUES DE SENA ALVAREZ, Maj Art CARLOS EDUARDO OLIVEIRA, Maj Inf RONALDO RAFAEL ROQUE, Maj Art JOEL REIS ALVES NETO, Maj Inf BRIVALDO LUIZ LOPES SILVA, Maj LEANDRO VIEIRA BARBOZA, Maj Com IGOR LEONARDO VENTAPANE FREITAS, Maj Cav WILLIAM HENRIQUE GUIMARÃES, Maj Inf RONALDO DE SOUZA CAMPOS, Maj Cav BRUNO LION GOMES HECK, Maj QMB JOSÉ AUGUSTO DA CRUZ MARIANO e Maj Eng CLEYTON TEIXEIRA HIGINO.

1. INTRODUÇÃO

Luiz Alves de Lima e Silva (1803-1880), o Duque de Caxias, é oficialmente reconhecido como Patrono do Exército Brasileiro. No dia 25 de agosto celebra-se, no Brasil, o Dia do Soldado, em lembrança ao dia de seu nascimento. Diversos eventos da vida de Caxias, bem como outros que reverenciavam sua memória, antecederam a sua escolha como Patrono do Exército Brasileiro.

O Patrono do Exército Brasileiro foi imortalizado no Panteão da Pátria, em Brasília, pelo Decreto do Governo Federal nº 51.429, de 13 de março de 1962. A nação prestou justa homenagem àquele que dedicou ao Brasil mais de 60 anos de sua vida e que prestou excepcionais e relevantes serviços ao país. A homenagem se fez justa, ainda, especialmente por destacar Caxias como exímio soldado por vocação e diligente administrador público.

O processo de seleção de Caxias deu-se início quando o Ministro da Guerra, General Setembrino de Carvalho, criou a Festa de Caxias, em 25 de agos-

to de 1923, por proposta do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) (CASTRO, 2000). O Exército Brasileiro passou a cultuá-lo oficialmente, por intermédio da introdução do Culto a Caxias, como modelo ideal do soldado brasileiro. A partir de 1925, o dia do nascimento de Caxias passou a ser oficialmente comemorado como Dia do Soldado. Segundo Castro (2000), no início da década de 1930, sob o Comando do então Coronel José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque na Escola Militar do Realengo, instituiu-se Caxias como modelo e referência para o cadete. A medida se deu no contexto de mudanças que também instituíram o Espadim, uma réplica em miniatura da espada de campanha de Caxias, como próprio símbolo da honra militar, cultuando os valores evidenciados por Luiz Alves de Lima e Silva em sua trajetória (CASTRO, 2000).

Ainda na década de 1930, o Dia do Soldado passou a enfatizar a fusão do Exército com a Nação, tendo como cerne o Duque de Caxias, apresentando-o como o maior lutador pela unidade e integridade da Pátria. Em 1935, o Forte do Vigia no Rio de Janeiro, teve seu nome alterado para Forte Duque de Caxias (CASTRO, 2000). Nesse sentido, os conteúdos veiculados nas comemorações do Dia do Soldado na década de 1930 passaram a destacar duas características centrais diretamente relacionadas à autoridade de Caxias: sua atuação como pacificador e como mantenedor da unidade do Brasil.

Nesse período, conforme aponta Celso Castro (2000), os discursos e os textos militares da época referem-se com frequência cada vez maior a Caxias como “o maior soldado da história sul-americana” (CASTRO, 2000, p. 111). A consagração definitiva de Caxias ocorreu quando seu nome foi dado ao novo edifício do Ministério da Guerra - Palácio Duque de Caxias, na avenida Presidente Vargas, no centro do Rio de Janeiro. A estátua de Caxias, seus restos mortais, de sua esposa e de seu filho, passaram a repousar à frente do referido Palácio.

A instituição de Duque de Caxias como Patrono seguiu seu rumo, de forma natural, na história do Exército Brasileiro. Quanto às condicionantes que levaram à escolha de seu nome como Patrono da Força, a história havia apresentado Caxias como figura central e insuperável do período de lutas em que estiveram à prova a unidade e a integridade nacionais.

Por seu turno, no plano simbólico, Caxias representa uma série de valores que são caros a qualquer militar, independente de posto ou graduação. Cabe des-

tacar alguns de seus atributos e valores como o descortino administrativo, a bravura, a magnanimidade, o respeito à vida humana, a coragem, a disciplina, o respeito à hierarquia, bem como a defesa da unidade interna da Força Terrestre. Desse modo, o Duque de Ferro, como ficou conhecido, simboliza qualidades que lhe conferiram a posição de patrono do Exército Brasileiro, contribuindo para o culto à personalidade inspiradora aos demais irmãos de farda.

Ademais, Caxias exerceu enorme influência sobre os demais patronos da Força Terrestre. Exemplo de estadista e estrategista, Caxias soube conduzir os demais líderes militares ao sucesso, sobretudo no fragor do combate. Destaca-se seu papel na condução da Campanha Farroupilha, auxiliado pelo então jovem Osório no Sul do País, que por sua vez viria se tornar Patrono da Arma de Cavalaria do Exército Brasileiro. Além disso, depositou grande confiança em Mallet, que veio a se tornar Patrono da Arma de Artilharia, para lutar na Campanha contra Oribe e Rosas. Salienta-se, ainda, seu grande papel na Guerra da Tríplice Aliança, como máximo líder de grandes comandantes no Teatro de Operações, dentre eles, o General Sampaio, que se tornou Patrono da Arma de Infantaria.

Assim, com o fulcro de jogar luzes sobre o passado e iluminar aspectos relevantes da história deste que foi citado pelo Ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra, em 1939, como “o maior dos brasileiros” (CASTRO, 2000, p. 111), este artigo visa valorizar a condição de Caxias como Patrono do Exército Brasileiro e herói nacional, abordando todo o processo de seleção e as condicionantes que levaram a escolha do seu nome para Patrono. Pretende-se, ainda, apresentar suas principais qualidades que lhe conferiram essa posição. Da mesma forma, o trabalho objetiva, ainda, enaltecer a sua influência sobre os demais patronos da Força Terrestre, ficando clara a relevância da figura de Caxias para cada militar, para o Exército Brasileiro e para o Brasil na atualidade.

2. DESENVOLVIMENTO

a. O PROCESSO DE SELEÇÃO E AS CONDICIONANTES QUE LEVARAM À ESCOLHA DO NOME DE CAXIAS COMO PATRONO DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Para as gerações atuais, a designação de Duque de Caxias como patrono do Exército Brasileiro (EB) é inquestionável, dada sua atuação como militar e

cidadão. Ainda assim, o culto à imagem de Caxias no seio militar consolidou-se apenas décadas após seu falecimento (CASTRO, 2000). Para entender como isso aconteceu, é importante analisar o processo de seleção de seu nome para patrono do EB e as condicionantes levadas em conta.

O procedimento para outorga do título de patrono constitui-se em uma homenagem cívica que deve respeitar requisitos legais e ser sugerida em projeto de lei específico (BRASIL, 2011). A escolha da pessoa homenageada é, entretanto, muitas vezes feita por senso comum (AGÊNCIA SENADO, 2023), sem um processo definido. No caso do Exército Brasileiro, foi o Decreto nº 51.429, de 13 de março de 1962, que oficializou o Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, como seu patrono (BRASIL, 1962). Ele formaliza uma escolha “já consagrada” (BRASIL, 1962), ou seja, respeitando o culto tradicional em torno das figuras militares magnas do país, entre elas a de Duque de Caxias, não esclarecendo os fatores que levaram a tal escolha. Isso corrobora a posição de Magalhães (1949, apud CASTRO, 2000), de que sua seleção para patrono do EB não seguiu qualquer processo regular.

Para esclarecer este ponto, é necessário entender o contexto em que se dava o culto aos heróis militares no início do século XX. Com a morte das grandes figuras militares que participaram da Guerra da Tríplice Aliança no final do século XIX, a principal personalidade da história militar brasileira permaneceu sendo a do Marechal Manuel Luís Osório (DORATIOTO, 2002). Ele perdurou como o vulto histórico do Exército mais cultuado, com homenagens anuais em 24 de maio defronte à sua estátua, no Rio de Janeiro, prestigiadas por autoridades civis e militares, ocasião referida na época como Dia do Exército (CASTRO, 2000).

No início da década de 1920, em contrapartida, estudiosos passaram a fazer justiça à figura do Marechal Luiz Alves de Lima e Silva. A primeira iniciativa nesse sentido, conforme indica Castro (2000), partiu de Eugênio Vilhena de Moraes, que propôs, em 1923, a criação de uma comemoração oficial de Caxias. O Ministro da Guerra acolheu a ideia, por meio do Aviso nº 443, de 25 de agosto de 1923, instituindo a festa de Caxias, a ocorrer anualmente a 25 de agosto. A solenidade consistiria em uma formatura militar, diante à sua estátua, localizada no atual Largo do Machado, no Rio de Janeiro (PILLAR, 1966). Posteriormente, em 1925, o 25 de agosto, data natalícia de Caxias, seria designado oficialmente como Dia do Soldado, conforme Aviso nº 366 do Ministro da Guerra (CASTRO, 2000).

Segundo Castro (2000), o termo “patrono” se consolidou na tradição militar brasileira a partir da década de 1920, por influência da Missão Militar Francesa. Esta missão estimulara os alunos da Escola Militar do Realengo a elegerem patronos para identificar as turmas de formação. O primeiro patrono de turma foi Duque de Caxias, escolhido em 1925, evocando seus feitos durante a Guerra da Tríplice Aliança e sua ação em prol da unidade nacional. De acordo com o mesmo autor, a atuação do então Coronel José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, comandante da Escola Militar no início da década de 1930, instituiu entre os cadetes o culto a Caxias como exemplo das virtudes que caracterizam o militar, intensificando a imagem do futuro patrono na mocidade militar.

É interessante perceber a evolução ocorrida naquela década nas publicações não oficiais. No livro *O Duque de Ferro*, Eugênio Vilhena de Moraes afirma que Caxias estava olvidado em 1933: “não lhe enfeita [...] o pedestal da estátua, o mais singelo ramo de flores” (MORAES, 1933, p. 45). Já em 1936, o editorial da Revista Militar Brasileira defendia que o Exército, elegendo Caxias como seu patrono, faria com que a bandeira da Pátria fosse erguida pelo “vencedor nunca vencido”, mantendo sua “gloriosa figura, sempre viva no coração do Povo” (BRASIL, 1936, p. 8). Por fim, identificou-se o livro *Grandes Soldados do Brasil*, editado em 1939, como exemplo mais antigo do uso da expressão “Patrônio do Exército” referindo-se a Caxias, denotando uma situação consolidada (FIGUEIREDO, 1939).

O apogeu da ascendência do nome de Caxias como epíteto da nacionalidade ocorreu em 1949, quando foi instituída a Semana de Caxias. Ao mesmo tempo, foram transladados seus restos mortais, bem como de sua esposa, para o novo Panteão construído em frente ao Palácio da Guerra, atualmente conhecido como Palácio Duque de Caxias, no Rio de Janeiro (PILLAR, 1966). Nos anos seguintes, foi publicado o primeiro documento oficial tratando Caxias como patrono do Exército Brasileiro, especificamente o Aviso nº 407-D/2-D, de 11 de maio de 1953 (PINHEIRO, 1970).

Consolidou-se, assim, entre militares e civis, a importância histórica de Duque de Caxias como símbolo da nacionalidade e representante das virtudes castrenses. Vitorioso em todas as campanhas que participou, como Ministro da Guerra e como Presidente do Conselho de Ministros do Império (OS PATRÔNOS..., 2023), a escolha de seu nome como patrono do Exército, confirmada

pelo Decreto de 1962, e recepcionada pela sociedade, continua assegurada e reafirmada pelos soldados de ontem, de hoje e de sempre.

b. AS PRINCIPAIS QUALIDADES DE CAXIAS QUE LHE CONFERIRAM A POSIÇÃO DE PATRONO DO EXÉRCITO BRASILEIRO

O Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, foi alçado à condição de Patrono do Exército Brasileiro fundamentalmente em razão de sua vitória no comando de seis campanhas militares, sendo quatro delas internas (Balaiada, Revoluções Liberais de São Paulo e Minas Gerais e Revolução Farroupilha) e duas externas (Guerra contra Oribe e Rosas e Guerra da Tríplice Aliança), além de ter sido Ministro da Guerra em três oportunidades, cumulativamente com o encargo de Presidente do Conselho de Ministros, que significava a posição de Chefe de Governo do Brasil. Nesse sentido, ficaram evidenciadas qualidades afetas a um insigne Chefe Militar e destacado político no contexto do período monárquico (BENTO, 2003).

Segundo Bento (2003, p. 40) a escolha incontestada de Caxias ao patronato da Força Terrestre foi no sentido definido por Pedro Calmon: “Como o chefe integral do Exército, o seu modelo, a sua alma, a imagem maravilhosa do espírito que nele deve vibrar, a síntese mágica das virtudes e brios de que ele deve estar imbuído”. Ademais, Caxias era mencionado pela sociedade em geral, ainda em vida e até os dias atuais por diversas expressões de júbilo, como O Pacificador, como o General Invicto, como o Esteio e Espada do Império do Brasil e como o Duque de Ferro e da Vitória, demonstrando o quanto notável foi e sempre será a personalidade em tela (BENTO, 2003).

Outrossim, o célebre episódio da Batalha de Itororó evidenciou qualidades típicas do grande comandante e militar que foi o Duque de Caxias, como liderança, coragem e espírito de cumprimento de missão. Segundo o Coronel Pedro Schirmer:

Coragem é uma qualidade intrínseca da alma militar, que afeta igualmente a todos os círculos da hierarquia, do soldado ao general. [...] No combate, a coragem traduz-se em arrojo pessoal quando se enfrenta, sem vacilar, o perigo e a incerteza de uma situação, sabendo que poderá significar inclusive a morte. (SCHIRMER, 1987, p. 62-63)

Essa virtude de Caxias evidenciada neste episódio, foi descrita pelo Coronel Cláudio Moreira Bento da seguinte maneira:

Como líder de combate, seu maior momento foi na conquista da ponte de Itororó. Ao perceber que seu Exército poderia ali ser detido, desembainhou sua invencível espada de 5 campanhas, brandiu-a ao vento, voltou-se decidido e convincente para seus liderados e apelou com energia com o brado: “Sigam-me os que forem brasileiros!” Ato contínuo, lançou-se sobre a ponte de Itororó com o seu cavalo de guerra, indiferente ao perigo e arrastando atrás de si todo o Exército antes detido, para em seguida colher expressiva vitória tática que removeu aquele obstáculo, o qual quase colocou em perigo toda a sua brilhante manobra estratégica através do Chaco”. (BENTO, 2003, p. 42)

Destarte, não se pode olvidar da disciplina que é um dos pilares do Exército Brasileiro e o esteio das virtudes do Duque de Ferro. Cabe destaque a forma como o Coronel Pedro Schirmer se refere a esta virtude tão cara para os militares e para o Exército: “Não é privilégio das Forças Armadas, mas é nelas que a encontramos em toda sua magnitude, é sua coluna vertebral, sem a qual perderiam a coesão e tornar-se-ia estéril o empenho em se fazer combatentes ríjos e heróis do dever.” (SCHIRMER, 1987, p. 35). Nesse sentido, ficou clara e evidente a disciplina de Caxias, que não esperava ter que ir para o Rio Grande do Sul a fim de organizar as tropas e seguir para o Paraguai, porém, ao receber a notícia de que fora designado para tal, dirigiu-se ao Ministro da Guerra e disse: “Se Vossa Excelência quer que eu siga neste mesmo vapor, conceda-me duas horas para mandar buscar em minha casa duas canastras com roupas.” (SCHIRMER, 1987, p. 38).

Outro significativo atributo que Caxias demonstrou foi o espírito conciliador. Apesar de ser impetuoso para garantir a vitória nas batalhas, o Duque de Caxias nunca foi impiedoso com seus adversários. Um exemplo dessa virtude foi registrado quando pôs fim à Revolução Farroupilha com o Tratado de Ponche Verde, assinado por ele em 1º de março de 1845, como representante do Império do Brasil. O tratado, além de tantos outros artigos, propunha anistia geral e irrestrita a todos os rebeldes, conclamando aos brasileiros beligerantes que se unissem, como consta na célebre frase: “Abracemo-nos e unamo-nos, não peito a peito, mas ombro a ombro, em defesa da Pátria, que é a nossa mãe comum”. Marcas desse traço conciliador ficaram evidentes na citação de Bento:

Na Revolução Farroupilha, que por quase 10 anos assolou o Rio Grande do Sul, segundo Pedro Calmon: “O Barão de Caxias venceu sobretudo por convencer, pois a verdadeira vitória não consiste em sufocar ou subjugar o adversário, pois é antes uma tarefa de persuasão, de conquista de corações para que se atinja o ideal vencedor. E Caxias sobrepujou, a olhos fraticidas, a dignidade da paz justa, cobrindo as forças em luta com o véu iluminado da concórdia e da pacificação. Pois ali reuniu ao gênio de guerreiro consumado a generosidade clemente e aliciadora.” (BENTO, 2003, p. 41)

A ênfase na ideia de pacificação e obtenção da conciliação, observada na passagem supracitada ajudou a moldar o perfil pacificador de Caxias. Este e tantos outros episódios de sua trajetória política e militar reforçaram essa característica e levaram o Duque de Caxias a receber sua famosa alcunha de O Pacificador.

c. A INFLUÊNCIA DE CAXIAS SOBRE OS DEMAIS PATRONOS DA FORÇA TERRESTRE

Caxias atuou, direta ou indiretamente, na vida de relevantes Patronos da Força Terrestre. Os valores militares apresentados por Caxias durante a sua atuação nas Revoltas Internas, na Campanha da Tríplice Aliança, na condução do Ministério da Guerra do estudo histórico dos documentos existentes percebe-se a ligação expressiva entre Caxias e importantes Patronos do Exército Brasileiro.

Sua relação com Osório, Patrono da Arma de Cavalaria do Exército Brasileiro, tem início em 1839, quando o Tenente Coronel Luiz Alves de Lima e Silva era ajudante de ordens do então Ministro da Guerra. Nesse período, Osório era capitão. Em 1842, o Barão de Caxias assumiu a função de comandante das Forças de Operações no combate à Revolução Farroupilha, na qual atribuiu a Osório diversas missões árduas no contexto daquele conflito (PILLAR, 1966).

A atuação de Osório fez Caxias solicitar a promoção de Osório a Major para o então Ministro da Guerra. Posteriormente, em 1845, o Conde de Caxias, atribui a Osório a Missão de Escoltar o imperador Dom Pedro II pelo Rio Grande do Sul. Nesse mesmo ano, Caxias foi eleito Senador pelo Rio Grande do Sul e Osório tornou-se Deputado na Assembleia Provincial (BRASIL, 2023).

Em 1852, Caxias recomendou a promoção de Osório à Coronel, devido à sua atuação na Guerra contra Oribe e Rosas. Em 1856, Caxias assumiu o Ministério da Guerra e promoveu Osório a Brigadeiro, momento em que esse destacado combatente recebeu o comando da Fronteira Missões (PILLAR, 1966).

No campo político, o Senador do Rio Grande do Sul pelo Partido Conservador, Caxias, dividiu a tribuna com Osório, Senador pelo mesmo estado, mas pelo Partido Liberal. Apesar desse período haver divergências políticas entre os dois, além de existir o respeito mútuo, ambos defendiam os interesses do Exército (BRASIL, [20--]). Quanto a Sampaio, Patrono da Arma de Infantaria do Exército Brasileiro, a relação com Caxias foi menos explícita. Sampaio foi tenente na época em que combateu na Balaiada, quando o Coronel Luiz Alves de Lima e Silva foi o Comandante em Chefe das Forças em Operações do Império no combate àquela revolta. Sampaio se destacou nesta contenda, o que possibilitou a pacificação do Maranhão. Posteriormente, durante a Guerra da Tríplice Aliança, Sampaio angariou relevante prestígio no comando da 3^a Divisão de Infantaria. O patrono da Arma de Infantaria ficou eternizado na história por sua participação na Batalha de Tuiuti, quando mesmo ferido em três ocasiões prosseguiu no combate devido ao compromisso com a missão (BRASIL, 2023).

Emílio Mallet, Patrono da Arma de Artilharia do Exército Brasileiro, por sua vez, foi ajudante Geral junto à primeira Divisão do General Bento Manuel Ribeiro, quando o Barão de Caxias assumiu a direção das operações na Revolução Farroupilha. Sua atuação favoreceu a pacificação do Rio Grande do Sul e após essa feita, Mallet retornou às suas lidas de estancieiro. O próximo episódio envolvendo os dois foi no âmbito da Guerra da Tríplice Aliança, quando Caxias assumiu o Comando das Forças Aliadas e Mallet assumiu o comando Geral da Artilharia do 1º e 3º Corpos de Exército (BRASIL, [20--]).

Quanto à Villagran Cabrita, Patrono da Arma de Engenharia do Exército Brasileiro, em 1851, o 1º Tenente Villagran Cabrita foi transferido para o Rio Grande do Sul, quando o Conde de Caxias era o Presidente da Província e Comandante das Armas. Estava no Rio Grande do Sul quando Villagran Cabrita recebeu o convite para integrar a missão instrutora para modernizar o Exército do Paraguai (BRASIL, [20--]). Nessa missão, Cabrita auxiliou na fortificação de Humaitá, que viera a ser uns dos óbices brasileiros na campanha do Paraguai.

O Tenente Coronel Villagran Cabrita atingiu ápice ao comandar um Batalhão de Engenheiros que compunham as Forças Imperiais na Guerra da Tríplice Aliança, momento decisivo em que se guiou pelas convicções de Caxias (BRASIL, [20--]).

Outro patrono com uma ligação mais direta ao Duque de Caxias foi o Tenente Antônio João, Patrono do Quadro Auxiliar de Oficiais do Exército Brasileiro, uma vez que a Colônia Militar de Dourados foi fundada em 1861 por Ordem do Ministro da Guerra, que naquele período era Caxias. Em 1864, o Tenente Antônio João comandava aquele aquartelamento quando os paraguaios invadiram Mato Grosso. Sua recusa em render-se aos invasores enalteceu a sua figura e favoreceu a sua eleição como Patrono do Quadro Auxiliar de Oficiais (PILLAR, 1966).

Em razão de seu justo reconhecimento como vulto da História do Brasil, Caxias passou a servir de modelo e inspiração de valores para todos os militares do Exército. A sua influência se deu inclusive sobre aquelas personalidades que foram reconhecidas como patronos ou cujas trajetórias de vida se deram após a morte de Caxias.

3. CONCLUSÃO

O presente artigo buscou apresentar as razões pelas quais o Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, veio a ser reconhecido e cultuado como o Patrono do Exército Brasileiro, estudando o processo de escolha e as condições que o conduziram a tal posição de honra e destaque. Ao longo do que foi descrito no trabalho percebeu-se que suas inúmeras qualidades pesaram em favor de sua escolha como patrono. Tais qualidades sintetizam o que se espera de um soldado do Exército Brasileiro (BENTO, 2003).

A escolha de Caxias como patrono foi baseada, principalmente, em valores militares apresentados em suas atuações nas Revoltas Internas, na Campanha da Tríplice Aliança, na condução do Ministério da Guerra e em outras posições ocupadas por ele nos cenários militar e político durante sua vida. Além disso, muito se abordou sobre a influência que Caxias exerceu, direta ou indiretamente, sobre outros patronos das mais variadas Armas, Quadros e Serviços do Exército Brasileiro. Tal aspecto decorre tanto da liderança direta que ele demonstrou com seus contemporâneos de batalhas na campanha da Guerra da Tríplice Aliança, como da liderança indireta, já na condição de exemplo histórico a ser seguido (PILLAR, 1966).

Assim, a atuação de Duque de Caxias como militar e cidadão brasileiro tornou a sua escolha como patrono do Exército inquestionável para as gerações atuais. Suas vitórias em seis campanhas militares estando em função de comando, sendo quatro delas internas como pacificador e duas externas como defensor da pátria, fundamentou a sua competência e liderança exemplares, possibilitando que o Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, fosse alçado à condição de Patrono do Exército Brasileiro (BENTO, 2003).

Ao deixar a vida, Caxias entrou para os livros de História. Por seus feitos e qualidades, passou a ser definido em dicionários como um verbete que exprime retidão de caráter, rigoroso no cumprimento de suas funções e sinônimo de escrúpulo, de correção de atitudes e tantas outras virtudes (BRASIL, [20--]). Ser Caxias passou a significar ser portador de valores e de comportamentos dignos de honra. Nesse cenário, as qualidades morais de Caxias se igualaram, em destaque, aos seus feitos militares, ao romper o tempo e permanecer um exemplo a ser seguido.

Não obstante, o Marechal José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque incluiu Caxias, a quem enxergava como legítimo representante dos valores nacionais mais profundos, como símbolo a ser reverenciado no conjunto de reformas que implementou na Escola Militar entre 1931 e 1934 (ROESLER, 2021).

A liderança e a coragem, sempre nortearam as ações do Duque de Caxias. Esses atributos ficaram evidenciados no célebre episódio da Batalha de Itororó, onde Caxias entoou o brado: “sigam-me os que forem brasileiros” ao perceber que seu Exército poderia ali ser detido no enorme charco, possibilitando uma brilhante manobra estratégica colhendo uma expressiva vitória tática (BENTO, 2003). O chamamento de Caxias em Itororó reverbera até hoje, convocando os brasileiros a defenderem seu país em face das vicissitudes e das ameaças à integridade nacional.

A disciplina e o espírito de cumprimento de missão se evidenciava fortemente no caráter do insigne patrono. Suas características ímpares de militar o habilitavam para liderar as tropas, mesmo que sua partida para a linha de frente pudesse prejudicar sua vida pessoal, e sua disciplina para aceitar as ordens de seus superiores, ficaram fortemente evidenciadas no episódio de seu embarque não previsto e imediato para à Guerra da Tríplice Aliança (SCHIRMER, 1987).

Outra de suas características marcantes que foi demonstrada em várias ocasiões foi seu espírito conciliador. O Duque de Caxias tinha um espírito impetuoso para vencer as contendas, característica que o fez invicto no campo de batalha. Entretanto, não era impiedoso com seus adversários, o que ficou evidenciado no Tratado de Ponche Verde, assinado por ele em 1º de março de 1845, como representante do Império do Brasil, que propunha anistia geral e irrestrita a todos os rebeldes, conclamando aos brasileiros beligerantes que se unissem (BENTO, 2003). Em razão disso e de tantas outras oportunidades em que evidenciou seu caráter conciliador entre os brasileiros, seja durante sua trajetória política, seja em sua carreira militar, o Duque de Caxias recebeu sua famosa alcunha de “O Pacificador”.

Por fim, o legado de Caxias atravessa o tempo sem desvanecer na memória da nação e de seu Exército. Ainda que os carros de combate tenham substituído os cavalos e os fuzis tenham aposentado as espadas, seus valores e exemplos de ética, dedicação e amor à pátria serão sempre lembrados. Ser um Soldado de Caxias permanece como um misto de orgulho e responsabilidade, ao resultar em uma busca incessante para ser merecedor e digno de tal denominação. Ser Soldado do Exército de Caxias é sinônimo de honra e força. Ao Duque de Caxias o melhor agradecimento da nação é a busca por seguir seu exemplo de Soldado e Cidadão.

REFERÊNCIAS

OS PATRONOS do Exército. Academia de História Militar Terrestre do Brasil, [s. l.], 2023. Disponível em: <http://www.ahimtb.org.br/pateb.htm>. Acesso em: 27 jan. 2023.

AGÊNCIA SENADO. De Tiradentes a Chico Mendes, quem são os patronos do Brasil. **Agência Senado**, Brasília, DF, 20 jan. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2023/01/de-tiradentes-a-chico-mendes-quem-sao-os-patronos-do-brasil>. Acesso em: 27 Jan 23. 2023.

BENTO, Cláudio Moreira. **Caxias e a Unidade Nacional**. Porto Alegre: Genesis, 2003.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **Revista Militar Brasileira**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1936. v. 35.

BRASIL. **Lei nº 3.555**, de 6 de maio de 1959. Considera Aureliano Cândido Tavares patrono dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro: Diário Oficial da União, 1959.

BRASIL. **Decreto nº 51.429, de 13 de março de 1962**. Institui e homologa a escolha de Patronos do Exército, das Armas, dos serviços e do magistério militar. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1962.

BRASIL. Lei nº 12.458, de 26 de julho de 2011. Estabelece critérios mínimos para outorga do título de patrono ou patrona. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2011.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Patronos. **Exército Brasileiro**, Brasília, DF, [20--]. Disponível em: https://www.eb.mil.br/patronos/-/asset_publisher/DJfoSfZcKPxu/content/biografia-%20resumida-do-duque-de-caxias. Acesso em: 11 fev. 2023.

CASTRO, Celso Corrêa Pinto de. Entre Caxias e Osório: a criação do culto ao patrono do Exército brasileiro. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, p. 103-118, 2000.

CERQUEIRA, Erika Moraes. O “Dia do Soldado” e a exemplaridade do passado. **Annales Faje**, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 49-49, 2018. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/4053>. Acesso em: 12 jun. 2023.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**: Nova história da Guerra do Paraguai. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FIGUEIREDO, José de Lima. **Grandes soldados do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1939. v. 15.

MORAES, Eugênio Vilhena de. **O Duque de Ferro**: aspectos da figura de Caxias. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1933.

PILLAR, Olyntho Luna Freire do. **Os Patronos das Forças Armadas**. Coleção General Benício. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1966. v. 45.

PINHEIRO, Raimundo Teles. Carta ao Exmo Sr Presidente do Instituto do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**, Ceará, v. 84, n. 84, 1970. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1970/1970-CartaRaimundoTelesPinheiro.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2023.

ROESLER, Rafael. **Marechal José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque**: vida e trajetória militar. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas (FGV), Escola de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2021.

SCHIRMER, Pedro. **Das Virtudes Militares**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1987.

INSTRUÇÕES AOS AUTORES

Caso os diplomados queiram participar de nossa publicação, enviando artigos de opinião, resenhas ou mesmo artigos científicos, estes deverão ser encaminhados por via digital para os nossos endereços eletrônicos. www.eceme.ensino.eb.br (padeceme@eceme.eb.mil.br)

Os textos devem ser em "Times New Roman 12" espaço simples com termos estrangeiros em itálico. O tamanho sugerido do artigo deve ser de no máximo 4.000 palavras, podendo ter até 3 (três) ilustrações, com resolução de 300 dpi (entre figuras, mapas, imagens, desenhos, fotografias, gravuras, tabelas e gráficos) referidas o mais próximo possível da localização no texto e acompanhadas das respectivas legendas e fontes.

As normas para Referências Bibliográficas e Citações deverão seguir as recomendações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT/NBR 6023 e 10520 respectivamente). As citações deverão ser indicadas no texto pelo sistema de chamada autor-data, sendo sua correlação na lista de referências.

Os autores devem informar, se for o caso, local onde servem (nome da OM, cidade, estado e país) e a mais alta titulação.



ISSN 1677-1885



EXÉRCITO BRASILEIRO
Braço Forte - Mão Amiga



ISSN 1677-1885